

# OS UPANISHADS

Sopro Vital do Eterno



De acordo com a versão inglesa de  
SWAMI PRABHAVANANDA e  
FREDERICK MANCHESTER

PENSAMENTO

## SUMÁRIO

<b>PREFACIO</b>	<b>3</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>6</b>
<b>OS UPANISHADS</b>	<b>8</b>
<b>I. ISHA</b>	<b>10</b>
<b>II. KENA</b>	<b>13</b>
<b>III. KATHA</b>	<b>16</b>
<b>IV. PRASNA</b>	<b>23</b>
<b>V. MUNDAKA</b>	<b>28</b>
<b>VI. MANDUKYA</b>	<b>33</b>
<b>VII. TAITTIRIYA</b>	<b>35</b>
<b>VIII. AITAREYA</b>	<b>40</b>
<b>IX. CHANDOGYA</b>	<b>43</b>
<b>X. BRIHADARANYAKA</b>	<b>52</b>
<b>XI. SWETASVATARA</b>	<b>70</b>
<b>XII. KAIVALYA</b>	<b>78</b>

## PREFACIO

PARECEU-ME adequado que esta tradução dos *Upanishads* fosse acompanhada de algumas palavras com relação ao seu autor principal, Swami Prabhavananda.

O primeiro indício de que o futuro Swami iria seguir a vida religiosa surgiu aos treze anos quando ele leu *O Evangelho de Râmakrishna*,<sup>1</sup> um vasto volume no qual um discípulo do grande santo do século XIX relatou detalhada e fielmente a vida do dia-a-dia do Mestre e suas palestras. O fato de o garoto ter ficado fortemente impressionado pelo que leu ali sobre Swami Brahmananda foi profético, em parte devido a algo que o atraía até no nome monástico do Swami, e em parte em virtude da posição reconhecida de Swami Brahmananda como sendo, num sentido especial, o filho espiritual do santo.

Pouco tempo depois dessa primeira leitura do Evangelho, Swami Prabhavananda conheceu um discípulo, e também a viúva de Sri Râma-krishna, conhecida pelos devotos como Mãe Sagrada. Alguns anos depois, quando estava com dezoito anos, encontrou-se pela primeira vez com o próprio Swami Brahmananda. "Eu me senti imediatamente atraído por ele", diz Swami Prabhavananda, "como se ele fosse um amigo muito próximo e querido que eu não via há muito tempo. Eu nunca havia sentido tal amor antes na minha vida; era o amor dos pais e o amor de um amigo, tudo num só". Nos três meses seguintes a esse encontro, o chamado da religião tornou-se premente, e o jovem respondeu com a resolução esperada do Kshatriya que ele era. Somente uma coisa importava para ele:

ir imediatamente ter com Swami Brahmananda, que na ocasião estava residindo num mosteiro no sopé do Himalaia, no extremo norte da Índia. Haviam dito a ele que o santo homem não acolhia com prazer visitantes não esperados, mas ele não se importava com isso. Com o dinheiro originalmente destinado às taxas da universidade e aos seus gastos, enquanto estudasse, realizou o longo percurso de Calcutá até as montanhas. Eram quatro horas da manhã e ainda estava escuro quando penetrou nas terras do mosteiro e se encontrou no meio de inúmeros bangalôs, num dos quais - mas em qual? — poderia esperar encontrar o objeto da sua jornada. Caminhou diretamente para uma varanda, a fim de esperar ao lado de uma porta, mas, antes que pudesse sentar-se, o próprio Swami Brahmananda saiu exatamente por essa porta, e seu secretário por outra. Ao ver o garoto, Swami Brahmananda disse simplesmente: "Olá! Você está aqui." E, virando-se para o seu secretário: "Providencie um lugar para ele. Ele vai ficar."

Swami Prabhavananda foi iniciado como discípulo de Swami Brahmananda. Ele queria juntar-se imediatamente ao mosteiro, porém isso não era permitido. Ao final de um mês, seu mestre espiritual enviou-o de volta à universidade para que concluísse sua educação.

Seguiu-se então um período de dois anos, nos quais os interesses religiosos cederam lugar em sua mente a pensamentos políticos. Pela primeira vez em Bengala, estava-se organizando uma revolução contra o domínio britânico e, com ardor patriótico e coragem característica, Swami Prabhavananda forneceu o apoio que sua juventude e aparente ingenuidade mais o habilitavam a dar. Pareceu-lhe então que o grande dever dos hindus era lutar pela liberdade e, conseqüentemente, retirar-se do mundo para a vida monástica era, pelo menos para ele, injustificável. Aos vinte anos, graduou-se no City College of Calcutta e ingressou imediatamente num estudo posterior de seis meses no departamento de filosofia do Calcutta University College.

Foi durante umas curtas férias que sua sorte finalmente foi selada. Com o objetivo de estudar Shankara com Swami Shuddhananda, um especialista em sânscrito de grande reputação e discípulo do mundialmente famoso Swami Vivekananda, ele foi morar em Belur Math, o grande mosteiro no Ganges, perto de Calcutá. Nesse local, diariamente, Swami Shuddhananda discutia com ele a respeito da vida monástica e insistia com ele para que se tornasse um monge. A vigorosa oposição de Swami Prabhavananda continuou, mas não por muito tempo, pois uma outra influência compulsiva estava em ação. Swami Brahmananda estava hospedado no mosteiro, na ocasião, e Swami Prabhavananda estava freqüentemente com ele.

"Uma manhã", conta o Swami, falando a respeito do momento decisivo, "quando fui prostrar-me como de costume perante Maharaj" — como Swami Brahmananda era chamado — "um circunstante perguntou: 'Quando é que este garoto vai se tornar um monge?'. Maharaj olhou-me de cima a baixo e respondeu, calmamente: 'Quando Deus quiser.' E, quando ele disse essas palavras e olhou para mim, com uma inesquecível doçura nos olhos, todas as minhas idéias revolucionárias sofreram repentinamente uma revolução, e então descí e disse a Swami Shuddhananda: 'Acabo de entrar para o mosteiro'."

---

<sup>1</sup> Publicado pela Editora Pensamento, S. Paulo.

Falando a respeito de Swami Brahmananda, quando este ainda era jovem, Sri Râmakrishna disse, certa vez: "Rakhal tem a inteligência penetrante de um rei. Se ele o desejasse, poderia governar um grande reino." Essa observação teve um resultado apropriado. No decorrer dos últimos vinte anos da vida de Swami Brahmananda, ele serviu, com grande sucesso, como líder da Ordem de Râmakrishna. Suas aptidões de executivo estavam à altura da sua excelência espiritual. Na ocasião da partida de Swami Prabhavananda da Índia, quando foi escolhido por seus superiores como representante da religião hindu na América, um discípulo de Sri Râmakrishna lhe disse, referindo-se a Swami Brahmananda: "Nunca se esqueça de que você viu um Filho de Deus. Você viu Deus."

Esse, então, foi o homem de quem Swami Prabhavananda foi discípulo, e sob cuja orientação passou cerca de doze anos de sua vida. Durante quatro ou cinco meses desse período, mestre e discípulo viveram na maior intimidade; e ouvir o Swami falar a respeito dessa experiência é perceber que, na formação de um monge, do modo como esse processo era concebido por Swami Brahmananda, entrava tanto o amargo como o doce — sendo o amargo, entretanto, apenas a última e mais segura prova da doçura. Aquele a quem Deus ama, ele castiga. Em determinada ocasião, Swami Prabhavananda estava tão deprimido com as censuras do seu mestre que decidiu desertar o mosteiro e se esconder para sempre. Com esse pensamento, foi prostrar-se perante Maharaj e, silenciosamente, despedir-se dele. Maharaj disse-lhe que se sentasse e continuou durante algum tempo com suas sérias advertências, lembrando seu discípulo de todos os seus erros; então, com uma súbita mudança no seu procedimento, perguntou: "Você pensa que pode fugir de mim?" As suaves palavras que o Mestre falou dispersaram toda a mágoa do jovem. "Em nenhum momento antes disso", diz Swami Prabhavananda, "eu tinha estado tão profundamente consciente do seu amor e da sua proteção. Todo pensamento de fugir foi esquecido. Suas palavras acalmaram o meu coração ardente. Ele disse então: 'Nosso amor é tão profundo que não deixamos você saber quanto o amamos'."

A síntese do que estou tentando dizer é o seguinte: que Swami Prabhavananda introduz na sua interpretação dos *Upanishads* não somente uma familiaridade erudita com os textos sânscritos, mas também o conhecimento intuitivo que pôde ser extraído da sua íntima associação com alguém que personificava em sua mente e espírito, no mais elevado grau, a grande tradição intelectual e espiritual da Índia. Ele foi discípulo do discípulo de uma pessoa que veio a ser considerada na Índia como o último da sua lista de autênticos avatares.

Nossa meta nesta tradução não foi realizar uma interpretação literal e, sim, permitindo-nos tanta liberdade quanto julgamos desejável, transpor para um inglês simples e claro o sentido e o espírito do original. Com freqüência, por exemplo, quando tivemos de escolher entre seguir exatamente o texto e explicá-lo posteriormente através de uma nota, ou então ampliar o texto para incluir as explicações necessárias, adotamos a segunda alternativa. No começo de determinados *Upanishads*, onde uma tradução literal poderia ter resultado em aspereza desagradável ou em pobreza, acrescentamos — acreditamos que discretamente — algumas palavras. Além disso, de modo geral, nos sentimos livres para recorrer à paráfrase, para alterar a ordem dos detalhes, para omitir eventualmente palavras ou frases, talvez até mesmo uma oração, desde que tivéssemos certeza de estar preservando fielmente a substância e a intenção do original. Em resumo, dirigimos esta tradução mais para o público em geral, que se aproxima dos *Upanishads* para obter alimento espiritual, do que para o especialista profissional em sânscrito.

Com poucas exceções, os textos originais aqui traduzidos estão em verso. Com raras exceções, na tradução usamos a prosa. Apesar do que possa ter sido uma tentação natural, não fizemos nenhum esforço no sentido de utilizar a linguagem usada na *King James Version of the Bible*, mas exatamente o oposto, sentindo que agindo assim preservaríamos melhor o caráter especial da escritura hindu.

O Atman, do sânscrito, que significa o Deus interior, foi traduzido sempre por Eu,<sup>2</sup> embora o equivalente verbal desse termo não apareça em nenhum lugar na filosofia hindu. Achamos melhor nos beneficiarmos da associação cujo emprego já enriqueceu a palavra inglesa do que tentarmos naturalizar uma expressão estrangeira para os ocidentais, totalmente despida de conotação espiritual. A sílaba OM — símbolo de Brahman, ou Deus — é, para o hindu, divina; e em seus rituais é pronunciada com uma ressonância solene, indefinidamente prolongada. Nossa forma tipográfica para essa saudação ou bênção que é repetida várias vezes —

OM ... Paz - Paz - Paz

---

<sup>2</sup> *Self*, em inglês.

— pretende sugerir o mais aproximadamente possível o modo como é entoada.

Os desvios da prosa são leves. Nos cânticos que precedem os vários *Upanishads*, e especialmente no hino com o qual o Swetasvatara é concluído, utilizamos uma forma que não é prosa, e talvez nem mesmo verso, a não ser por cortesia, mas que nos pareceu produzir um realce que não pode ser imediatamente obtido na prosa habitual. Esse realce parece ser particularmente desejável para um hino, pois nele tanto a substância quanto a forma alcançam uma qualidade poética que os *Upanishads* não alcançam em nenhum outro lugar. Realmente, a forma que utilizamos foi mais o resultado de um acidente do que de um projeto. Uma passagem como

*Vós sois o fogo,  
Vós sois o Sol,  
Vós sois o ar,  
Vós sois a Lua,  
Vós sois o firmamento estrelado,  
Vós sois o Brahman Supremo:  
Vós sois as águas — vós,  
O Criador de tudo!*

— essa passagem, colocada na maneira sóbria da prosa, pareceria tolhida, confinada — ela pedia asas, não importa quão fracas fossem; e, uma vez que tínhamos optado pelo uso de letras maiúsculas e de linhas curtas rítmicas, achamos melhor completar o hino da melhor forma possível no mesmo estilo.

Os sumários acrescentados aos títulos não são realmente sumários, pois não fornecem um epítome proporcional das partes que precedem. Eles apenas indicam os temas dominantes.

Resta falar a respeito da minha participação no livro. Ela é secundária. Sendo o inglês a minha língua nativa, fiz o que era possível para ajudar Swami Prabhavananda em seu empreendimento. Ele sozinho assume a responsabilidade por todas as idéias e opiniões, por todas as interpretações e declarações.

FREDERICK MANCHESTER

## INTRODUÇÃO

AS MAIS ANTIGAS ESCRITURAS da Índia, e as mais importantes, são os Vedas. Todos os hindus ortodoxos reconhecem neles a origem da sua fé e o seu texto escrito mais autorizado.

Os Vedas são em número de quatro: o Rig, o Sama, o Yajur e o Atharva. Cada um deles está dividido em duas partes: Trabalho e Conhecimento. A primeira é composta principalmente de hinos, instruções com relação aos rituais e às cerimônias, e regras de conduta. A segunda diz respeito ao conhecimento de Deus, o aspecto mais elevado da verdade religiosa, e é denominada *Upanishads*.

O significado literal de *Upanishad*, "sentando perto devotadamente", traz à mente, de modo pitoresco, um discípulo dedicado aprendendo com seu mestre. A palavra também significa "ensinamento secreto" — secreto, sem dúvida, porque um ensinamento só é outorgado àqueles que estão espiritualmente prontos para recebê-lo. Outra interpretação ainda é fornecida pelo grande comentarista do século XVII, Shankara: conhecimento de Deus — "o conhecimento de Brahman, o conhecimento que destrói os laços da ignorância e leva à meta suprema da liberdade".

Não se sabe quantos *Upanishads* já existiram. Cento e oito foram preservados, que variam em extensão de algumas centenas a muitos milhares de palavras, alguns em prosa, outros em verso, e outros ainda parte em prosa e parte em verso. Variam enormemente no estilo e na forma, freqüentemente dentro do mesmo *Upanishad*, ora sendo simples e concreta-mente narrativos, ora sutil e abstratamente descritivos, assumindo muitas vezes, em ambos os casos, uma forma de diálogo. Seu tom também flutua, e a seriedade e elevação características encontram um alívio ocasional num humor primitivo. Não se sabe quem os escreveu e nem, com qualquer precisão, quando foram compostos. Os Rishis,<sup>3</sup> cujo conhecimento intuitivo eles personificam, permanecem totalmente nos bastidores, impessoais como a verdade que defenderam, estando suas vidas pessoais perdidas para sempre, inclusive os seus nomes:

*In the dark backward and abysm of time.*  
[No escuro reverso e no abismo do tempo.]

Dos cento e oito *Upanishads* que foram conservados, dezesseis foram reconhecidos por Shankara como autênticos e oficiais. Ele escreveu elaborados comentários sobre dez deles, que incluíam citações dos outros seis; e foram esses dez que vieram a ser encarados como os principais *Upanishads*. Seus nomes são os seguintes: *Isha*, *Kena*, *Katha*, *Prasna*, *Mundaka*, *Mandukya*, *Taittiriya*, *Aitareya*, *Chandogya*, *Brihadaranyaka*. Juntos, eles constituem, e provavelmente sempre constituirão, o principal objeto de atenção de todos os que conheçam a religião hindu.

Uma das características dos *Upanishads* é a sua homogeneidade. Muitas concepções que aparentemente diferem são encontradas neles, mas estas são, grosseiramente falando, encontradas em todos eles, e não distribuídas, uma num *Upanishad*, outra em outro. É verdade que um *Upanishad* poderá enfatizar certas idéias, ou determinado ponto de vista, mais do que o resto, ou poderá especializar-se num tópico específico; porém, tais distinções parecem com freqüência puramente acidentais, e nunca são importantes. As divisões entre os *Upanishads* podem, portanto, para todas as finalidades práticas, ser completamente abolidas, com todos os cento e oito *Upanishads* reduzidos a apenas um.

Uma característica mais importante surge do fato de os *Upanishads* representarem o trabalho de santos e profetas. Seus autores estavam preocupados em relatar o conhecimento intuitivo que veio a eles em pensamento ou visão, e não em tornar esse conhecimento superficialmente coerente. Eles não eram formadores de sistemas, e sim narradores de experiências. Temos de estar preparados, portanto, para encontrar aparentes inconsistências, para esquecer uma concepção pela absorção temporária em outra. Não devemos esperar encontrar toda a verdade reunida de uma vez para sempre numa formulação fácil, triunfante e consciente.

Outra característica ainda dos *Upanishads* está relacionada com a sua forma. Em nenhum outro lugar - poderia suspeitar um comendador — idéias foram registradas com tão pouca consideração quanto à sua conveniência. Em nenhum lugar existe um começo lógico, ou um final coerente. Além disso, em todas as ocasiões, a atenção não está focalizada nas partes, claramente reconhecidas como partes, e sim no todo — talvez numa afirmação concisa, completa e não analisada, ou em elementos particulares que formem, quando reunidos, uma concepção do momento.

---

<sup>3</sup> Nome dado aos videntes e sábios na literatura védica (*N. T.*).

Para realizar o estudo dos *Vedas*, de acordo com uma longa tradição, e mesmo de acordo com os próprios *Vedas*, temos de ter um mestre, ou Guru: "Aproximai-vos de um mestre", lemos no *Rik*, "com humildade e com desejo de servir"; e nos *Upanishads*: "A muitos não é concedido ouvir falar NAQUELE" - significando Deus - "que habita a eternidade. Muitos, embora ouçam falar dele, não o entendem. Maravilhoso é aquele que fala a respeito dele. Inteligente é aquele que aprende a respeito dele. Abençoado é aquele que, tendo aprendido com um bom mestre, é capaz de compreendê-lo."

A função de um bom mestre, como o hinduísmo o concebe, é dupla. Ele naturalmente explica as escrituras, em forma e conteúdo; porém, o que é ainda mais importante, ele ensina através da sua vida: através das suas ações diárias, das suas palavras mais casuais, algumas vezes até através do seu silêncio. O simples fato de estar perto dele, de servi-lo e de obedecer-lhe humilde e reverentemente significa acelerar o espírito; e a finalidade do estudo das escrituras não é mera ou primariamente informar o intelecto, e sim purificar e enriquecer a alma:

*Como são agradáveis o estudo e o ensinamento dos Vedas!  
Aquele que se ocupa com essas coisas alcança a concentração  
E não é mais um escravo de suas paixões;  
Piedoso, autocontrolado, disciplinado no espírito,  
Ergue-se para a celebridade e é uma bênção para a humanidade.*

Dissemos que o hindu ortodoxo encara os *Vedas* como o seu texto escrito mais autorizado. Qualquer escritura subsequente, para ser encarada por ele como válida, tem de ser compatível com os *Vedas*: poderá desenvolvê-los, ampliá-los, e ainda assim ser reconhecida; não poderá, porém, contradizê-los. Os *Vedas* representam para o hindu, o mais aproximadamente que um documento humano pode representar, a expressão da verdade divina. Ao mesmo tempo, seria um engano supor que sua lealdade à autoridade dos *Vedas* seja servil ou cega. Se ele os considera a palavra de Deus, é porque acredita que sua verdade seja comprovável, imediatamente, a qualquer momento, através da sua experiência pessoal. Se o hindu verificasse, após o devido exame, que não eram tão comprováveis, ele os rejeitaria. Se descobrisse que determinada parte deles não era tão comprovável, ele a rejeitaria. E nessa posição as escrituras, ele lhe dirá, o sustentam. O verdadeiro estudo, dizem os *Upanishads*, não é um estudo deles mesmos, e sim um estudo daquilo "através do qual percebemos o imutável". Em outras palavras, o verdadeiro estudo, na religião, significa vivência direta de Deus.

Na verdade, o termo *Vedas*, como é empregado pelos ortodoxos, não designa apenas um grande corpo de textos transmitidos de geração a geração, porém, em outro sentido, simboliza nada menos do que a verdade inexprimível da qual as escrituras são necessariamente um pálido reflexo. Considerados sob esse segundo aspecto, os *Vedas* são infinitos e eternos. Eles representam esse conhecimento perfeito que é Deus. Em resumo, eles são idênticos ao Verbo do cristão São João: "No início era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus."

# OS UPANISHADS

*Sopro Vital do Eterno*



*Assim como fumaça e faíscas se erguem de um fogo acendido com lenha umedecida, Maitreyi aspirou do Eterno todo o conhecimento e toda a sabedoria. — o que conhecemos como o Rig Veda, o Yajur Veda, e o resto. Eles são o fôlego do Eterno.*

- BRIHADARANYAKA

# I ISHA

*A Vida no mundo e a vida no espírito não são incompatíveis. O trabalho, ou a ação, não é contrário ao conhecimento de Deus, porém, na verdade, se realizado sem apego, é um instrumento para ele. Por outro lado, a renúncia significa renúncia do ego, do egoísmo - não da vida. A finalidade, tanto do trabalho como da renúncia, é conhecer o Eu interiormente e Brahman exteriormente, e perceber sua identidade. O Eu é Brahman, e Brahman é tudo.*

# ISHA

*Preenchidas totalmente com Brahman estão as coisas que vemos,*

*Preenchidas totalmente com Brahman estão as coisas que não vemos.*

*De Brahman flui tudo o que existe:*

*De Brahman, tudo - todavia, ele ainda é o mesmo.*

*OM... Paz - paz - paz.*

NO CORAÇÃO de todas as coisas, de tudo o que existe no Universo, habita Deus. Somente ele é realidade. Portanto, renunciando às vãs aparências, rejubilai-vos nele. Não cobiceis a riqueza de ninguém.

Bem pode ficar satisfeito de viver cem anos aquele que age sem apego — que realiza seu trabalho com zelo, porém sem desejo, não ansiando por seus frutos — ele, e somente ele.

Existem mundos sem sóis, cobertos pela escuridão. Para esses mundos vão depois da morte os ignorantes, assassinos do Eu.

O Eu é um só. Sendo imóvel, ele se move mais rápido do que o pensamento. Os sentidos não o alcançam, pois ele sempre vai primeiro. Permanecendo imóvel, ultrapassa tudo o que corre. Sem o Eu, não há vida.

Para o ignorante, o Eu parece mover-se — embora ele não se mova. Ele está muito distante do ignorante — embora esteja próximo. Ele está dentro de tudo, e está fora de tudo.

Aquele que vê todos os seres no Eu, e o Eu em todos os seres, não odeia ninguém.

Para a alma iluminada, o Eu é tudo. Para aquele que vê harmonia em todos os lugares, como pode haver ilusão ou pesar?

O Eu está em todos os lugares. Ele é brilhante, imaterial, sem mácula de imperfeição, sem osso, sem carne, puro, intocado pelo mal. Aquele que vê, Aquele que pensa, Aquele que está acima de tudo, o Auto-Existente — ele é aquele que estabeleceu a ordem perfeita entre objetos e seres desde o tempo que não tem princípio.

À escuridão estão destinados os que se dedicam apenas à vida no mundo, e a uma escuridão ainda maior os que se entregam apenas à meditação.

Viver somente no mundo leva a um resultado, meditar apenas leva a outro. Assim falaram os sábios.

Aqueles que se dedicam tanto à vida no mundo como à meditação superam a morte através da vida no mundo e atingem a imortalidade através da meditação.

À escuridão estão destinados os que cultuam somente o corpo, e a uma escuridão ainda maior os que veneram apenas o espírito.

Cultuar somente o corpo leva a um resultado, venerar apenas o espírito leva a outro. Assim falaram os sábios.

Os que veneram tanto o corpo como o espírito, pelo corpo vencem a morte, e pelo espírito atingem a imortalidade;<sup>4</sup>

A face da verdade está oculta por vosso obre dourado, ó Sol. Removei-o, para que Eu, que sou dedicado à verdade, possa contemplar a sua glória.<sup>5</sup>

Ó vós que alimentais, o único que vê, o que tudo controla — Ó Sol que ilumina, fonte de vida para todas as criaturas — retende a vossa luz, reuni os vossos raios. Possa Eu contemplar através da vossa graça a vossa forma mais abençoada. O Ser que aí habita - mesmo esse Ser sou Eu.

Permiti que minha vida agora se una à vida que tudo permeia. As cinzas são o fim do meu corpo. OM... Ó mente, lembrai-vos de Brahman. Ó mente, lembrai-vos das vossas ações passadas. Lembrai-vos de Brahman. Lembrai-vos das vossas ações passadas.

---

<sup>4</sup> Em sânscrito, este verso e os cinco precedentes são extremamente obscuros. Os comentaristas os explicam de diversas maneiras, e não muito claramente.

<sup>5</sup> Neste verso, o Sol simboliza o Eu, ou Brahman, como é comum nos *Vedas*. O orbe dourado, bem como os raios e a luz, do verso seguinte, é *Maya*, o mundo da aparência.

Ó deus Agni, levai-nos à felicidade. Vós conheceis nossas ações. Preservai-nos da ilusória atração do pecado. A vós oferecemos nossas saudações, uma e outra vez.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Este verso e o precedente constituem uma oração que é pronunciada no momento da morte. Ainda hoje são empregados pelos hindus nos seus rituais fúnebres. A mente é aconselhada a se lembrar de suas ações passadas porque são essas ações que acompanham a alma que parte e determinam a natureza da encarnação seguinte. Como a cremação envolve o fogo, é natural que seja dirigida pelo deus do fogo, Agni. O deus é invocado aqui na sua própria personalidade e também como um símbolo de Brahman.

## II KENA

*O poder que está por trás de todas as atividades da Natureza e do homem é o poder de Brahman. Perceber essa verdade é tornar-se imortal.*

## KENA

*Que a quietude desça sobre os meus membros,  
Minha fala, meu fôlego, meus olhos, meus ouvidos;  
Que todos os meus sentidos se tornem claros e fortes.  
Que Brahman se mostre a mim.  
Que eu jamais negue Brahman, e nem Brahman a mim.  
Eu com ele e ele comigo - possamos morar sempre  
juntos.  
Que seja revelada a mim,  
Que sou dedicado a Brahman,  
A sagrada verdade dos Upanishads.  
OM... Paz - paz - paz.*

QUEM COMANDA a mente para que ela pense? Quem ordena que o corpo viva? Quem faz a língua falar? Quem é o Ser radiante que conduz o olho à forma e à cor, e o ouvido ao som?

O Eu é o ouvido do ouvido, a mente da mente, a fala da fala. Ele também é o alento do alento, o olho do olho. Ao abandonarem a falsa identificação do Eu com os sentidos e com a mente, e ao saberem que o Eu é Brahman, os sábios, ao deixarem este mundo, tornam-se imortais.

O olho não o vê, nem a língua o exprime, nem a mente o alcança. Não o conhecemos e nem podemos ensiná-lo. Ele é diferente do conhecido, e diferente do desconhecido. Foi o que ouvimos dos sábios.

Aquilo que não pode ser expresso em palavras mas pelo qual a língua fala — sabei que é Brahman. Brahman não é o ser que é adorado pelos homens.

Aquilo que não é compreendido pela mente, mas pelo qual a mente compreende — sabei que é Brahman. Brahman não é o ser que é adorado pelos homens.

Aquilo que não é visto pelo olho, mas pelo qual o olho vê — sabei que é Brahman. Brahman não é o ser que é adorado pelos homens.

Aquilo que não é ouvido pelo ouvido, mas pelo qual o ouvido ouve - sabei que é Brahman. Brahman não é o ser que é adorado pelos homens.

Aquilo que não é trazido pelo sopro vital, mas pelo qual o sopro vital é trazido, sabei que é Brahman. Brahman não é o ser que é adorado pelos homens.

Se pensais que conheceis bem a verdade de Brahman, sabei que conheceis pouco. O que pensais ser Brahman no vosso Eu, ou o que pensais ser Brahman nos deuses — não é Brahman. Deveis, portanto, aprender o que é realmente a verdade de Brahman.

Não posso dizer que conheço Brahman totalmente. Nem posso dizer que não o conheço. Aquele dentre nós que melhor o conhece é quem entende o espírito das palavras: "Eu nem sei que não o conheço".

Aquele que verdadeiramente conhece Brahman é quem sabe que ele está além do conhecimento; aquele que pensa que sabe, não sabe. O ignorante pensa que Brahman é conhecido, porém os sábios sabem que ele está além do conhecimento.

Aquele que percebe a existência de Brahman por trás de todas as atividades do seu ser - seja sensação, percepção ou pensamento — somente ele obtém a imortalidade. Através do conhecimento de Brahman, vem o poder. Através do conhecimento de Brahman, revela-se a vitória sobre a morte.

Abençoado o homem que enquanto ainda vive percebe Brahman. O homem que não o percebe sofre sua maior perda. Quando deixam esta vida, os sábios, que perceberam Brahman como o Eu em todos os seres, tornam-se imortais.

Em determinada ocasião, os deuses obtiveram uma vitória sobre os demônios e, apesar de o terem feito apenas através do poder de Brahman, ficaram extremamente vaidosos. Eles disseram a si próprios: "Fomos nós que derrotamos os nossos inimigos, e a glória é nossa."

Brahman percebeu a vaidade deles e apareceu diante deles. Porém eles não o reconheceram.

Os outros deuses então disseram ao deus do fogo: "Fogo, descobri para nós quem é esse misterioso espírito."

"Sim", disse o deus do fogo, e aproximou-se do espírito. O espírito lhe disse:

"Quem sois vós?"

"Sou o deus do fogo. Aliás, sou muito conhecido."

"E que poder exerceis?"  
"Posso queimar qualquer coisa que exista sobre a Terra."  
"Queimai isto", disse o espírito, colocando palha à sua frente.  
O deus do fogo caiu em cima da palha com toda a sua força, mas não pôde consumi-la. Então voltou rapidamente para junto dos outros deuses e disse:  
"Não posso descobrir quem é esse misterioso espírito."  
Os outros deuses disseram então ao deus do vento: "Vento, descobri para nós quem é ele."  
"Sim", disse o deus do vento, e aproximou-se do espírito. O espírito lhe disse:  
"Quem sois vós?"  
"Sou o deus do vento. Aliás, sou muito conhecido. Vão velozmente através dos céus."  
"E que poder exerceis?"  
"Posso soprar para longe qualquer coisa que se encontre sobre a Terra."  
"Soprai isto para longe", disse o espírito, colocando palha diante dele.  
O deus do vento caiu em cima da palha com toda a sua força, porém foi incapaz de movê-la. Então, voltou rapidamente para junto dos outros deuses e disse:  
"Não posso descobrir quem é esse misterioso espírito."  
Os outros deuses disseram então a Indra, o maior deles todos: "Ó respeitável, descobri para nós, nós vos suplicamos, quem é ele."  
"Sim", disse Indra, e aproximou-se do espírito. Porém o espírito desapareceu, e em seu lugar surgiu Uma, a Deusa-Mãe, bem-adornada e de uma beleza extraordinária. Contemplando-a, Indra perguntou:  
"Quem era o espírito que apareceu para nós?"  
"Aquele", respondeu Uma, "era Brahman. Foi através dele, e não de vós mesmos, que obtivestes a vitória e a glória."  
Desse modo, Indra, o deus do fogo e o deus do vento, reconheceram Brahman.  
O deus do fogo, o deus do vento e Indra - eles superaram os outros deuses, pois chegaram mais perto de Brahman, e foram os primeiros a reconhecê-lo.  
Porém, dentre todos os deuses, Indra é supremo, pois ele foi dos três o que chegou mais perto de Brahman, e foi o primeiro deles a reconhecê-lo.  
Essa é a verdade de Brahman com relação à Natureza: seja no clarão do relâmpago, ou no piscar dos olhos, o poder que aparece é o poder de Brahman.  
Essa é a verdade de Brahman com relação ao homem: nos movimentos da mente, o poder que aparece é o poder de Brahman. Por esse motivo, um homem deveria meditar sobre Brahman de dia e de noite.  
Brahman é o adorável ser em todos os seres. Meditai sobre ele assim. Aquele que medita desse modo sobre ele é respeitado por todos os outros seres.

### **Um Discípulo**

Senhor, ensinai-me mais sobre o conhecimento de Brahman.

### **O Mestre**

Já vos revelei o conhecimento secreto. Austeridade, autocontrole, execução das tarefas sem apego — esse é o corpo daquele conhecimento. Os *Vedas* são os seus membros. A verdade é a sua verdadeira alma.

Aquele que alcança o conhecimento de Brahman, livrando-se de todo o mal, encontra o Eterno, o Supremo.

OM ... Paz - paz - paz.

### III KATHA

*O segredo da imortalidade é encontrado na purificação do coração, na meditação, na realização da identidade do Eu interiormente e de Brahman exteriormente. Pois a imortalidade é simplesmente a união com Deus.*



# KATHA

*Om...  
Que Brahman nos proteja,  
Que ele nos guie,  
Que nos dê força e entendimento correto.  
Que o amor e a harmonia estejam com todos nós.  
OM... Paz - paz - paz.*

EM DETERMINADA OCASIÃO, Vajasrabasa, esperando obter um favor divino, executou um ritual que exigia que ele se desfizesse de todos os seus bens. Ele teve o cuidado, porém, de sacrificar somente o seu gado e, dele, somente os animais inúteis - os velhos, os estéreis, os cegos e os aleijados. Ao observar essa avareza, Nachiketa, seu filho mais novo, cujo coração havia recebido a verdade ensinada nas escrituras, disse para si mesmo: "Certamente, um devoto que ousa levar presentes tão inúteis está destinado à total escuridão!" Refletindo assim, dirigiu-se ao pai e falou:

"Pai, eu também vos pertencço: para quem *me* dareis?"

Seu pai não respondeu; porém, quando Nachiketa repetiu a pergunta uma e outra vez, ele replicou impacientemente:

"Eu vos darei à Morte!"

Nachiketa disse então para si mesmo: "Sou de fato o melhor dentre os filhos e discípulos de meu pai, ou estou, pelo menos, na categoria intermediária, não na pior; porém, de que valor serei para o Rei da Morte?" Estando, porém, determinado a seguir a palavra do pai, disse:

"Pai, não vos arrependais da vossa promessa! Considerai como tem acontecido com aqueles que partiram antes, e como será com aqueles que vivem agora. Como o milho, um homem amadurece e cai ao solo; como o milho, ele brota novamente na estação propícia."

Após falar assim, o rapaz viajou para a casa da Morte.

Porém o deus não estava em casa, e Nachiketa esperou durante três noites. Quando finalmente o Rei da Morte voltou, seus servos lhe disseram:

"Um Brahmin, parecido com uma chama de fogo, chegou à vossa casa como hóspede, e vós não estáveis aqui. Desse modo, uma oblação deverá ser feita a ele. Ó Rei, deveis receber vosso hóspede com todos os rituais costumeiros, pois se o chefe de uma casa não mostrar a devida hospitalidade a um Brahmin, perderá o que mais preza — os méritos das suas boas ações, sua integridade, seus filhos e seu gado."

O Rei da Morte, então, aproximou-se de Nachiketa e deu-lhe as boas-vindas com palavras polidas.

"Ó Brahmin", disse ele, "Eu vos saúdo. Vós sois de fato um hóspede digno de todo respeito. Permite, eu vos imploro, que nenhum mal caia sobre mim! Passastes três noites em minha casa e não recebestes minha hospitalidade; pedi, portanto, três dádivas - uma para cada noite."

"Ó Morte", replicou Nachiketa, "que assim seja. E como primeira dessas dádivas peço que meu pai não fique ansioso a meu respeito, que sua ira se acalme, e que, quando me mandardes de volta, ele me reconheça e me dê as boas-vindas."

"Pela minha vontade", declarou a Morte, "vosso pai vos reconhecerá e vos amará como antes; e, ao ver-vos vivo novamente, ficará com a mente tranqüila, e dormirá em paz."

Nachiketa então disse: "No céu não há medo de modo algum. Vós, Ó Morte, não estais lá, nem naquele lugar onde o pensamento de ficar velho faz com que a pessoa estremeça. Lá, livres da fome e da sede, e longe do alcance da dor, todos rejubilam e são felizes. Vós conheceis, Ó Rei, o sacrifício do fogo que leva ao céu. Ensinai-me esse sacrifício, pois estou cheio de fé. Esse é o meu segundo desejo."

Consentindo, então, a Morte ensinou ao rapaz o sacrifício do fogo, e todos os rituais e cerimônias que o acompanhavam. Nachiketa repetiu tudo o que havia aprendido, e a Morte, satisfeita com ele, disse:

"Vou conceder-vos uma dádiva adicional. A partir de hoje esse sacrifício será denominado Sacrifício Nachiketa, em vossa homenagem. Escolhei agora vossa terceira dádiva."

Nachiketa, então, pensou consigo mesmo, e disse:

"Quando um homem morre, há esta dúvida: Alguns dizem que ele existe; outros dizem que ele não existe. Se vós me ensinásseis, eu conheceria a verdade. Esse é o meu terceiro desejo."

"Não", replicou a Morte, "mesmo os deuses certa vez ficaram intrigados com esse mistério. A verdade com relação a isso é realmente sutil, não é fácil de ser compreendida. Escolhei alguma outra dádiva, Ó Nachiketa."

Porém, Nachiketa não quis aceitar a recusa.

"Vós dizeis, Ó Morte, que mesmo os deuses certa vez estiveram intrigados com esse mistério, e que ele não é fácil de ser compreendido. Certamente, não há melhor mestre para explicá-lo do que vós - e não existe outra dádiva igual a essa."

O deus replicou, mais uma vez tentando Nachiketa:

"Pedi filhos e netos que viverão cem anos. Pedi gado, elefantes, cavalos, ouro. Escolhei para vós um poderoso reino. Ou, se não puderdes imaginar algo melhor, pedi isto: não apenas doces prazeres, mas também o poder, além de qualquer pensamento, para experimentar sua doçura. Sim, verdadeiramente, farei de vós o supremo desfrutador de todas as coisas boas. Donzelas celestiais, de beleza excepcional, que não foram destinadas a mortais — mesmo essas, com suas carruagens e seus instrumentos musicais, eu vos darei, para vos servirem. Não me peçais, porém, Ó Nachiketa, o mistério da morte!"

Nachiketa, contudo, manteve-se firme e disse: "Essas coisas durarão somente até o dia seguinte, Ó Destruidor da Vida, e os prazeres que elas conferem desgastam os sentidos. Ficai, portanto, com os cavalos e as carruagens, com a dança e a música, para vós mesmo! Como poderá desejar a riqueza, Ó Morte, aquele que uma vez já viu a vossa face? Não, apenas a dádiva que escolhi — somente isso eu peço. Tendo descoberto a companhia do imperecível e do imortal, como quando vos conheci, como poderei eu, sujeito à decadência e à morte, e conhecendo bem a vaidade da carne — como poderei desejar vida longa?"

"Contai-me, Ó Rei, o supremo segredo com relação ao qual os homens mantêm dúvidas. Não solicitarei qualquer outra dádiva."

Com o que, o Rei da Morte, bem satisfeito em seu coração, começou a ensinar a Nachiketa o segredo da imortalidade.

## O Rei da Morte

O bem é uma coisa; o prazer é outra. Esses dois, diferindo em seus propósitos, incitam à ação. Abençoados são aqueles que escolhem o bem; aqueles que escolhem o prazer não atingem o objetivo. Tanto o bem como o prazer se apresentam ao homem. Os sábios, após examinarem ambos, distinguem um do outro. Os sábios preferem o bem ao prazer; os tolos, levados por desejos carnis, preferem o prazer ao bem.

Vós, Ó Nachiketa, após haverdes observado os desejos carnis, agradáveis aos sentidos, renunciastes a todos eles. Vós vos desviastes do caminho lamacento no qual muitos homens se atolam.

Distantes um do outro, e levando a diferentes desígnios, encontram-se a ignorância e o conhecimento. Eu vos considero, Ó Nachiketa, como alguém que anseia pelo conhecimento, pois uma infinidade de objetos agradáveis foram incapazes de tentar-vos.

Vivendo no abismo da ignorância, embora julgando-se sábios, tolos iludidos dão voltas e voltas, cegos levados por cegos.

Ao jovem irrefletido, enganado pela vaidade das posses terrenas, não é mostrado o caminho que leva à morada eterna. *Somente este mundo é real: não existe depois* — pensando assim, ele cai uma e outra vez, nascimento após nascimento, dentro das minhas mandíbulas.

A muitos não é concedido ouvir sobre o Eu. Muitos, embora ouçam a respeito dele, não o compreendem. Maravilhoso é aquele que fala a respeito do Eu. Inteligente é aquele que aprende a respeito do Eu. Abençoado é aquele que, tendo aprendido com um bom mestre, é capaz de compreendê-lo.

A verdade do Eu não pode ser completamente compreendida quando ensinada por um homem ignorante, pois as opiniões a respeito dele, não fundamentadas no conhecimento, variam de um para outro. Mais sutil do que o mais sutil é esse Eu, e além de toda lógica. Ensinado por um mestre que saiba que o Eu e Brahman são um só, um homem deixa para trás a vã teoria e atinge a verdade.

O despertar que conhecestes não vem do intelecto, e sim, totalmente, dos lábios dos sábios. Bem-amado Nachiketa, abençoado, abençoado sois vós, porque procurais o Eterno. Quisera eu ter mais discípulos como vós!

Bem sei que os tesouros terrestres duram pouco. Pois não fiz eu mesmo, desejando ser o Deus da Morte, o sacrifício com o fogo? O sacrifício, porém, foi uma coisa efêmera, realizada com objetos fugazes, e pequena é minha recompensa, considerando que meu reino só durará por um momento.

A finalidade do desejo mundano, os objetos fulgurantes que todos os homens almejam, os prazeres celestiais que esperam obter através de rituais religiosos — tudo isso esteve ao vosso alcance. Porém, a tudo isso renunciastes, com firme resolução.

O antigo, fulgurante ser, o Espírito que habita interiormente, sutil, profundamente oculto no lótus do coração, é difícil de ser conhecido. Porém, o homem sábio, que segue o caminho da meditação, conhece-o, e se torna liberto tanto do prazer como da dor.

O homem que aprendeu que o Eu está separado do corpo, dos sentidos e da mente, e que o conheceu por completo, a alma da verdade, o princípio sutil - tal homem verdadeiramente o alcança, e se torna extremamente satisfeito, pois encontrou a fonte e o local onde habita toda a felicidade. Verdadeiramente acredito, Ó Nachiketa, que as portas da felicidade estão abertas para vós.

### Nachiketa

Ensina-me, Ó Rei, eu vos suplico, o que sabeis estar além do certo e do errado, além da causa e do efeito, além do passado, do presente e do futuro.

### O Rei da Morte

Do objetivo que todos os *Vedas* proclamam, o qual está implícito em todas as penitências, e em busca do qual homens levam vidas de continência e de serviço, dele falarei sucintamente.

Ele é - OM.

Esta sílaba é Brahman. Esta sílaba é de fato suprema. Aquele que a conhece realiza o seu desejo.

Ela é o apoio mais forte. É o símbolo mais elevado. Aquele que a conhece é reverenciado como um conhecedor de Brahman.

O Eu, cujo símbolo é OM, é Deus onisciente. Ele não nasce. Ele não morre. Ele não é nem causa nem efeito. Esse Ser Antigo não nasceu, é eterno, imperecível; embora o corpo seja destruído, ele não é aniquilado.

Se o assassino pensa que ele mata, se o assassinado crê que ele é morto, nenhum dos dois conhece a verdade. O Eu não mata nem é morto.

Menor do que o menor, maior do que o maior, esse Eu habita para sempre dentro dos corações de todos. Quando um homem está livre de desejos, com sua mente e seus sentidos purificados, ele contempla a glória do Eu e está sem sofrimento.

Apesar de sentado, ele viaja para longe; embora descansando, ele move todas as coisas. Quem, a não ser o mais puro dos puros, pode perceber esse Ser Fulgurante, que é a felicidade e que está além da felicidade?

Ele não possui forma, embora habite a forma. No meio do transitório, ele permanece perene. O Eu é supremo e tudo permeia. O homem sábio, conhecendo-o em sua verdadeira natureza, transcende toda dor.

O Eu não é conhecido através do estudo das escrituras, nem através da sutileza do intelecto, nem através de muito aprendizado. Mas é conhecido por aquele que anseia por ele.<sup>7</sup> O Eu revela verdadeiramente a ele o seu genuíno ser.

Um homem não poderá conhecê-lo através do aprendizado, se não desistir do mal, se não controlar seus sentidos, se não acalmar sua mente, e se não praticar a meditação.

Para ele os Brahmins e os Kshatriyas são apenas alimento, e a morte é em si um condimento.

Tanto o eu individual como o Eu Universal penetraram na caverna do coração, o domicílio do Mais Alto, porém os conhecedores de Brahman e os chefes de família que realizam os sacrifícios do fogo enxergam a diferença entre eles como entre a luz do Sol e a sombra.

Possamos realizar o Sacrifício Nachiketa, que transpõe o mundo do sofrimento. Possamos conhecer o imperecível Brahman, que nada teme, e que é o objetivo e o refúgio daqueles que procuram a liberação.

Sabei que o Eu é o cavaleiro, e que o corpo é a carruagem; que o intelecto é o cocheiro, e que a mente são as rédeas.<sup>8</sup>

Os sentidos, dizem os sábios, são os cavalos; as estradas por onde passam são os labirintos do desejo. Os sábios consideram o Eu como aquele que se deleita quando está unido ao corpo, aos sentidos e á mente.

Quando um homem não possui discernimento e sua mente está desgovernada, seus sentidos são incontroláveis, como os cavalos rebeldes de um cocheiro. Porém, quando um homem possui discernimento e sua mente está controlada, seus sentidos, como os cavalos bem-domados de um cocheiro, obedecem alegremente às rédeas.

---

<sup>7</sup> Existe uma outra interpretação desta frase, que envolve o mistério da graça: "Aquele que o Eu escolhe, por esse ele é alcançado."

<sup>8</sup> Na psicologia hindu, a mente é o órgão da percepção.

Aquele que não possui discernimento, cuja mente está instável e cujo coração está impuro, nunca alcança o objetivo, e nasce sempre de novo. Mas aquele que possui discernimento, cuja mente está firme e cujo coração é puro, atinge a meta e, após tê-la alcançado, não nasce nunca mais.

O homem que possui um entendimento sólido como cocheiro, uma mente controlada como rédeas - ele é que atinge o final da jornada, a morada suprema de Vishnu, o que tudo permeia.<sup>9</sup>

Os sentidos originam-se dos objetos físicos, os objetos físicos, da mente; a mente, do intelecto; o intelecto, do ego; o ego, da semente não-manifestada; e a semente não-manifestada, de Brahman — a Causa sem Causa.

Brahman é o fim da jornada. Brahman é a meta suprema. Esse Brahman, esse Eu, profundamente oculto em todos os seres, não é revelado a todos; mas àqueles que vêm, puros de coração, de mente concentrada — a eles é revelado.

Os sentidos do homem sábio obedecem à sua mente; sua mente obedece ao seu intelecto; seu intelecto obedece ao seu ego; e seu ego obedece ao Eu.

Acordai! Acordai! Aproximai-vos dos pés do Mestre e conhecei AQUELE. O caminho é como a lâmina afiada de uma navalha, dizem os sábios. É estreito e difícil de trilhar!

Sem som, sem forma, intangível, imperecível, sem gosto, sem cheiro, eterno, sem começo, sem fim, imutável, além da Natureza, assim é o Eu. Quem o conhece como tal está livre da morte.

### O Narrador

O homem sábio, tendo escutado e aprendido a verdade eterna revelada a Nachiketa pelo Rei da Morte, é glorificado no céu de Brahman.

Aquele que canta com devoção esse segredo supremo na assembléia dos Brahmins é recompensado com dádivas imensuráveis!

### O Rei da Morte

O Auto-existente fez com que os sentidos se voltassem para fora. Conseqüentemente, o homem olha para o exterior, e não vê o que está no interior. Raro é aquele que, ansiando pela imortalidade, fecha os olhos para o exterior e contempla o Eu.

Os tolos seguem os desejos da carne e caem na armadilha da morte que tudo abrange; porém os sábios, sabendo que o Eu é eterno, não procuram as coisas transitórias.

Aquele através de quem o homem vê, saboreia, cheira, ouve, sente e tem prazer é o Senhor onisciente.

Ele é, verdadeiramente, o Eu imortal. Quem o conhece, conhece todas as coisas.

Aquele através de quem o homem vivência os estados de sono ou de vigília é o Eu que tudo permeia. Quem o conhece não sofre mais.

Aquele que sabe que a alma individual, que aproveita os frutos da ação, é o Eu — que está sempre presente interiormente, senhor do tempo, do passado e do futuro — expulsa de si todo o medo. Pois esse Eu é o Eu imortal.

Aquele que vê o Que-Nasceu-Primeiro - nascido da mente de Brahman, nascido antes da criação das águas — e o vê habitando o lótus do coração, vivendo entre elementos físicos, efetivamente vê Brahman. Pois esse Que-Nasceu-Primeiro é o Eu imortal.<sup>10</sup>

Aquele ser que é o poder de todos os poderes, e que nasceu como tal, que se incorpora nos elementos e existe nestes, e que penetrou no lótus do coração, é o Eu imortal.

Agni, o que tudo vê, o que se esconde nos gravetos, como uma criança bem-protegida no útero, que é venerado diariamente por almas despertas, e por aqueles que oferecem oblações no fogo do sacrifício — ele é o Eu imortal.<sup>11</sup>

Aquele no qual o Sol se levanta e no qual se põe, aquele que é a fonte de todos os poderes da Natureza e dos sentidos, aquele que não pode ser transcendido por nada — esse é o Eu imortal.

---

<sup>9</sup> Vishnu aqui equívale a Brahman.

<sup>10</sup> Brahman, a existência absoluta, impessoal, quando associado com o poder denominado *Maya* - o poder de evoluir como universo empírico - é conhecido como Hiranyagarbha, o Que-Nasceu-Primeiro.

<sup>11</sup> A referência diz respeito ao sacrifício védico. Agni, cujo nome significa fogo, é considerado como podendo ver tudo, o fogo simbolizando Brahman, o Revelador; os dois gravetos, que quando esfregados produzem o fogo, representam o coração e a mente do homem.

O que está dentro de nós também está fora de nós. O que está fora também está dentro. Aquele que vê diferença entre o que está dentro e o que está fora segue eternamente de morte para morte.

Brahman só pode ser alcançado pela mente purificada. Apenas Brahman é - nada mais é. Aquele que vê o universo múltiplo, e não a única realidade, segue eternamente de morte para morte.

Aquele ser, do tamanho de um polegar, habita profundamente dentro do coração.<sup>12</sup> Ele é o senhor do tempo, do passado e do futuro. Quem o alcança nada mais teme. Verdadeiramente, ele é o Eu imortal.

Aquele ser, do tamanho de um polegar, é como uma chama sem fumaça. Ele é o senhor do tempo, do passado e do futuro, o mesmo hoje e amanhã. Verdadeiramente, ele é o Eu imortal.

Como a chuva que cai numa colina, com torrentes descendo pelo lado, assim corre aquele que depois de muitos nascimentos vê a multiplicidade do Eu.

Como a água pura derramada dentro da água pura permanece pura, assim o Eu permanece puro, Ó Nachiketa, ao se unir com Brahman.

Ao Não-Nascido, cuja luz da consciência brilha para sempre, pertence à cidade de onze portões.<sup>13</sup> Aquele que medita sobre o governante dessa cidade não conhece mais sofrimento. Ele atinge a liberação, e para ele não pode mais haver nascimento ou morte. Pois o governante dessa cidade é o Eu imortal.

O Eu imortal é o Sol que brilha no céu, é a brisa que sopra no espaço, é o fogo que queima no altar, é o hóspede que habita a casa; ele está em todos os homens, está nos deuses, está no éter, está onde quer que esteja a verdade; ele é o peixe que nasce na água, é a planta que cresce no solo, é o rio que jorra da montanha — ele, a realidade imutável, o ilimitável!

Ele, o adorável, instalado no coração, é o poder que dá o sopro vital. Todos os sentidos o homenageiam.

O que pode permanecer quando o habitante desse corpo abandona a concha grande demais, já que ele é, verdadeiramente, o Eu imortal?

O homem não vive apenas do sopro vital e, sim, daquele dentro do qual está o poder do sopro vital.

E agora, Ó Nachiketa, eu lhe falarei a respeito do que não pode ser visto, o Brahman eterno, e do que acontece com o Eu depois da morte.

Dentre aqueles que ignoram o Eu, alguns entram em seres que possuem ventre, outros entram em plantas — de acordo com suas ações e com o crescimento de suas inteligências.

Aquele que está desperto em nós mesmo enquanto dormimos, moldando em sonho os objetos do nosso desejo — esse é realmente puro, esse é Brahman, e esse verdadeiramente é chamado o Imortal. Todos os mundos têm seus seres nele, e ninguém pode transcendê-lo. Esse é o Eu.

Assim como o fogo, apesar de ser único, toma a forma de todos os objetos que consome, também o Eu, embora único, toma a forma de todos os objetos que habita.

Assim como o Sol, que revela todos os objetos àquele que vê, não é atingido pelo olho pecador, nem pelas impurezas dos objetos que fita, também o Eu único, habitando em tudo, não é tocado pelos males do mundo. Pois ele transcende tudo.

Ele é único, o senhor e o mais profundo Eu de tudo; a partir de uma forma ele faz de si mesmo muitas formas. Àquele que vê o Eu revelado em seu próprio coração pertence a eterna bem-aventurança - a ninguém mais, a ninguém mais!

Inteligência do inteligente, eterno entre o que é transitório, ele, embora único, torna possível os desejos de muitos. Àquele que vê o Eu revelado em seu próprio coração pertence a paz eterna — e a ninguém mais, a ninguém mais!

### Nachiketa

De que modo, Ó Rei, encontrarei esse bem-aventurado Eu, supremo, inexprimível, que é alcançado pelos sábios? Ele brilha por si mesmo ou reflete a luz de outrem?

---

<sup>12</sup> Os sábios atribuem ao Eu um tamanho definido, pequeno, de modo a auxiliar o discípulo na meditação.

<sup>13</sup> O Não-Nascido é o Eu; a cidade de onze portões é o corpo com suas aberturas: os olhos, os ouvidos, etc.

## O Rei da Morte

Ele não é iluminado pelo Sol, nem pela Lua, nem pelas estrelas, nem pelo relâmpago — nem, verdadeiramente, pelo fogo aceso na Terra. Ele é a única luz que fornece luz para tudo. Brilhando ele, tudo brilha.

Este Universo é uma árvore que existe eternamente, com suas raízes voltadas para cima e seus galhos espalhados embaixo. A raiz pura da árvore é Brahman, o imortal, em quem os três mundos têm sua existência, a quem ninguém pode transcender, que é verdadeiramente o Eu.<sup>14</sup>

Todo o Universo veio de Brahman e se move em Brahman. Poderoso e terrível é ele, semelhante ao trovão que explode nos céus. Para os que o alcançam a morte não contém terror.

Com medo dele o fogo queima, o Sol brilha, a chuva cai, os ventos sopram, e a morte mata.

Se um homem falha em alcançar Brahman antes de abandonar o corpo, terá novamente de colocar um corpo no mundo das coisas criadas.

Na alma de uma pessoa, Brahman é percebido claramente, como se fosse visto num espelho. Também no céu de Brahman, Brahman é claramente percebido, do mesmo modo como uma pessoa distingue a luz da escuridão. No mundo dos pais ele é contemplado como num sonho.<sup>15</sup> No mundo dos anjos ele aparece como se estivesse refletido na água.

Os sentidos têm origens separadas nos seus diversos objetos. Eles podem estar ativos, como no estado de vigília, ou podem estar inativos, como no sono. Aquele que sabe que eles são distintos do Eu imutável não sofre mais.

Acima dos sentidos está a mente. Acima da mente está o intelecto. Acima do intelecto está o ego. Acima do ego está a semente não-manifestada, a Causa Primordial.

Verdadeiramente, além da semente não-manifestada está Brahman, o espírito que tudo permeia, o incondicionado, e quem o conhece obtém a liberdade e alcança a imortalidade.

Ninguém o contempla com os olhos, pois ele não tem forma visível. Porém, no coração, ele é revelado pelo autocontrole e pela meditação. Os que o conhecem se tornam imortais.

Quando todos os sentidos estão imóveis, quando a mente está em repouso, quando o intelecto não treme — esse, dizem os sábios, é o estado mais elevado.

Essa serenidade dos sentidos e da mente foi definida como ioga. Aquele que a obtém liberta-se da ilusão.

Naquele que não está livre da ilusão essa serenidade é incerta, irreal: ela vem e vai. As palavras não podem revelar Brahman, a mente não pode alcançá-lo, os olhos não podem vê-lo. Como, então, a não ser através daqueles que o conhecem, pode ele ser conhecido?

Existem dois eus, o Eu aparente e o Eu verdadeiro. Desses dois, é o Eu verdadeiro, e somente ele, que deve ser sentido como realmente existindo. Ao homem que o sentiu como realmente existindo ele revela sua mais profunda natureza.

O mortal em cujo coração o desejo está morto torna-se imortal. O mortal em cujo coração os nós da ignorância são desatados torna-se imortal. Essas são as verdades mais elevadas ensinadas nas escrituras.

Existem cento e um nervos que se irradiam do lótus do coração. Desses nervos ascende o lótus de mil pétalas do cérebro. Se, quando um homem morre, sua força vital subir e passar através desse nervo, ele atinge a imortalidade; porém, se sua força vital passar através de outro nervo, ele vai para outro plano de existência, e permanece sujeito ao nascimento e à morte.

A Pessoa Suprema, do tamanho de um polegar, o Eu mais profundo, habita para sempre os corações de todos os seres. Como extraímos a seiva da cana, assim deve o aspirante à verdade, com grande perseverança, separar o Eu do corpo. Sabei que o Eu é puro e imortal — sim, puro e imortal!

## O Narrador

Tendo aprendido do deus esse conhecimento e todo o processo da ioga, Nachiketa foi libertado das impurezas e da morte, e se uniu a Brahman. Assim também será com outro se ele conhecer o Eu mais profundo.

Om... Paz — paz — paz.

---

<sup>14</sup> Os "três mundos" são o céu, a terra e o inferno.

<sup>15</sup> Os pais são os espíritos dos mortos bem-intencionados que habitam em outro mundo, colhendo os frutos das suas boas ações, porém sujeitos ao renascimento.

## IV PRASNA

*O Homem é composto de elementos como o sopro vital, ações, pensamento, e os sentidos - obtendo todos sua existência do Eu. Eles surgiram do Eu, e no Eu finalmente desaparecerão — como as águas de um rio desaparecem no mar.*

## PRASNA

*OM . . .*

*Com nossos ouvidos, ouçamos o que é bom.*

*Com nossos olhos, contemplemos vossa integridade.*

*Tranqüilos no corpo, possamos nós, que vos veneramos,  
encontrar descanso.*

*OM . . . Paz - paz - paz.*

*OM . . . Salve o Eu supremo!*

SUKESHA, Satyakama, Gargya, Kousalya, Bhargava e Kabandhi, devotos e buscadores da verdade do supremo Brahman, aproximaram-se com fé e humildade do sábio Pippalada.

Disse o sábio: praticai a austeridade, a continência e a fé por um ano; fazei então as perguntas que desejardes. Se eu puder, responderei.

Após um ano, Kabandhi aproximou-se do mestre e perguntou:

"Senhor, como foi que as criaturas começaram a existir?"

"O Senhor dos seres", replicou o sábio, "meditou e produziu Prana, a energia primordial, e Rayi, a doadora da forma, desejando que eles, macho e fêmea, produzissem de inúmeras maneiras criaturas para ele.

"Prana, a energia primordial, é o Sol; e Rayi, a substância que dá a forma, é a Lua.

"Seja conhecido que todo este Universo, aquilo que é grosseiro e aquilo que é sutil, é uma coisa só com Rayi. Conseqüentemente, Rayi é onipresente.

"Do mesmo modo, o Universo é uma coisa só com Prana. O Sol que se levanta impregna o Leste, e enche com energia todos os seres que ali habitam; e, do mesmo modo, quando seus raios caem no Sul, no Oeste, no Norte, no zênite, no nadir e nas regiões intermediárias, ele dá vida a todos os seres que ali habitam.

"O Prana é a alma do Universo, e assume todas as formas; ele é a luz que anima e ilumina tudo como está escrito:

*"O sábio conhece aquele que assume todas as formas, que é radiante, que tudo sabe, que é a única luz que dá luz a tudo. Ele se levanta como o Sol de mil raios, e permanece em lugares infinitos."*

"Prana e Rayi, unindo-se, dividem o ano. Dois são os caminhos do Sol — dois são os caminhos que os homens percorrem depois da morte. Eles são os caminhos do Sul e do Norte.

"Aqueles que desejam descendentes e se dedicam a dar esmolas e realizar rituais, e consideram essas as mais elevadas realizações, alcançam o mundo da Lua e renascem diversas vezes sobre a Terra. Eles percorrem o caminho do Sul, que é o caminho dos pais, e é na verdade Rayi, a criadora das formas.

"Porém, aqueles que são dedicados à veneração do Eu, através da austeridade, da continência, da fé e do conhecimento, percorrem o caminho do Norte e atingem o mundo do Sol. O Sol, a luz é, na verdade, a fonte de toda energia. Ele é imortal, está além do medo; é a meta suprema. Para aquele que vai para o Sol não existe mais nascimento ou morte. O Sol acaba com o nascimento e a morte.

"Prana e Rayi, unindo-se, formam o mês. A quinzena escura é Rayi, a clara é Prana. Os sábios executam seus rituais devocionais à luz, com conhecimento; os tolos, na escuridão, na ignorância.

"O alimento é Prana e Rayi. Do alimento é produzida a semente, e da semente, por sua vez, nascem todas as criaturas.

"Aqueles que veneram o mundo da criação produzem crianças; mas somente aqueles que são firmes na continência, na meditação e na verdade atingem o mundo de Brahman.

"O mundo puro de Brahman só pode ser atingido por aqueles que não são mentirosos, perversos ou falsos."

Bhargava, então, aproximou-se do mestre e perguntou:

"Sagrado senhor, quantos poderes contém este corpo? Quais os que mais se manifestam nele? E qual é o maior?"

"Os poderes", replicou o sábio, "são o éter, o ar, a água e a terra - que são os cinco elementos que compõem o corpo; e, além desses, a fala, a mente, o olho, o ouvido e o restante dos órgãos sensoriais. Uma vez esses poderes fizeram a orgulhosa declaração: 'Nós mantemos o



corpo unido e o sustentamos.' Prana, a energia primordial, suprema sobre todos eles, lhes disse: 'Não vos enganais. Sou eu sozinho que, ao me dividir cinco vezes, mantenho o corpo unido e o sustento.' Mas eles não acreditaram nisso.

"Prana, para se justificar, fingiu que ia abandonar o corpo.. Porém, quando se levantou e pareceu estar indo embora, todos os outros perceberam que, se ele fosse embora eles também teriam que partir; e quando Prana se sentou novamente, os outros acharam seus respectivos lugares. Como as abelhas saem quando sua rainha sai e voltam quando ela volta, assim foi com a fala, a mente, a visão, a audição, e o restante. Convencidos do seu erro, os poderes então louvaram Prana, dizendo:

" 'Como fogo, Prana queima; como o Sol, ele brilha; como nuvem, ele chove; como Indra, governa os deuses; como vento, ele sopra; como a Lua, nutre a todos. Ele é aquilo que é visível, e também aquilo que é invisível. Ele é a vida imortal.

" 'Como os raios do cubo de uma roda, tudo é firmado em Prana — O *Rig*, O *Yajur*, O *Sama*, todos os sacrifícios, os Kshatriyas e os Brahmins.

" 'Ó Prana, senhor da criação, vós vos moveis dentro do útero, e nasceis novamente. Para vós que, como o sopro vital, habitais o corpo, todas as criaturas trazem oferendas.

" 'Vós, como fogo, levais oblações aos deuses; e através de vós os pais recebem suas oferendas. Dais a cada órgão dos sentidos sua função.

" 'Prana, vós sois o criador; sois o destruidor, pela vossa bravura; e sois o protetor. Vós vos moveis no céu como o Sol, e sois o senhor das luzes.

" 'Prana, quando derramais a chuva, vossas criaturas rejubilam, esperando encontrar alimento tanto quanto desejarem.

" 'Vós sois a própria pureza, sois o amo de tudo que existe, sois o fogo, o devorador das oferendas, Nós, os órgãos dos sentidos, oferecemos a vós o vosso alimento — a vós, o pai de todos.

" 'Vosso poder, que habita na palavra, no ouvido e no olho, e que permeia o coração — fazei com que ele seja propício, e não nos abandoneis.

" 'Tudo o que existe no Universo depende de vós, Ó Prana. Protegei-nos como uma mãe protege seus filhos. Concedei-nos prosperidade e sabedoria."

Quando chegou a vez de Kousalya, ele fez a seguinte pergunta:

"Mestre, de que nasce o Prana; como ele entra no corpo; e como ele vive ali depois de se dividir; como ele sai; como ele vivência o que está no exterior; e como mantém unidos o corpo, os sentidos e a mente?"

O sábio replicou assim:

"Kousalya, fazeis perguntas muito difíceis; porém, como sois um buscador sincero da verdade de Brahman, devo responder.

"Prana nasce do Eu. Como um homem e sua sombra, o Eu e Prana são inseparáveis. Prana penetra no corpo por ocasião do nascimento, para que os desejos da mente, que vêm de vidas passadas, possam ser preenchidos.

"Do mesmo modo como um rei emprega oficiais para governar diferentes partes do seu reino, assim Prana associa a si mesmo quatro outros Pranas, cada um sendo uma parte dele mesmo, e sendo atribuída a cada um uma função diferente.

"O próprio Prana habita o olho, o ouvido, a boca e o nariz; Apana, o segundo Prana, governa os órgãos de excreção e os órgãos reprodutores; Samana, o terceiro Prana, habita o umbigo, e governa a digestão e a assimilação.

"O Eu habita o lótus do coração, de onde são irradiados cento e um nervos. De cada um desses se originam cem outros, menores, e de cada um desses, mais uma vez, setenta e dois mil outros, que são ainda menores. Em todos esses se move Vyana, o quarto Prana.

"Então, no momento da morte, através do nervo localizado no centro da espinha, Udana, que é o quinto Prana, leva o homem virtuoso para um nascimento mais elevado, o homem pecador para um nascimento inferior, e o homem que é ao mesmo tempo virtuoso e pecador ao renascimento no mundo dos homens.

"O Sol é o Prana do Universo. Ele se levanta para auxiliar o Prana que está no olho do homem a ver. O poder da Terra mantém o Apana no homem. O éter entre o Sol e a Terra é o Samana, e o ar que tudo permeia é Vyana. Udana é o fogo e, portanto, aquele cujo calor corporal se apagou morre, e posteriormente seus sentidos são absorvidos pela mente, e ele torna a nascer.

"Qualquer que seja o pensamento que um homem tenha no momento da morte, é este que o une com Prana, que, por sua vez, ao se unir com Udana e com o Eu, leva o homem a renascer no mundo dos méritos.

"A progênie daquele que conhece Prana como eu vos revelei nunca é interrompida; e ele próprio se torna imortal.

"Diz um ditado antigo: Aquele que conhece o Prana - onde ele tem sua origem, como entra no corpo, como vive ali depois de se dividir cinco vezes, quais são seus trabalhos interiores - atinge a imortalidade, sim, até a imortalidade."

Gargya então perguntou:

"Mestre, quando o corpo de um homem dorme, quem é que dorme interiormente, quem está acordado, e quem está sonhando? Quem então experimenta a felicidade, e com quem estão unidos os órgãos sensoriais?"

"Do mesmo modo como os raios do Sol, Ó Gargya, quando ele se põe", replicou o sábio, "se reúnem em seu disco de luz, para saírem novamente quando ele se levanta, assim os sentidos se reúnem na mente, o mais elevado deles. Desse modo, quando um homem não ouve, não vê, não cheira, não saboreia, não toca, não fala, não agarra ou não tem prazer, dizemos que ele dorme.

"Então, somente os Pranas estão acordados no corpo, e a mente é levada para mais perto do Eu.

"Enquanto sonha, a mente revive suas impressões passadas. Seja o que for que tenha visto, vê novamente; seja o que for que tenha desfrutado nos vários países e nos diversos cantos da Terra, desfruta de novo. O que foi visto e não foi visto, ouvido e não ouvido, aproveitado e não aproveitado, tanto o real como o irreal, ela vê; sim, ela vê tudo.

"Quando a mente está dominada por sono profundo, ela não sonha mais. Ela descansa alegremente no corpo.

. "Como os pássaros, meu amigo, voam para as árvores para descansar, todas essas coisas voam para o Eu: a terra e sua essência particular, a água e sua essência particular, o fogo e sua essência particular, o ar e sua essência particular, o éter e sua essência particular, o olho e o que ele vê, o ouvido e o que ele ouve, o nariz e o que ele cheira, a língua e o que ela saboreia, a pele e o que ela toca, a voz e o que ela fala, as mãos e o que elas seguram, os pés e aquilo sobre o que caminham, a mente e o que ela percebe, o intelecto e o que ele compreende, o ego aquilo de que ele se apropria, o coração e o que ele ama, a luz e o que ela ilumina, a energia e o que ela mantém unido.

"Pois, na verdade, é o Eu que vê, ouve, cheira, saboreia, pensa, sabe, age. Ele é Brahman, cuja essência é o conhecimento. Ele é o Eu imutável, o Supremo.

"Aquele que conhece o imutável, o puro, o sem sombra, o incorpóreo, o sem cor, atinge Brahman, ó meu amigo. Tal pessoa se torna conhecedora de tudo, e habita em todos os seres. A respeito dela está escrito:

"Aquele que conhece o Eu imutável, no qual vivem a mente, os sentidos, os Pranas, os elementos - tal pessoa verdadeiramente conhece todas as coisas, e percebe o Eu em tudo."

Satyakama, então, aproximando-se do Mestre, disse:

"Venerável senhor, se um homem meditar sobre a sílaba OM durante toda a vida, qual será a sua recompensa depois da morte?"

O mestre respondeu-lhe assim:

"Satyakama, OM é Brahman - tanto o condicionado como. o incondicionado, tanto o pessoal e como o impessoal. Ao meditar sobre ele, o homem sábio pode atingir tanto um como o outro.

"Se ele meditar sobre OM com pouco conhecimento do seu significado, mas mesmo assim for iluminado, quando morrer renascerá imediatamente sobre a Terra e, durante essa nova vida, se dedicará à austeridade, à continência e à fé, e alcançará a grandeza espiritual.

"Se ele meditar sobre OM com maior conhecimento do seu significado, quando morrer ascenderá ao céu lunar e, após haver partilhado de seus prazeres, voltará novamente à Terra.

"Porém, se ele meditar sobre OM com total consciência de que OM é uma coisa só com Deus, ao morrer ele se unirá à luz que está no Sol, libertar-se-á de todo mal, do mesmo modo como a cobra se liberta do lamaçal, e ascenderá ao lugar onde Deus habita. Ali ele perceberá Brahman, que permanece para sempre no coração de todos os seres — o Supremo Brahman!

"A respeito da sílaba sagrada OM está escrito o que se segue:

*"A sílaba OM, quando não é totalmente compreendida, não leva além da mortalidade. Quando é totalmente compreendida e a meditação é, por consequência, corretamente dirigida, o homem se liberta do medo, esteja ele acordado, sonhando ou dormindo o sono sem sonhos, e alcança Brahman.*

Em virtude de um pequeno entendimento de OM, um homem retorna à Terra depois da morte. Em virtude de um maior entendimento, ele atinge a esfera celestial. Em virtude de um completo entendimento, ele aprende o que é conhecido apenas por aqueles que vêem. O sábio, com a ajuda de OM, alcança Brahman, o que não tem medo, o que não decai, o imortal!"

Por último, Sukesha aproximou-se do sábio e disse:

"Sagrado senhor, Híryanabha, príncipe de Kosala, fez-me certa vez esta pergunta: 'Sukesha, conheces o Eu e suas dezesseis partes?' Eu repliquei: 'Não conheço. Certamente, se as conhecesse, eu as teria ensinado a vós. Não mentirei, pois aquele que mente perece por completo.' O príncipe entrou silenciosamente em sua carruagem e foi embora. Assim, agora eu vos pergunto, onde está o Eu?"

O sábio replicou:

"Minha criança, dentro desse corpo habita o Eu, de quem jorraram as dezesseis partes do Universo; e desse modo elas surgiram:

"Se, ao criar, penetro na minha criação", refletiu o Eu, "o que existe lá para me vincular a ela; o que existe lá para eu deixar quando for embora, e para permanecer dentro quando eu fico?" Ponderando dessa maneira, e em resposta ao seu pensamento, ele criou o Prana; e do Prana criou o desejo; e do desejo criou o éter, o ar, o fogo, a água, a terra, os sentidos, a mente e o alimento; e do alimento criou o vigor, a penitência, os Vedas, os rituais de sacrifício, e todos os mundos. Depois, então, nos mundos, ele criou nomes. E o número de elementos que assim criou foi dezesseis.

"Do mesmo modo como os rios que correm, cujo destino é o mar e que, quando o atingem, desaparecem nele, perdendo seus nomes e suas formas, falando os homens apenas do mar, assim essas dezesseis partes criadas pelo Eu, o Eterno Vidente, a partir do seu próprio ser, após retornarem a ele, de quem vieram, desaparecem nele, seu destino, perdendo seus nomes e formas, e as pessoas falam somente do Eu. Para o homem, então, as dezesseis partes não existem mais, e ele atinge a imortalidade.

"Diz um ditado antigo:

*"As dezesseis partes são raios que se projetam do Eu, que é o cubo da roda. O Eu é a meta do conhecimento. Conhecei-o e ide além da morte."*

O sábio concluiu, dizendo:

"O que vos contei é tudo o que pode ser dito a respeito do Eu, o Supremo Brahman. Além disso, não há nada."

Os discípulos veneraram o sábio e disseram:

"Vós sois de fato o nosso pai. Vós nos haveis levado além do mar da ignorância.

"Nós nos inclinamos diante de todos aqueles que vêem!

"Reverência aos grandes que vêem!"

OM ... Paz — paz — paz.

## V MUNDAKA

*Como os inúmeros objetos dos sentidos são meras emanações de Brahman, conhecê-los em si próprios não é suficiente. Como todas as ações dos homens representam apenas fases do processo universal da criação, a ação sozinha não é suficiente.*

*O sábio deve distinguir entre conhecimento e sabedoria. O conhecimento está ligado a coisas, ações e relações. Porém a sabedoria está ligada apenas a Brahman; e além de todas as coisas, ações e relações, ele permanece para sempre. Tomar-se uma coisa só com ele representa a única sabedoria.*

# MUNDAKA

*OM . . .*

*Com nossos ouvidos, ouçamos o que é bom.*

*Com nossos olhos, contemplemos vossa integridade.*

*Tranqüilos no corpo, possamos nós, que vos veneramos,  
encontrar descanso.*

*OM . . . Paz - paz - paz.*

DO INFINITO OCEANO da existência surgiu Brahman, primogênito e o primeiro entre os deuses. Dele jorrou o Universo, e ele se tornou seu protetor. O conhecimento de Brahman, alicerce de todo conhecimento, ele revelou a seu filho primogênito, Atharva.

Atharva, por sua vez, ensinou esse mesmo conhecimento de Brahman a Angi. Angi ensinou-o a Satyabaha, que o revelou a Angiras.

Certa vez, Sounaka, o famoso chefe de família, dirigiu-se a Angiras e perguntou-lhe respeitosamente:

"Sagrado senhor, o que é aquilo através do qual todo o resto é conhecido?"

"Aqueles que conhecem Brahman", replicou Angiras, "dizem que existem dois tipos de conhecimento, o superior e o inferior.

"O inferior é o conhecimento dos Vedas (O Rig, O Sama, O Yajur e o Atharva), e também o conhecimento da fonética, dos cerimoniais, da gramática, da etimologia, da métrica e da astronomia.

"O mais elevado é o conhecimento daquilo através do qual se conhece a realidade imutável. Através disso, é totalmente revelado aos sábios aquilo que transcende os sentidos, que não tem causa, que é indefinível, que não tem olhos nem ouvidos, nem mãos nem pés, que tudo permeia, que é mais sutil do que o mais sutil - o que dura eternamente, a origem de tudo.

"Como a teia vem da aranha, como as plantas crescem do solo e o cabelo do corpo do homem, assim jorra o Universo do eterno Brahman.

"Brahman quis que fosse assim, e extraiu de si mesmo a causa material do Universo; disso veio a energia primordial; e da energia primordial a mente; da mente os elementos sutis; dos elementos sutis os diversos mundos; e de ações realizadas por seres nos diversos mundos a cadeia de causa e efeito — a recompensa e punição das ações.

"Brahman tudo vê, tudo sabe; ele é o próprio conhecimento. Dele nascem a inteligência cósmica, o nome, a forma, e a causa material de todos os seres criados e das coisas."

Finitos e transitórios são os frutos dos rituais de sacrifício. Os iludidos, que os encaram como os mais elevados bens, permanecem sujeitos ao nascimento e à morte.

Vivendo no abismo da ignorância, porém sábios em seu próprio conceito, os iludidos dão voltas e voltas, como cegos levados por cegos.

Vivendo no abismo da ignorância, embora sábios em seu próprio conceito, os iludidos se crêem abençoados. Apegados a palavras, não conhecem Deus. As ações levam-nos apenas ao céu, onde, para sua tristeza, suas recompensas rapidamente se esgotam, e são lançados de volta à Terra.

Ao considerarem a religião como sendo a execução de rituais e a prática de ações de caridade, os iludidos permanecem ignorantes do bem mais elevado. Após aproveitar no céu a recompensa das suas boas ações, eles penetram novamente no mundo dos mortais.

Porém as almas sábias e tranqüilas e que possuem autocontrole -que estão satisfeitas em espírito, e que praticam a austeridade e a meditação na solidão e no silêncio — são libertadas de toda impureza, e atingem, através do caminho da liberação para o imortal, o que verdadeiramente existe, o imutável Eu.

Que o homem dedicado à vida espiritual examine cuidadosamente a natureza efêmera de tal prazer, seja aqui ou no além, como pode ser obtido através de boas ações, e perceba assim que não é pelas ações que se ganha o Eterno.

Que não dê atenção às coisas transitórias, e sim que, absorto na meditação, renuncie ao mundo. Para conhecer o Eterno, que se aproxime humildemente de um Guru dedicado a Brahman e que conheça bem as escrituras.

A um discípulo que se aproxima reverentemente, que é tranqüilo e possui autocontrole, o mestre sábio, sinceramente e sem restrição, fornece esse conhecimento através do qual é conhecido o que verdadeiramente existe, o Eu imutável.

O Imperecível é o Real. Assim como inúmeras fagulhas sobem de um fogo flamejante, das profundezas do Imperecível surgem todas as coisas. Para as profundezas do Imperecível elas tornam a descer.

Dotado de luz própria é esse Ser, e não possui forma. Ele habita dentro de tudo e fora de tudo. Ele nunca nasceu, é puro, maior do que o maior, não possui alento, não possui mente.

Dele nascem o sopro vital, a mente, os órgãos dos sentidos, o éter, o ar, o fogo, a água e a terra, e ele mantém tudo isso unido.

O céu é a sua cabeça, o Sol e a Lua os seus olhos, as quatro fases os seus ouvidos, as escrituras reveladas a sua voz, o ar o seu fôlego, o Universo o seu coração. Dos seus pés veio a Terra. Ele é o mais profundo Eu de todos.

Dele surge o céu iluminado pelo Sol, do céu a chuva, da chuva o aumento, e do alimento a semente que o homem dá à mulher.

Assim, todas as criaturas descendem dele.

Dele saem os hinos, os cantos devocionais, as escrituras, os rituais, os sacrifícios, as oblações, as divisões do tempo, o que age e a ação, e todos os mundos iluminados pelo Sol e purificados pela Lua.

Dele nascem deuses de diversas descendências. Dele nascem anjos, homens, feras, pássaros; dele nascem a vitalidade e o alimento para sustentá-la; dele vêm a austeridade e a meditação, a fé, a verdade, a continência e a lei.

Dele jorram os órgãos dos sentidos, suas atividades, e seus objetos, junto com a consciência desses objetos. Todas essas coisas, partes da natureza do homem, saem dele.

Nele os mares e as montanhas têm sua origem; dele jorram os rios, e dele nascem as ervas e outros elementos que sustentam a vida, com a ajuda dos quais o corpo sutil do homem subsiste no corpo físico.

Assim, Brahman é tudo em tudo. Ele é ação, conhecimento, bondade suprema. Conhecê-lo, oculto no lótus do coração, é desatar o nó da ignorância.

Dotado de luz própria é Brahman, sempre presente nos corações de todos. Ele é o refúgio de todos, é a meta suprema. Nele existe tudo o que se move e respira. Nele existe tudo o que é. Ele é ao mesmo tempo aquilo que é grosseiro e tudo aquilo que é sutil. Ele é adorável. Ele está além do alcance dos sentidos. Ele é supremo. Atingi-o!

Ele, o dotado de luz própria, mais sutil do que o mais sutil, em quem existem todos os mundos e todos os que neles habitam — esse é o imperecível Brahman. Ele é o princípio da vida. Ele é a palavra, e ele é a mente. Ele é real. Ele é imortal. Atingi-o, Ó meu amigo, a única meta a ser atingida!

Juntai-vos ao Upanishad, o arco incomparável, a flecha afiada do culto devocional; então, com a mente absorta e o coração fundido no amor, arremessai a flecha e acertai o alvo - o imperecível Brahman.

OM é o arco, a flecha é o ser individual, e Brahman é o alvo. Mirai com o coração tranqüilo. Perdei-vos dentro dele, do mesmo modo como a flecha se perde no alvo.

Nele estão reunidos o céu e a Terra, junto com a mente e todos os sentidos. Conhecei-o, apenas o Eu. Desisti de conversas fúteis. Ele é a ponte da imortalidade.

Dentro do lótus do coração ele habita, onde, como os raios de uma roda, os nervos se encontram. Meditai nele como OM. Facilmente podereis atravessar o mar da escuridão.

Esse Eu, que tudo compreende, que tudo sabe, e cuja glória está manifesta no Universo, mora dentro do lótus do coração, o trono brilhante de Brahman.

Ele é conhecido pelos puros de coração. O Eu existe no homem, dentro do lótus do coração, e é o mestre da sua vida e do seu corpo. Com a mente iluminada pelo poder da meditação, os sábios o conhecem, o abençoado, o imortal.

O nó do coração, que é a ignorância, se afrouxa, todas as dúvidas se dissolvem, todos os efeitos malignos das ações são destruídos, quando ele, que é ao mesmo tempo pessoal e impessoal, é percebido.

No fulgurante lótus do coração habita Brahman, que não possui paixões e é indivisível. Ele é puro, ele é a luz das luzes. Ele é alcançado pelos conhecedores do Eu.

O Sol não o ilumina, nem a Lua, nem as estrelas, nem o relâmpago - nem, na verdade, fogos acesos sobre a Terra. Ele é a luz que dá luz a tudo. Quando ele brilha, tudo brilha.

Esse Brahman imortal está na frente, esse Brahman imortal está atrás, esse Brahman imortal se estende para a direita e para a esquerda, para cima e para baixo. Verdadeiramente, tudo é. Brahman e Brahman é supremo.

Como dois pássaros de plumagem dourada, inseparáveis companheiros, assim o Eu individual e o Eu imortal se empoleiraram nos galhos da mesma árvore. O primeiro prova as frutas doces e amargas da árvore; o último, nada experimentando, observa calmamente.

O Eu individual, iludido pelo esquecimento da sua identidade com o Eu divino, confundido pelo seu ego, sofre e fica triste. Porém, quando reconhece o Venerável Senhor como seu verdadeiro Eu e contempla sua glória, não sofre mais.

Quando o que vê contempla o Fulgurante, o Senhor, o Ser Supremo, então, transcendendo tanto o bem como o mal, e libertando-se das impurezas, une-se a ele.

O Senhor é a única vida que brilha em cada criatura. Ao vê-lo presente em tudo, o homem sábio é humilde, não se coloca à frente de nada. Seu deleite está no Eu, sua alegria está no Eu, ele serve ao Senhor em tudo. Como ele, de fato, são os verdadeiros conhecedores de Brahman.

Esse Eu fulgurante deve ser percebido dentro do lótus do coração através da continência, da firmeza na verdade e na meditação e pela visão superconsciente. Com suas impurezas extintas, os que vêem o percebem.

Só a verdade tem sucesso, e não a falsidade. O caminho da verdade é aberto através da verdade, o caminho que é seguido pelos sábios, libertos dos desejos, e que os leva à morada eterna da verdade.

Brahman supremo ;ele é autoluminoso, está além de todo pensamento. Ele é mais sutil, do que o mais sutil, mais veloz do que o mais veloz, mais próximo do que o mais próximo. Ele habita o lótus do coração de todos os seres.

Os olhos não o vêem, a palavra não pode pronunciar-lo, os sentidos não podem alcançá-lo. Ele não é alcançado nem por austeridades nem por rituais de sacrifício. Quando o coração se torna puro através da discriminação, então, na meditação, o Eu Impessoal é revelado.

O Eu sutil dentro do corpo que vive e respira é percebido naquele estado de consciência puro onde não existe dualidade — aquele estado de consciência através do qual o coração bate e os sentidos executam suas funções.

Seja do céu, ou dos prazeres celestes, seja dos desejos, ou dos objetos do desejo, qualquer pensamento que surja no coração do sábio é satisfeito. Assim, que aquele que procura seu próprio bem venere e adore o sábio.

O sábio conhece Brahman, o alicerce de tudo, o puro ser fulgurante em quem está contido o Universo. Os que veneram o sábio, e o fazem sem pensar em si, cruzam a fronteira do nascimento e da morte.

Aquele que, meditando a respeito de objetos dos sentidos, vem a ansiar por eles, nasce aqui- e ali, vezes e vezes sem fim, levado pelo desejo. Porém aquele que percebeu o Eu, e dessa forma satisfaz toda fome, alcança a liberação até mesmo nesta vida.

O Eu não é conhecido através do estudo das escrituras, nem através das sutilezas do intelecto, nem através de muito aprendizado. Porém é conhecido por aquele que anseia por ele. A esse verdadeiramente, o Eu revela seu verdadeiro ser.

O Eu não é conhecido pelos fracos, nem pelos descuidados, nem pelos que não meditam corretamente. Mas pelos que meditam corretamente, pelos sérios e pelos fortes, ele é completamente conhecido.

Após conhecerem o Eu, os sábios se enchem de felicidade. Tornam-se abençoados, tranqüilos na mente e livres de paixões. Percebendo em todos os lugares o Brahman que tudo permeia, profundamente absortos na contemplação do seu ser, penetram nele, o Eu de todos.

Após terem verificado e percebido completamente a verdade do *Vedanta.*, após terem-se estabelecido na pureza de conduta por seguirem a ioga da renúncia, esses grandes atingem a imortalidade nesta mesma vida; e, quando seus corpos os abandonam na hora da morte, atingem a liberação.

Quando a morte surpreende o corpo, a energia vital penetra na força cósmica, os sentidos se dissolvem na sua causa e os armas e a alma individual se perdem em Brahman, o puro, o imutável, o infinito.

Do mesmo modo como os rios correm para o mar e, ao fazerem isso, perdem o nome e a forma, assim o homem sábio, liberto do nome e da forma, alcança o Ser Supremo, o Autoluminoso, o Infinito.

Aquele que conhece Brahman torna-se Brahman. Ninguém que ignore Brahman nasce jamais na sua família. Ele passa além de todo sofrimento. Ele supera o mal. Liberto dos grilhões da ignorância, torna-se imortal.

Que a verdade de Brahman seja ensinada somente àqueles que obedecem à sua lei, que são dedicados a ele, e que são puros de coração. Que ela jamais seja ensinada aos impuros.

Salve os sábios! Salve as almas iluminadas!  
Essa verdade sobre Brahman foi ensinada em tempos remotos a Shounaka por Angira. Salve os sábios! Salve as almas iluminadas!

OM ... Paz - paz - paz.



## VI MANDUKYA

*A vida do homem é dividida entre o estado de vigília, o sonho e o sono sem sonhos. Porém, transcendendo esses três estados, encontra-se a visão superconsciente - denominada simplesmente O Quarto.*

# MANDUKYA

*OM . . .*

*Com nossos ouvidos, ouçamos o que é bom. Com nossos olhos, contemplemos vossa integridade. Tranqüilos no corpo, possamos nós, que vos veneramos, encontrar descanso. OM . . . Paz - paz - paz.*

A SÍLABA OM, que é o imperecível Brahman, é o Universo. Seja o que for que já tenha existido, seja o que for que exista, seja o que for que vá existir daqui para diante, é OM. E seja o que for que transcenda o passado, o presente e o futuro, também é OM.

Tudo o que vemos exteriormente é Brahman. Esse Eu que está no interior é Brahman.

Esse Eu, que é uma coisa só com OM, possui três aspectos, e, além desses três, diferente deles e indefinível - O Quarto.

O primeiro aspecto do Eu é a pessoa universal, o símbolo coletivo dos seres criados, na sua natureza física - Vaiswanara. Ele está desperto, e está consciente apenas dos objetos exteriores. Ele possui sete membros. Os céus são a sua cabeça, o Sol, os seus olhos, o ar, o seu alento, o fogo, o seu coração, a água, o seu ventre, a terra, os seus pés, e o espaço, o seu corpo. Ele possui dezenove instrumentos de conhecimento: cinco órgãos do sentido, cinco órgãos de ação, cinco funções de respiração, junto com a mente, o intelecto, o coração e o ego. Ele é o que desfruta os prazeres dos sentidos.

O segundo aspecto do Eu é a pessoa universal na sua natureza mental — Taijasa. Ele tem sete membros e dezenove instrumentos de conhecimento. Sonha, e está consciente somente dos seus sonhos. Nesse estado, ele é o que desfruta das impressões sutis, na mente, das ações que realizou no passado.

O terceiro aspecto do Eu é a pessoa universal no sono sem sonhos — Prajna. Ele não sonha. Ele é sem desejo. Como a escuridão da noite cobre o dia, e o mundo visível parece desaparecer, assim, no sono sem sonhos, o véu da inconsciência envolve seu pensamento e conhecimento, e aparentemente as impressões sutis desaparecem da sua mente. Como ele não experimenta discórdia nem ansiedade, é considerado abençoado, é o que experimenta a bem-aventurança.

Prajna é o senhor de tudo. Ele conhece todas as coisas. Ele é aquele que habita o coração de todos. Ele é a origem de tudo. Ele é o fim de tudo.<sup>16</sup>

O Quarto, dizem os sábios, não é uma experiência subjetiva, nem uma experiência objetiva, nem uma experiência intermediária entre essas duas, nem é uma condição negativa que não é nem consciência e nem inconsciência. Não é o conhecimento dos sentidos, nem é o conhecimento relativo, e nem o conhecimento inferido. Além dos sentidos, além da compreensão, além de toda expressão, está O Quarto. Ele é pura consciência unitária, onde a percepção do mundo e da multiplicidade é completamente eliminada. Ele é a paz indefinível. Ele é o bem supremo. Ele é o Um sem segundo. Ele é o Eu. Conheci apenas a ele!

Esse Eu, além de todas as palavras, é a sílaba OM. Essa sílaba, embora indivisível, consiste em três letras: A-U-M.

Vaiswanara, o Eu como a pessoa universal no seu ser físico, corresponde à primeira letra - A. Quem quer que conheça Vaiswanara obtém aquilo que deseja, e se torna o primeiro entre os homens.

Taijasa, o Eu como a pessoa universal no seu ser mental, corresponde à segunda letra - U. Taijasa e a letra U se situam no sonho, entre o acordar e o dormir. Quem quer que conheça Taijasa cresce em sabedoria, e é altamente honrado.

Prajna, o Eu como a pessoa universal no sono sem sonhos, corresponde à terceira letra - M. Ele é a origem e o fim de tudo. Quem quer que conheça Prajna conhece todas as coisas.

O Quarto, o Eu, é OM, a sílaba indivisível. Esta sílaba é impronunciável, e está além da mente. Nela, o Universo múltiplo desaparece. Ela é o bem supremo - Um sem segundo. Quem quer que conheça OM, o Eu, torna-se o Eu.

---

<sup>16</sup> O Prajna é conhecido como Iswara, ou Deus em seu aspecto pessoal. Sono sem sonhos é ignorância. Dentro dessa ignorância existem todos os três estados de consciência: o estado de vigília, o estado de sonho e o estado de sono sem sonhos. Iswara, tecnicamente, é Brahman associado com *Maya*, ou a ignorância universal, e o homem individual é Brahman associado com a ignorância individual. A distinção entre Deus e o homem é que Deus controla a ignorância, enquanto o homem é controlado por ela.

## VII TAITTIRIYA

*O homem, na sua ignorância, se identifica com os invólucros materiais que envolvem o seu verdadeiro Eu. Ao transcendê-los, ele se torna uma coisa só com Brahman, que é pura bem-aventurança.*

# TAITTIRIYA

*OM...*

*Que Mitra nos conceda a paz!*

*Que Varuna nos conceda a paz!*

*Que Aryama nos conceda a paz!*

*Que Indra e Brihaspati nos concedam a paz!*

*Que Vishnu que tudo permeia nos conceda a paz!*

*Salve Brahman!*

*Salve, vós que sois a origem de todo o poder!*

VÓS SOIS de fato Brahman manifestado. De vós eu falarei. Proclamar-vos-ei em meus pensamentos como verdadeiro. Proclamar-vos-ei em meus lábios como verdadeiro.

Que a verdade me proteja, que ela proteja o meu mestre, que ela nos proteja a ambos. Que a glória venha a nós dois. Que a luz de Brahman brilhe em nós dois.

Vós sois Brahman, uno com a sílaba OM, que está em todas as escrituras - a sílaba suprema, a mãe de todos os sons. Fortalecei-me com a verdadeira sabedoria. Possa eu, Ó Senhor, perceber o Imortal. Que o meu corpo seja forte e perfeito; que a minha língua seja doce; que os meus ouvidos ouçam somente louvores a vós. A sílaba OM é verdadeiramente a vossa imagem. Através dessa sílaba podeis ser alcançado. Vós estais além das garras do intelecto. Permiti que eu não esqueça o que aprendi nas escrituras.

Sois a origem de toda felicidade e de toda prosperidade. Vinde a mim como a deusa da prosperidade e derramai vossas bênçãos sobre mim.

Que aqueles que buscam a verdade se reúnam em volta de mim, que eles venham de todos os lugares, para que eu possa ensinar-lhes as vossas palavras.

Que eu seja uma glória entre os homens. Que eu seja mais rico do que o mais rico. Que eu penetre em vós, Ó Senhor; e que vós vos reveleis a mim. Purificado me tomo pelo vosso toque, Ó Senhor de inúmeras formas.

Sois o refúgio daqueles que se entregam a vós. Revelai-vos a mim. Fazei com que eu seja vosso. Eu me refugio em vós.

Sois o Senhor, imortal, autoluminoso, e de dourado fulgor, dentro do lótus de todos os corações. Dentro do coração vós sois revelado àqueles que vos procuram.

Aquele que habita em vós reina sobre si mesmo. Ele controla seus inquietos pensamentos. Ele se torna mestre das suas palavras e dos seus órgãos sensoriais. Ele se torna mestre do seu intelecto.

Vós sóis Brahman, cuja forma é invisível, como o éter; cujo Eu é a verdade. Sois a paz perfeita e a imortalidade, o conforto da vida, o deleite da mente. Possa eu venerar-vos!

OM é Brahman. OM é tudo. Aquele que medita sobre OM atinge Brahman.

Após haver alcançado Brahman, um sábio declarou: "Eu sou a vida. Minha glória é como o pico da montanha. Estou estabelecido na pureza de Brahman. Alcancei a liberdade do Eu. Sou Brahman, autoluminoso, o tesouro mais brilhante. Fui contemplado com a sabedoria. Sou imortal, imperecível."

OM ... Paz - paz - paz.

## **A um Estudante Leigo**

Permiti que vossa conduta seja marcada pela ação correta, inclusive o vosso estudo e o ensinamento das escrituras; através da verdade na palavra, na ação e no pensamento; através da auto-abnegação e da prática da austeridade; através do equilíbrio e do autocontrole; através da execução das tarefas diárias da vida com um coração alegre e uma mente desapegada.

Falai a verdade. Cumpri vosso dever. Não negligencieis o estudo das escrituras. Não interrompais a linha da progênie. Não vos desvieis do caminho do bem. Reverenciai a grandeza.

Permiti que vossa mãe seja um deus para vós; permiti que vosso pai seja um deus para vós; permiti que vosso mestre seja um deus para vós; permiti que vosso hóspede também seja um deus para vós. Executai somente ações irrepreensíveis. Mostrai sempre respeito pelos grandes.

Qualquer coisa que deis aos outros, dai-a com amor e respeito. Presentes devem ser dados em abundância, com alegria, humildade e compaixão.

Se em qualquer ocasião houver qualquer dúvida com relação à conduta correta, segui a prática das grandes almas, que são sinceras, possuem bom julgamento e são dedicadas à verdade.

Conduzi-vos sempre assim. Este é o preceito, esse é o ensinamento, e essa é a ordem das escrituras.

Aquele que conhece Brahman atinge a meta suprema. Brahman é a realidade permanente, é o conhecimento puro, e é a infinidade. Aquele que sabe que Brahman habita o lótus do coração torna-se uno com ele e desfruta de todas as bênçãos.

De Brahman, que é o Eu, veio o éter; do éter, o ar; do ar, o fogo; do fogo, a água; da água, a terra; da terra, a vegetação; da vegetação, o alimento; do alimento, o corpo do homem. O corpo do homem, composto da essência do alimento, é o invólucro físico do Eu.

Do alimento nascem todas as criaturas, que se sustentam com o alimento e depois da morte retornam ao alimento. O alimento é a cabeça de todas as coisas. É, portanto, considerado o remédio para todas as doenças do corpo. Aqueles que veneram o alimento como Brahman obtêm todos os objetos materiais. Do alimento nascem todos os seres que, tendo nascido, crescem através dele. Todos os seres se nutrem do alimento e, quando morrem, o alimento se nutre deles.

Diferente do invólucro material é o invólucro vital. Ele está encerrado no invólucro físico e tem a mesma forma. Através dele, os sentidos executam a sua tarefa. Dele, os homens e os animais extraem suas vidas. Ele determina a extensão da vida de todas as criaturas. Aquele que venera o invólucro vital como Brahman vive para completar o seu lapso de vida. Esse invólucro é o eu vivente do invólucro físico.

Diferente do invólucro vital é o invólucro mental. Ele está contido no invólucro vital e tem a mesma forma.

Palavras não podem expressar a bem-aventurança de Brahman, a mente não pode alcançá-la. O sábio, que a conhece, está livre do medo.

O invólucro mental é o Eu vivente do invólucro vital.

Diferente do invólucro mental é o invólucro intelectual. Ele está encerrado no invólucro mental e possui a mesma forma.

Todas as ações, de sacrifício ou de outro tipo, são executadas através do intelecto. Todos os sentidos homenageiam o invólucro intelectual. Aquele que venera o intelecto como Brahman não se engana; ele não se identifica com os outros invólucros, e não se rende às paixões do corpo.

Diferente do invólucro intelectual é o invólucro do ego. Esse invólucro está contido no invólucro intelectual e tem a mesma forma.

Além de todos os invólucros está o Eu.

Fútil e sem sentido torna-se a vida daquele que pensa que Brahman não existe. Somente aquele que sabe que Brahman existe vive verdadeiramente.

É certo que, no momento da morte, um homem tolo não atinge Brahman, somente um homem sábio.

Desejando vir a tomar-se muitos, criar de si muitas formas, Brahman meditou. Ao meditar, criou todas as coisas.

Ao criar todas as coisas, penetrou em tudo. Ao penetrar em tudo, tornou-se aquilo que tem forma e aquilo que não tem forma; tornou-se aquilo que pode ser definido e aquilo que não pode ser definido; tornou-se aquilo que possui apoio e aquilo que não possui apoio; tornou-se aquilo que é consciente e aquilo que não é consciente; tornou-se aquilo que é grosseiro e aquilo que é sutil. Ele se tornou todas as coisas: portanto, os sábios o chamam de Real.

A respeito dessa verdade, está escrito: *Antes de surgir a criação, Brahman existia como o Não-manifesto. Do Não-manifesto, foi criado o manifesto. De si, ele criou a si mesmo. Conseqüentemente, é conhecido como o Auto-Existente.*

O Auto-existente é a essência de toda a felicidade. Quem poderia viver, quem poderia respirar, se esse abençoado Eu não habitasse o lótus do coração? Ele é o que dá alegria.

Quanto um homem encontra sua existência e harmonia no Eu — que é o alicerce da vida, que está além dos sentidos, que não possui forma, que é inexprimível e está além de todos os predicados — então, sozinho ele transcende o medo. Enquanto existir a mais leve idéia de separação dele, há o medo. Ao homem que se considera instruído mas não se conhece como Brahman, Brahman, que afasta todo o medo, aparece como o próprio medo.

A respeito dessa verdade, está escrito: *Por medo de Brahman, o vento sopra e o Sol brilha; por medo dele, Indra, o deus da chuva, Agni, o deus do fogo, e Yama, o deus da morte, executam suas tarefas.*

Quem poderia viver, quem poderia respirar, se esse abençoado Eu não habitasse o lótus do coração? Ele é o que dá alegria.

De que natureza é essa alegria?

Considerai o quinhão de um jovem nobre, versado, inteligente, forte, sadio, com toda a riqueza do mundo a seu comando. Considerai que ele seja feliz, e medi sua alegria como uma unidade.

Cem vezes essa unidade representa uma unidade da alegria dos Gandharvas: porém, a alegria daquele que vê, a quem o Eu foi revelado e que é livre de desejos não é menor do que a alegria dos Gandharvas.<sup>17</sup>

Cem vezes a alegria dos Gandharvas representa uma unidade da alegria dos Gandharvas celestiais: porém, a alegria do sábio a quem o Eu foi revelado e que é livre de desejos não é menor do que a dos Gandharvas celestiais.

Cem vezes a alegria dos Gandharvas celestiais representa uma unidade da alegria dos Pitris no seu paraíso: porém, a alegria do sábio a quem o Eu foi revelado e que é livre de desejos não é menor do que a dos Pitris no seu paraíso.

Cem vezes a alegria dos Pitris no seu paraíso representa uma unidade da alegria dos Devas: porém, a alegria do sábio a quem o Eu foi revelado e que é livre de desejos não é menor do que a alegria dos Devas.

Cem vezes a alegria dos Devas representa uma unidade da alegria dos karma Devas: porém, a alegria do sábio a quem o Eu foi revelado e que é livre de desejos não é menor do que a alegria dos karma Devas.

Cem vezes a alegria dos karma Devas representa uma unidade da alegria dos mentores Devas: porém, a alegria do sábio a quem o Eu foi revelado e que é livre de desejos não é menor do que a alegria dos mentores Devas.

Cem vezes a alegria dos mentores Devas representa uma unidade da alegria de Indra: porém, a alegria do sábio a quem o Eu foi revelado e que é livre de desejos não é menor do que a alegria de Indra.

Cem vezes a alegria de Indra representa uma unidade da alegria de Brihaspati: porém, a alegria do sábio a quem o Eu foi revelado e que é livre de desejos não é menor do que a alegria de Brihaspati.

Cem vezes a alegria de Brihaspati representa uma unidade da alegria de Prajapati: porém a alegria do sábio a quem o Eu foi revelado e que é livre de desejos não é menor do que a alegria de Prajapati.

Cem vezes a alegria de Prajapati equivale a uma unidade da alegria de Brahman: porém, a alegria daquele que vê, a quem o Eu foi revelado e que é livre de desejos não é menor do que a alegria de Brahman.

Aquele que é o Eu no homem, e aquele que é o Eu no Sol, são um só. Verdadeiramente, aquele que conhece essa verdade conquista o mundo; transcende o invólucro físico, transcende o invólucro vital, transcende o invólucro mental, transcende o invólucro intelectual, transcende o invólucro do ego.

Está escrito: *Aquele que conhece a alegria de Brahman, que não pode ser expressa com palavras e que a mente não pode alcançar, está livre do medo. Não é atormentado pelo pensamento: "Por que não fiz o que é certo? Por que fiz o que é errado?" Aquele que conhece a alegria de Brahman, por conhecer tanto o bem como o mal, transcende a ambos.*

*OM...*

*Que Brahman nos proteja, que nos guie, que nos dê força e entendimento correto.*

*Que a paz e o amor estejam com todos nós!*

Bhrigu, aproximando-se respeitosamente de seu pai Varuna, disse: "Senhor, ensina-me Brahman." Varuna explicou-lhe o invólucro físico, o invólucro vital e as funções dos sentidos e acrescentou: "Aquele de quem todos os seres nascem, em quem vivem, tendo nascido, e para quem, ao morrerem, retornam — procurai conhecê-lo. Ele é Brahman."

Bhrigu praticou a austeridade e a meditação. Então pareceu-lhe que o alimento era Brahman. Pois todos os seres nascem do alimento e, tendo nascido, são sustentados pelo alimento, e no alimento entram depois da morte.

Esse conhecimento, contudo, não o satisfaz. Aproximou-se mais uma vez de seu pai Varuna e disse: "Senhor, ensina-me Brahman."

Varuna replicou: "Procurai conhecer Brahman pela meditação. A meditação é Brahman."

---

<sup>17</sup> Os Gandharvas, Pitris, Devas, etc. são seres de uma ordem mais elevada do que o homem. De acordo com os *Upanishads*, aqui e alhures, inúmeros mundos, habitados por seres diversos, compõem o Universo.

Bhrigu praticou a meditação e aprendeu que a energia primordial é Brahman. Pois da energia primordial nascem todos os seres e, tendo nascido, são sustentados pela energia primordial, e penetram na energia primordial quando morrem.

Bhrigu, porém, ainda estava com dúvidas a respeito do seu conhecimento. Assim, aproximou-se mais uma vez de seu pai e disse: "Senhor, ensinai-me Brahman." Varuna replicou: "Procurai conhecer Brahman pela meditação. A meditação é Brahman."

Bhrigu praticou a meditação e aprendeu que a mente é Brahman. Pois todos os seres nascem da mente e, tendo nascido, são sustentados pela mente, e penetram na mente quando morrem.

Ainda em dúvida, ele se aproximou do pai e disse: "Senhor, ensinai-me Brahman." Seu pai replicou: "Procurai conhecer Brahman pela meditação. A meditação é Brahman."

Bhrigu praticou a meditação e aprendeu que o intelecto é Brahman. Pois todos os seres nascem do intelecto e, tendo nascido, são sustentados pelo intelecto, e voltam ao intelecto depois da morte.

Ainda não satisfeito, duvidando da sua compreensão, Bhrigu aproximou-se do pai e disse: "Senhor, ensinai-me Brahman." Varuna replicou: "Procurai conhecer Brahman pela meditação. A meditação é Brahman."

Bhrigu praticou a meditação e aprendeu que a felicidade é Brahman. Pois da felicidade nascem todos os seres e, tendo nascido, são sustentados pela felicidade, e penetram na felicidade após a morte.

Esta é a sabedoria que Bhrigu, ensinado por Varuna, alcançou dentro do seu coração.

Aquele que alcança esta sabedoria obtém a glória, torna-se rico e goza a riqueza e a fama.

Deve-se meditar sobre Brahman como a fonte de todo pensamento, vida e ação. Ele é o esplendor na riqueza, ele é a luz nas estrelas. Ele é tudo.

Se um homem meditar sobre Brahman como apoio, será apoiado. Se meditar sobre Brahman como grandeza, será grande. Se meditar sobre Brahman como mente, será dotado com poder intelectual. Se meditar sobre Brahman como adoração, será adorado. Se venerar Brahman como Brahman, ele se tornará Brahman.

Aquele que é o Eu no homem, e aquele que é o Eu no Sol, são um só.

Eu sou esse Eu! Eu sou vida imortal! Sobrepujo o mundo — Eu que sou dotado com resplendor dourado! Aqueles que me conhecem atingem a Realidade.

OM ... Paz — paz - paz.

## VIII AITAREYA

*Brahman, fonte, sustentação e fim do Universo, participa de todas as fases da existência. Ele acorda com o homem que acorda, sonha com o que sonha e dorme o sono profundo do que dorme sem sonhar; porém ele transcende esses três estados para se tornar ele próprio. Sua verdadeira natureza é a consciência pura.*



## AITAREYA

*Que a minha palavra seja uma coisa só com a minha mente, e que a minha mente seja uma coisa só com minha palavra*  
*Ó vós, autoluminoso Brahman, removi o véu da ignorância da minha frente, para que eu possa contemplara vossa luz.*  
*Revelai-me o espírito das escrituras.*  
*Que a verdade das escrituras esteja sempre presente em mim.*  
*Que eu procure dia e noite compreender o que aprendicom os sábios.*  
*Que eu fale a verdade de Brahman.*  
*Que eu fale a verdade.*  
*Que ela me proteja.*  
*Que ela proteja o meu mestre.*  
*OM... Paz - paz - paz.*

ANTES DA CRIAÇÃO, tudo o que existia era o Eu, somente o Eu. Nada mais havia. Então o Eu pensou: "Criarei os mundos."

Ele criou os mundos: *Ambhas*, o mundo mais elevado, que está acima do céu e é sustentado por ele; *Marichi*, o céu; *Mara*, o mundo mortal, a terra; e *Apa*, o mundo abaixo da terra.

Ele pensou: "Eis os mundos. Enviarei agora os seus guardiões." Enviou então os guardiões.

Ele pensou: "Eis os mundos e seus guardiões. Enviarei alimento para os guardiões." Então enviou alimento para eles.

Ele pensou: "Como poderão existir guardiões sem que eu tome parte neles?"

"Se, sem mim, a palavra é pronunciada, o alento é absorvido, os olhos vêem, o ouvido ouve, a pele sente, a mente pensa, os órgãos sexuais procriam, então o que sou eu?"

Ele pensou: "Penetrarei nos guardiões." E então, abrindo o centro dos seus crânios, entrou. A porta por onde ele entrou é chamada de porta da bem-aventurança.<sup>18</sup>

Sendo o Eu desconhecido, todos os três estados da alma são apenas sonho: vigília, sonho e sono sem sonhos. Em cada um deles habita o Eu: o olho é o local em que habita quando estamos acordados, a mente é o local em que habita enquanto sonhamos, o lótus do coração é o local em que habita quando dormimos o sono sem sonhos.

Após penetrar nos guardiões, ele se identificou com eles. Tornou-se muitos seres individuais. Assim, conseqüentemente, se um indivíduo acorda do seu tríplice sonho de vigília, sonho e sono sem sonhos, vê apenas o Eu. Ele vê o Eu morando no lótus do seu coração como Brahman, onipresente, e declara: "Conheço Brahman!"<sup>19</sup>

Quem é esse Eu que desejamos venerar? De que natureza é esse Eu?

É ele o eu através do qual vemos a forma, ouvimos o som, cheiramos o odor, falamos as palavras e provamos o doce ou o amargo?

É ele o coração e a mente através do qual percebemos, comandamos, discriminamos, conhecemos, pensamos, recordamos, queremos, sentimos, desejamos, respiramos, amamos e executamos outros atos semelhantes?

Não, esses são apenas adjuntos do Eu, que é consciência pura, que é Brahman. E esse Eu, que é consciência pura, é Brahman. Ele é Deus, todos os deuses; os cinco elementos — terra, ar, fogo, água, éter; todos os seres, grandes ou pequenos, nascidos de ovos, nascidos do útero, nascidos do calor, nascidos do solo; cavalos, vacas, homens, elefantes, pássaros; tudo o que respira, os seres que caminham e os seres que não caminham. A realidade que está por trás de todos eles é Brahman, que é consciência pura.

Todos esses, enquanto vivem, e depois que cessam de viver, existem nele.

---

<sup>18</sup> Os sábios declaram que essa porta da bem-aventurança, o mais elevado centro de consciência espiritual, tecnicamente conhecida como *Sahashara*, o lótus das mil pétalas, está situada no centro do cérebro. Quando a mente do iogue, absorva em meditação, alcança esse centro, ele percebe a sua unidade com Brahman.

<sup>19</sup> O *Mandukya Upanishad* denomina essa experiência de "O Quarto", transcendendo os três estados e diferindo deles em espécie.

O sábio Vamadeva, tendo percebido Brahman como consciência pura, partiu desta vida, subiu aos céus, realizou todos os seus desejos, e alcançou a imortalidade.

## IX CHANDOGYA

*Brahman é tudo. De Brahman surgem as aparências, as sensações, os desejos, as ações. Porém, tudo isso não passa de nome e forma. Para conhecer Brahman, temos de vivenciar a identidade entre ele e o Eu, ou Brahman morando dentro do lótus do coração. Somente fazendo assim pode o homem escapar da dor e da morte e se tornar uno com a essência sutil que está além de todo o conhecimento.*

## CHANDOGYA

*Que a tranqüilidade desça sobre os meus membros,  
A minha fala, o meu alento, os meus olhos, os meus ouvidos;  
Que todos os meus sentidos se tomem claros e fortes.  
Que Brahman se mostre a mim.  
Que eu jamais negue Brahman, nem Brahman a mim.  
Eu com ele e ele comigo - possamos permanecer sempre juntos.  
Que seja revelada a mim,  
Que sou devotado a Brahman,  
A sagrada verdade dos Upanishads.  
OM. .. Paz - paz - paz.*

AS EXIGÊNCIAS do dever são três. A primeira é o sacrifício, o estudo, dar esmolas; a segunda é a austeridade; a terceira é a vida como estudante na casa de um mestre e a prática da continência. Juntas, essas três exigências levam a pessoa ao reino dos abençoados. Porém, aquele que está firmemente estabelecido no conhecimento de Brahman alcança a imortalidade.

A luz que brilha acima do céu e acima deste mundo, a luz que brilha no mundo mais elevado, além do qual não existem outros - essa é a luz que brilha nos corações dos homens.

Verdadeiramente, este Universo surgiu de Brahman. Em Brahman ele vive e tem sua existência. Com certeza, tudo é Brahman. Possa um homem, libertado da mácula da paixão, venerar apenas Brahman.

Um homem é, acima de tudo, sua vontade. Conforme é a sua vontade nesta vida, assim ele se torna quando a deixa. Desse modo, sua vontade **deveria estar** orientada para atingir Brahman.

O Eu, que deve ser percebido pela mente purificada e pela consciência iluminada, cuja forma é a luz, cujos pensamentos são verdadeiros; que, como o éter, permanece puro e desapegado; de quem procedem todos os trabalhos, todos os desejos, todos os odores, todos os gostos; que tudo permeia, que está além dos sentidos, e em quem existe plenitude de felicidade para sempre — ele é o meu próprio Eu, que habita dentro do lótus do meu coração.

Menor do que um grão de arroz é o Eu; menor do que um grão de cevada, menor do que uma semente de mostarda, menor do que uma semente de alpiste, sim, menor até do que o miolo de uma semente de alpiste. Entretanto, esse Eu, dentro do lótus do meu coração, é maior do que a Terra, maior do que o céu, sim, maior do que todos os mundos.

Aquele de quem procedem todos os trabalhos, todos os desejos, todos os odores, todos os gostos; que tudo permeia, que está além dos sentidos, e em quem existe plenitude de felicidade para sempre — ele, o Eu entesourado dentro do coração, é verdadeiramente Brahman. Eu, que venero o Eu dentro do lótus do meu coração, alcançá-lo-ei na hora da morte. Aquele que o venera, e que nele confia, certamente o alcançará.

Disse o vidente Sandilya: No momento da morte, um conhecedor de Brahman deveria meditar sobre as seguintes verdades:

*Vós sois imperecível  
Vós sois a Realidade imutável  
Vós sois a fonte da vida.*

Esse conhecimento mais elevado, o conhecimento de Brahman, que sacia para sempre a sede de quem o experimentou, Ghora Angivasa ensinou a Krishna, o filho de Devaki.

Um dia o menino Satyakama dirigiu-se à sua mãe e disse: "Mãe, desejo tornar-me um estudante religioso. Qual é o meu nome de família?"

"Meu filho", replicou a mãe, "eu não sei. Na minha juventude, fui uma criada e trabalhei em muitos lugares. Não sei quem foi o teu pai. Eu sou Jabala, e tu és Satyakama. Chamai a ti mesmo de Satyakama Jabala."

Depois disso, o garoto dirigiu-se a Gautama e pediu para ser aceito como aluno. "De que família és, meu rapaz?", indagou o sábio.

Satyakama replicou: "Perguntei a minha mãe qual era o meu nome de família, e ela respondeu: 'Eu não sei. Na minha juventude fui uma criada e trabalhei em muitos lugares. Não sei quem foi o teu pai. Sou Jabala, e tu és Satyakama. Chamai a ti mesmo de Satyakama Jabala!' Assim sendo, sou Satyakama Jabala, senhor."

O sábio então disse: "Ninguém, a não ser um verdadeiro Brahmin teria falado assim. Vai buscar alimento para o fogo, pois vou instruir-te. Não te desviaste da verdade."

Após iniciar Satyakama, o sábio deu-lhe quatrocentas cabeças de gado magras e doentes, dizendo, "Cuida bem delas, meu rapaz." O garoto levou-as imediatamente para a floresta, prometendo a si mesmo não retornar até que elas se tivessem transformado em mil. Morou na floresta por muitos anos e, quando o número de cabeças de gado chegou a mil, o touro do rebanho aproximou-se dele e disse: "Satyakama, nós nos tornamos um rebanho de mil. Leva-nos a casa do teu mestre, e ensinar-te-ei uma medida de Brahman."

"Fala, por favor", disse Satyakama.

O touro disse então: "O Leste é uma parte do senhor, bem como o Oeste; o Sul é uma parte do senhor, bem como o Norte. Os quatro pontos cardeais formam uma medida de Brahman. O fogo ensinar-te-á outra."

No dia seguinte, Satyakama iniciou sua jornada. No final da tarde acendeu um fogo e, quando se sentou virado para o Leste para fazer suas devoções, ouviu uma voz vinda do fogo que disse: "Satyakama, vou te ensinar uma medida de Brahman. Esta terra é uma porção de Brahman. O firmamento e as regiões celestiais são porções dele. O oceano é uma porção dele. Tudo isso forma uma medida de Brahman. Um cisne ensinar-te-á outra."

Satyakama continuou sua jornada. Na noite seguinte, quando acendeu o fogo e sentou-se virado para o Leste para fazer suas devoções, um cisne voou na sua direção e disse: "Vim para te ensinar uma medida de Brahman. Esse fogo aceso na tua frente, O Satyakama, é uma parte de Brahman, bem como a Lua; o relâmpago, também, é uma parte dele. Todos esses formam uma medida de Brahman. Um mergulhão ensinar-te-á outra."

Na noite seguinte, quando Satyakama acendeu o fogo e sentou-se virado para o Leste para fazer suas devoções, um mergulhão aproximou-se dele e disse: "Vou te ensinar uma medida de Brahman. A respiração é uma parte de Brahman, a visão é uma parte de Brahman, a audição é uma parte de Brahman, a mente é uma parte de Brahman. Todos esses formam uma medida de Brahman."

Finalmente, o jovem chegou à casa de seu mestre e apresentou-se reverentemente diante dele. Assim que Gautama o viu, exclamou: "Meu filho, a tua face brilha como a de um conhecedor de Brahman. Quem te instruiu?"

"Seres diferentes do homem", respondeu Satyakama; "porém desejaria que vós me ensinásseis também, pois ouvi dos sábios que somente o conhecimento que o Guru confere levará ao bem supremo."

O sábio então ensinou-lhe aquele conhecimento, sem deixar nada de lado.

Upakosala residiu como aluno na casa de Satyakama por doze anos. Embora o mestre permitisse que outros discípulos voltassem às suas casas depois de lhes ter sido adequadamente ensinado o caminho da verdade, Upakosala não teve permissão para partir. A esposa de Satyakama suplicou a seu marido que acabasse de instruí-lo para que ele pudesse ir para casa, como os outros, porém Satyakama não somente se recusou a fazê-lo como partiu para uma viagem. Com isso, Upakosala ficou tão triste e doente no coração que não conseguia nem comer. A esposa do mestre servia-lhe comida, e tratava-o em tudo com a mais meiga afeição, porém sem qualquer resultado. Finalmente o rapaz lamentou-se para ela: "Ó mãe, meu coração está ainda tão impuro; estou infeliz demais para comer!"

Então uma voz de dentro do fogo que ele estava vigiando disse: "Esta vida é Brahman. O céu é Brahman. A bem-aventurança é Brahman. Conhece Brahman!"

"Eu sei que a vida é Brahman", replicou Upakosala. "Porém, que o céu seja Brahman, ou que a bem-aventurança seja Brahman, isso eu não sei."

Mais uma vez surgiu a voz de dentro do fogo, desta vez explicando que o céu significava o lótus do coração, onde Brahman habita, e que a bem-aventurança significava a bem-aventurança de Brahman. "Ambos", disse a voz, "se referem a Brahman"; e, continuando, a voz ensinou a Upakosala o seguinte:

"A terra, a comida, o fogo, o Sol - tudo isso que veneras são formas de Brahman. Aquele que é visto no Sol - aquele sou eu. Aquele que mora no céu e faz do relâmpago a sua casa - aquele também sou eu. Conhece bem a verdadeira natureza do mundo para que ela nunca possa te causar dano."

Conseqüentemente, o fogo, que tinha sido apenas um fogo terrestre com o qual se preparavam sacrifícios, assumiu um novo aspecto, e tornou-se o próprio Senhor. A Terra transformou-se; a vida transformou-se; o Sol, a Lua, as estrelas, o relâmpago — tudo estava transformado e divinizado. Foi assim que a verdadeira natureza de todas as coisas foi revelada a Upakosala.

No tempo devido, Satyakama voltou a casa. Quando viu Upakosala, disse:

"Meu filho, a tua face brilha como a de um conhecedor de Brahman. Quem te instruiu?"

"Seres diferentes do homem", replicou Upakosala.

Satyakama então disse: "Meu filho, o que aprendeste é verdade. Verdadeiro também é o que te ensino agora. Contempla aquele que sabe que nenhum mal se fixará, do mesmo modo como gotas de água não se fixam na folha do lótus:

"Aquele que reluz nas profundezas dos teus olhos - é Brahman; ele é o teu próprio Eu. Ele é O Belo, O Luminoso. Em todos os mundos, para todo o sempre, ele brilha!"

Quando Svetaketu tinha doze anos de idade, seu pai Uddalaka lhe disse: "Svetaketu, agora deves ir para a escola e estudar. Ninguém da nossa família, meu filho, é ignorante a respeito de Brahman."

Conseqüentemente, Svetaketu procurou um mestre e estudou por doze anos. Depois de decorar todos os *Vedas*, voltou para casa cheio de orgulho com seu aprendizado.

Seu pai, percebendo a vaidade do jovem, disse a ele: "Svetaketu, pediste aquele conhecimento pelo qual ouvimos o que não é audível, pelo qual percebemos o imperceptível, pelo qual conhecemos o incognoscível?"

"O que é esse conhecimento, senhor?", perguntou Svetaketu.

"Meu filho, do mesmo modo como ao se conhecer um monte de barro, todas as coisas feitas de barro são conhecidas, havendo a diferença apenas no nome e surgindo da fala, sendo verdade que todas são de barro; do mesmo modo como ao se conhecer uma pepita de ouro, todas as coisas feitas de ouro são conhecidas, estando a diferença apenas no nome e surgindo da fala, sendo verdade que todas são ouro — exatamente assim é aquele conhecimento que, conhecendo-o, conhecemos tudo."

"Com toda a certeza, meus veneráveis mestres ignoram esse conhecimento; pois, se o possuíssem, tê-lo-iam ensinado a mim. Ensina-me então, senhor, esse conhecimento."

"Assim seja", disse Uddalaka, e continuou então:

"No início havia a Existência, apenas Um, sem segundo. Alguns dizem que no início havia apenas a não-existência, e que dela nasceu o Universo. Porém, como poderia ser tal coisa? Como poderia a existência nascer da não-existência? Não, meu filho, no início havia apenas a existência - somente Um, sem que houvesse outro. Ele, o Uno, pensou: Serei muitos, expandir-me-ei. Assim, projetou o Universo a partir de si mesmo, e entrou dentro de cada ser e de tudo. Tudo o que existe possui o seu ser somente nele. Ele é a verdade. Ele é a essência sutil de tudo. Ele é o Eu. E isso, Svetaketu, ISSO ÉS TU."

"Por favor, senhor, digei-me mais a respeito desse Eu."

"Assim seja, meu filho:

"Assim como as abelhas fazem o mel reunindo sucos de inúmeras plantas e árvores floríferas, e como esses sucos, reduzidos a um único mel, não sabem de que flores vieram individualmente, da mesma forma, meu filho, todas as criaturas, quando estão incorporadas àquela Existência única, seja no sono sem sonhos ou na morte, nada sabem a respeito do seu estado passado ou presente, devido à ignorância que as envolve — não sabem que estão fundidas com ela e que delas vieram.

"Seja o que for que essas criaturas sejam, um leão, ou um tigre, ou um javali, ou um verme, ou um borrachudo, ou um mosquito, elas assim permanecem depois que voltam do sono sem sonhos.

"Todas elas têm seu Eu apenas nele. Ele é a verdade. Ele é a essência sutil de tudo. Ele é o Eu. E isso, Svetaketu, ISSO ÉS TU." "Por favor, senhor, digei-me mais a respeito desse Eu."

"Assim seja, meu filho:

"Os rios do Leste correm na direção do Leste, os rios do Oeste correm na direção do Oeste, e todos vão para o mar. Eles passam de mar para mar, as nuvens os elevam para o céu como vapor e os mandam para baixo como chuva. E como esses rios, quando se unem com o mar, não sabem se são este ou aquele rio, da mesma forma todas as criaturas que mencionei, quando voltam de Brahman, não sabem de onde vieram.

"Todos esses seres têm seu eu somente nele. Ele é a verdade. Ele é a essência sutil de tudo. Ele é o Eu. E isso, Svetaketu, ISSO ÉS TU."

"Por favor, senhor, digei-me mais a respeito desse Eu."

"Assim seja, meu filho:

"Se alguém uma vez golpeasse a raiz desta grande árvore, ela sangraria, mas viveria. Se golpeasse seu caule, ela sangraria, mas viveria. Se golpeasse seu topo, ela sangraria, mas viveria. Impregnada pelo eu vivente, esta árvore permanece firme, e se alimenta; porém, se o Eu partisse de um dos seus galhos, esse galho murcharia; se o abandonasse por um segundo, ele murcharia. Se o abandonasse pela 60ª parte de um segundo, ele murcharia. Se ele saísse de toda a árvore, toda a árvore murcharia.

"Do mesmo modo, meu filho, conhece isto: o corpo morre quando o Eu o deixa — porém o Eu não morre.

"Tudo o que existe tem o seu Eu apenas nele. Ele é a verdade. Ele é a essência sutil de tudo. Ele é o Eu. E isso, Svetaketu, ISSO ÉS TU."

"Por favor, senhor, diga-me mais a respeito desse Eu."

"Assim seja. Traze uma fruta daquela árvore Nyagrodha."

"Aqui está, senhor."

"Parte-a."

"Está partida, senhor."

"O que vê?"

"Algumas sementes, extremamente pequenas, senhor."

"Parte uma delas."

"Está partida, senhor."

"O que vê?"

"Nada, senhor."

"A essência sutil tu não a vê, e nela está o todo da árvore Nyagrodha. Acredita, meu filho, que naquilo que é a essência sutil - todas as coisas têm sua existência. Aquilo é a verdade. Aquilo é o Eu. E aquilo, Svetaketu, AQUILO ÉS TU!"

"Por favor, senhor, diga-me mais a respeito desse Eu."

"Assim seja. Coloca este sal na água, e volta aqui amanhã pela manhã."

Svetaketu fez como lhe foi solicitado. Na manhã seguinte, seu pai pediu-lhe para trazer o sal que havia colocado na água. Porém, ele não pôde fazê-lo porque o sal se havia dissolvido. Uddalaka então disse:

"Prova a água e diga-me que gosto ela tem."

"Está salgada, senhor."

"Do mesmo modo", continuou Uddalaka, "embora não vejas Brahman neste corpo, na verdade ele está aqui. Naquilo que é a essência sutil - todas as coisas têm sua existência. Aquilo é a verdade. Aquilo é o Eu. E aquilo, Svetaketu, AQUILO ÉS TU."

"Por favor, senhor, diga-me mais a respeito desse Eu", pediu novamente o jovem.

"Assim seja, meu filho:

"Do mesmo modo como um homem com os olhos vendados pode ser levado para longe e abandonado num lugar estranho; e, tendo sido tratado assim, pode voltar-se para todos os lados e gritar para que alguém remova a sua venda e lhe mostre o caminho de casa; e alguém, atendendo ao seu chamado, poderá soltar a sua venda e dar-lhe conforto; e, depois de caminhar de povoado em povoado, perguntando seu caminho à medida que avança, ele finalmente chega à sua casa - assim um homem que encontra um mestre iluminado obtém o verdadeiro conhecimento.

"Aquele que é a essência sutil - nele todos os seres têm sua existência. Ele é a verdade. Ele é o Eu. E Aquele, Ó Svetaketu, AQUELE ÉS TU."

"Por favor, senhor, diga-me mais a respeito desse Eu."

"Assim seja, meu filho:

"Quando um homem está fatalmente doente, seus parentes se reúnem em volta dele e perguntam: 'Tu me conheces? Tu me conheces?' Enquanto sua fala não estiver incorporada à sua mente, sua mente ao seu alento, seu alento ao seu calor vital, seu calor vital ao Ser Supremo, ele os conhecerá. Porém, quando sua fala estiver incorporada à sua mente, sua mente ao seu alento, seu alento ao seu calor vital, seu calor vital ao Ser Supremo, então ele não os conhecerá.

"Aquele que é a essência sutil - nele todos os seres têm sua existência. Ele é a verdade. Ele é o Eu. E Aquele, Ó Svetaketu, AQUELE ÉS TU."

Narada aproximou-se um dia de Sanatkumara e pediu para ser instruído. Quando Sanatkumara perguntou: "O que já estudastes?". Narada replicou que havia estudado todos os ramos do aprendizado - a arte, a ciência, a música e a filosofia, bem como as escrituras sagradas. "Porém", disse ele, "não obtive paz. Estudei tudo isso, mas não conheço o Eu. Ouvi de grandes mestres como vós que aquele que conhece o Eu supera a dor. O meu destino é sempre a dor. Ajudai-me, eu vos imploro, a superá-la."

Sanatkumara disse: "Tudo que leste é apenas nome. Medita no nome como Brahman."

Narada perguntou: "Existe algo mais elevado do que o nome?"

"Sim, a linguagem é mais elevada do que o nome. É através da linguagem que chegamos a conhecer os diversos ramos do aprendizado, que chegamos a saber o que é certo e o que é errado, o que é

verdadeiro e o que não é verdadeiro, o que é bom e o que é mau, o que é agradável e o que não é agradável. Pois, se não houvesse a linguagem, nem o certo nem o errado seriam conhecidos, nem a verdade nem a falsidade, nem o bem nem o mal, nem o agradável nem o desagradável. A linguagem permite que conheçamos tudo isso. Medita na linguagem como Brahman." "Senhor, existe alguma coisa mais elevada do que a linguagem?" "Sim, a mente é mais elevada do que a linguagem. Do mesmo modo como o punho fechado segura duas frutas *amalaka*, duas frutas *kola* ou duas frutas *aksha*, a mente segura o nome e a linguagem. Pois, se um homem, em sua mente, pensa em estudar os hinos sagrados, ele os estuda; se, em sua mente, pensa em fazer determinadas ações, ele as faz; se, em sua mente, pensa em formar família e riqueza, ele as forma; se, em sua mente, pensa em ser feliz neste mundo e no outro, ele o é, aqui e lá. A mente é o principal órgão interno do Eu. A mente é o caminho para a felicidade. Medita sobre a mente como Brahman."

"Senhor, existe algo mais elevado do que a mente?"

"Sim, a vontade é mais elevada do que a mente. Pois, quando um homem quer, ele pensa, em sua mente; e quando pensa, em sua mente, ele produz a linguagem; e quando produz a linguagem, ele veste sua linguagem com palavras. Tudo isso, conseqüentemente, gira em torno da vontade, consiste na vontade, e reside na vontade. Medita na vontade como Brahman."

"Senhor, existe alguma coisa mais elevada do que a vontade?"

"Sim, a vontade com discernimento é mais elevada do que a simples vontade. Pois, quando um homem possui discernimento e analisa suas experiências passadas e considera, baseado nelas, o que poderá ocorrer no futuro, ele exerce corretamente a sua vontade no presente. Medita sobre a vontade com discernimento como Brahman."

"Senhor, existe algo mais elevado do que a vontade com discernimento?"

"Sim, a concentração é mais elevada do que a vontade com discernimento. Aqueles que alcançam a grandeza aqui na Terra, fazem-no através da concentração. Assim, enquanto pessoas insignificantes e vulgares estão sempre tagarelando e discutindo e se ofendendo mutuamente por falta de concentração, os grandes homens, que a possuem, obtêm sua recompensa. Medita na concentração como Brahman."

"Senhor, existe alguma coisa mais elevada do que a concentração?"

"Sim, a percepção interior é mais elevada do que a concentração. Através dela compreendemos todos os ramos do aprendizado, e compreendemos o que é certo e o que é errado, o que é verdadeiro e o que é falso, o que é bom e o que é mau, o que é agradável e o que é desagradável. Este mundo e o outro mundo são compreendidos através da percepção interior. Medita na percepção interior como Brahman."

Do mesmo modo Sanatkumara ensinou Narada a meditar sobre Brahman como poder, como alimento, como água, como fogo, como éter, e a meditar sobre ele como memória, esperança, e como o princípio da vida.

Sanatkumara disse então: "Porém, verdadeiramente, o verdadeiro conhecedor é aquele que conhece a Verdade eterna."

"Venerável senhor, desejo ser um verdadeiro conhecedor."

"Pede então para conhecer a Realidade infinita."

"Senhor, desejo conhecê-la."

"Somente quando um homem percebe a Verdade eterna é que ele a declara. Aquele que reflete sobre ela percebe-a. Sem reflexão, ela não é percebida."

"E somente aquele que tem fé e respeito reflete sobre a Verdade eterna."

"E somente aquele que acompanha um Guru obtém a fé e o respeito."

"E somente acompanha um Guru aquele que luta para conseguir autocontrole."

"E só alcança o autocontrole aquele que encontra felicidade nele. Pede para conhecer essa felicidade."

"Senhor, desejo conhecê-la."

"O infinito é a fonte da felicidade. Não existe felicidade no finito. Somente no infinito existe a felicidade. Pede para conhecer o Infinito."

"Senhor, desejo conhecê-lo."

"Onde não se vê nada exceto o Uno, não se ouve nada exceto o Uno, não se conhece nada exceto o Uno — lá é o Infinito. Onde se vê outro, se ouve outro, se conhece outro - lá é o finito. O Infinito é imortal, o finito é mortal."

"No que repousa o Infinito?"



"Na sua própria glória - não, nem mesmo nisso. Diz-se no mundo que as vacas e os cavalos, os elefantes e o ouro, escravos, esposas, campos e casas são a glória do homem — porém, essas são coisas pobres e finitas. Como poderá o Infinito repousar em outro lugar que não seja em si próprio ? "

"O Infinito está embaixo, em cima, atrás, na frente, à direita, à esquerda. Sou tudo isso. Esse Infinito é o Eu. O Eu está embaixo, acima, atrás, na frente, à direita, à esquerda. Sou tudo isso. Aquele que conhece, que medita a respeito e percebe a verdade do Eu - se delicia no Eu, se revela no Eu, se rejubila no Eu. Ele se torna mestre de si mesmo, e mestre de todos os mundos. Escravos são aqueles que não conhecem essa verdade.

"Aquele que conhece, medita a respeito e percebe essa verdade do Eu descobre que tudo - a energia primária, o éter, o fogo, a água, e todos os outros elementos, a mente, a vontade, a concentração, a linguagem, os hinos sagrados, o Universo todo, na verdade — emana dele.

"Está escrito: *Aquele que percebeu a Verdade eterna não vê a morte, nem a doença, nem a dor; ele vê tudo como o Eu, e obtém tudo.*

"O Eu é único, e tornou-se tudo.

"Quando os sentidos são purificados, o coração se purifica; quando o coração é purificado, existe uma constante e incessante lembrança do Eu; quando existe uma constante e incessante lembrança do Eu, todos os vínculos são desfeitos e a liberdade é alcançada."

Assim, o Venerável Sanatkumara ensinou a Narada, que era puro de coração, como passar da escuridão para a luz.

Dentro da cidade de Brahman, que é o corpo, existe o coração, e dentro do coração existe uma pequena casa. Essa casa possui a forma de um lótus, e dentro dela mora aquilo que deve ser procurado, investigado e percebido.

O que é então que, morando dentro dessa pequena casa, desse lótus do coração, deve ser procurado, investigado e percebido?

Tão grande quanto o Universo exterior, é o Universo dentro do lótus do coração. Dentro dele estão os céus e a Terra, o Sol, a Lua, o relâmpago, e todas as estrelas. O que está no macrocosmo está nesse microcosmo.

Todas as coisas que existem, todos os seres e todos os desejos estão na cidade de Brahman; o que então acontece com eles quando a velhice se aproxima e o corpo se dissolve na morte ?

Apesar de a velhice chegar ao corpo, o lótus do coração não envelhece. Por ocasião da morte do corpo, ele não morre. O lótus do coração, onde Brahman existe em toda a sua glória - ali, e não no corpo, está a verdadeira cidade de Brahman. Brahman, que ali habita, não é tocado por qualquer ação, não envelhece, é imortal, está livre da dor, da fome e da sede. Seus desejos são desejos perfeitos, e seus desejos são satisfeitos.

Do mesmo modo como aqui na Terra toda a riqueza que alguém obtém é apenas transitória, também são transitórias as alegrias celestiais obtidas pela execução de sacrifícios. Conseqüentemente, aqueles que morrem sem haver percebido o Eu e seus desejos corretos não encontram felicidade permanente em qualquer mundo a que possam ir; enquanto aqueles que perceberam o Eu e seus desejos corretos encontram felicidade permanente em todos os lugares.

Se o sábio deseja ver seus pais do mundo espiritual, seus pais vêm ao seu encontro. Na companhia deles, ele é feliz.

Se deseja ver suas mães do mundo espiritual, suas mães vêm ao seu encontro. Na companhia delas, ele é feliz.

Se deseja ver seus irmãos do mundo espiritual, seus irmãos vêm ao seu encontro. Na companhia deles, ele é feliz.

Se deseja ver suas irmãs do mundo espiritual, suas irmãs vêm ao seu encontro. Na companhia delas, ele é feliz.

Se deseja ver seus amigos do mundo espiritual, seus amigos vêm ao seu encontro. Na companhia deles, ele é feliz.

Se deseja perfumes e grinaldas celestiais, perfumes e grinaldas celestiais vêm ao seu encontro. Ele é feliz por possuí-los.

Se deseja comida e bebida celestiais, comida e bebida celestiais vêm ao seu encontro. Ele é feliz por possuí-las.

Se deseja música e canções celestiais, música e canções celestiais vêm ao seu encontro. Ele é feliz por possuí-las.

Na verdade, seja o que for que um tal conhecedor de Brahman possa desejar, imediatamente o obtém; e após obtê-lo é louvado pelos homens. A satisfação dos desejos corretos está ao alcance de todos, porém um véu de ignorância obstrui o ignorante. É por isso que, embora desejem ver seus mortos, seus entes queridos, não podem vê-los.

Ansiamos por nossos entes queridos, entre os vivos ou entre os mortos, ou existe algo pelo qual ansiamos e, contudo, apesar de todo nosso desejo, não o obtemos? — Tudo será nosso se apenas mergulhamos profundamente no interior, até o lótus do coração onde habita o Senhor. Sim, o objeto de todo desejo correto está ao nosso alcance, embora invisível, escondido por um véu de ilusão.

Do mesmo modo como uma pessoa que não saiba que um tesouro repleto de ouro se encontra enterrado embaixo dos seus pés poderá passar por cima dele repetidamente e não encontrá-lo, assim todos os seres vivem cada momento na cidade de Brahman, porém nunca o encontram, devido ao véu da ilusão atrás do qual ele está escondido.

O Eu reside dentro do lótus do coração. Sabendo disso, consagrado ao Eu, o sábio penetra diariamente nesse santuário sagrado.

Absorto no Eu, o sábio se liberta da identidade com o corpo e vive num estado jubiloso de consciência. O Eu é o imortal, o que não tem medo; o Eu é Brahman. Esse Brahman é a Verdade eterna.

O Eu dentro do coração é como uma fronteira que separa o mundo daquele. O dia e a noite não atravessam essa fronteira, nem a velhice, nem a morte; nem a dor ou o prazer, nem as boas ou as más ações. Todo o mal foge DELE. Pois ELE está livre da impureza: ELE nunca pode ser tocado pela impureza.

Portanto, aquele que atravessou essa fronteira, e percebeu o Eu, se for cego, deixará de ser cego; se estiver ferido, deixará de estar ferido; se estiver aflito, deixará de estar aflito. Quando essa fronteira é atravessada, a noite se torna dia, pois o mundo de Brahman é a própria luz.

Esse mundo de Brahman é atingido por aqueles que praticam a continência, pois o conhecedor da verdade eterna a conhece através da continência; e o que é conhecido como veneração, isso também é continência. Pois um homem venera o Senhor pela continência, e assim o atinge.

O que as pessoas chamam de salvação é, na verdade, continência. Pois através da continência o homem é libertado da ignorância; e o que é conhecido como voto de silêncio, isso também é, na verdade, continência. Pois um homem, através da continência, percebe o Eu e vive em calma contemplação.

O que as pessoas chamam de residir na floresta, isso é, na verdade, continência.

No mundo de Brahman existe um lago onde as águas são como néctar, e qualquer pessoa que prove desse néctar fica imediatamente inebriada de felicidade; e além desse lago existe uma árvore que produz o sumo da imortalidade. Nesse mundo não podem entrar aqueles que não praticam a continência.

Pois o mundo de Brahman pertence àqueles que praticam a continência. Somente eles entram nesse mundo e bebem daquele lago de néctar. Para eles existe liberdade em todos os mundos.

Há muito tempo se diz:

*O Eu, que é livre de impurezas, da velhice e da morte, da dor, da fome e da sede, que só deseja o que deve desejar, e resolve apenas o que deve resolver, deve ser procurado, investigado e deve ser percebido. Aquele que aprende a respeito do Eu e o percebe obtém todos os mundos e tudo o que deseja.*

Tanto os deuses como os demônios ouviram falar dessa verdade e pensaram consigo mesmo: "Vamos procurar esse Eu e percebê-lo, de forma que possamos obter todos os mundos e tudo o que desejamos."

Assim, Indra, da parte dos deuses, e Virochana, da parte dos demônios, foram até Prajapati, o famoso mestre. Durante trinta e dois anos moraram com ele como alunos. Prajapati, então, perguntou-lhes por que haviam morado com ele por tanto tempo.

"Ouvimos dizer", replicaram, "que aquele que percebe o Eu obtém todos os mundos e tudo o que deseja. Moramos aqui porque queremos aprender a respeito desse Eu."

Prajapati disse então: "Aquele que é visto dentro do olho, aquele é o Eu. Ele é imortal, sem medo, e ele é Brahman."

"Senhor", perguntaram os discípulos, "o Eu é que é visto refletido na água, ou num espelho?"

"O Eu é realmente visto refletido nessas coisas", foi a resposta. Prajapati acrescentou: "Olhai para vós mesmos refletidos na água e, seja o que for que não compreendais, vinde e contai-me a respeito."

Indra e Virochana olharam para seus reflexos na água e, voltando ao sábio, disseram: "Senhor, vimos o Eu; vimos o cabelo e as unhas."

Prajapati pediu-lhes então que vestissem suas melhores roupas e olhassem mais uma vez dentro da água. Eles assim fizeram e, voltando ao sábio, disseram: "Vimos o Eu, exatamente como nós, bem adornados e nas nossas melhores roupas."

Prajapati assim replicou: "O Eu é de fato visto assim. O Eu é imortal e sem medo, e é Brahman." E os discípulos se afastaram bastante satisfeitos.

Porém Prajapati, acompanhando-os com o olhar, lamentou-se assim: "Ambos partiram sem analisar ou exercer o discernimento, e sem verdadeiramente compreender o Eu. Quem quer que siga uma doutrina falsa do Eu perecerá."

Então, Virochana, de sua parte persuadido de que havia encontrado o Eu, voltou aos demônios e começou a ensinar-lhes que somente o corpo deve ser servido, e que aquele que adora o corpo e serve ao corpo obtém ambos os mundos, este e o próximo. Tal doutrina é, realmente, a doutrina dos demônios!

Porém Indra, no seu caminho de volta para junto dos deuses, percebeu a inutilidade desse conhecimento. "Assim como esse Eu", raciocinou ele, "parece estar bem adornado quando o corpo está bem adornado, bem vestido quando o corpo está bem vestido, ele estará então cego quando o corpo estiver cego, aleijado quando o corpo estiver aleijado, deformado quando o corpo estiver deformado. Quando o corpo morrer, esse mesmo Eu também morrerá! Não consigo ver qualquer bem nesse conhecimento."

Dessa forma, voltou a Prajapati e pediu-lhe mais instruções. Prajapati solicitou-lhe que morasse com ele por outros trinta e dois anos, depois dos quais lhe ensinou isto:

"Aquele que se move nos sonhos, gozando delícias sensuais e vestido com glória, esse é o Eu! Ele é imortal, sem medo, e ele é Brahman."

Satisfeito com o que havia ouvido, Indra partiu mais uma vez. Porém, antes de alcançar os outros deuses, percebeu também a inutilidade desse conhecimento. "É verdade", disse ele para si mesmo, "que esse Eu não fica cego quando o corpo fica cego, nem aleijado ou ferido quando o corpo está aleijado ou ferido. Porém, mesmo nos sonhos ele é consciente de muitos sofrimentos. Assim, também nessa doutrina não posso ver nenhum bem."

Desse modo, voltou a Prajapati para mais instruções. Prajapati ordenou-lhe então que ficasse com ele por outros trinta e dois anos e, após esse tempo, ensinou-lhe, dizendo: "Quando um homem está profundamente adormecido, livre de sonhos, e num perfeito descanso — isso é o Eu. O Eu é imortal e sem medo, e ele é Brahman."

Indra foi-se embora. Porém, antes de chegar em casa, percebeu a inutilidade até desse ensinamento. "Na realidade", pensou ele, "uma pessoa não se conhece como isso ou aquilo enquanto está dormindo. A pessoa não está consciente, de fato, de qualquer existência. O estado de alguém em sono profundo é próximo do aniquilamento. Não posso ver tampouco bem algum nesse conhecimento."

Assim, mais uma vez, Indra voltou a Prajapati, que o fez ficar com ele ainda por cinco anos e, após esse tempo, tornou conhecida dele a mais elevada verdade do Eu, dizendo:

"Este corpo é mortal, sempre agarrado pela morte, porém dentro dele reside o Eu imortal. Esse Eu, quando associado, na nossa consciência, com o corpo, está sujeito ao prazer e à dor; e, enquanto essa associação perdura, a liberdade com relação ao prazer e à dor não pode ser encontrada por homem algum. Porém, quando essa associação cessa, também cessam o prazer e a dor."

"Erguendo-se acima da consciência física, sabendo que o Eu é distinto dos sentidos e da mente - conhecendo-o na sua verdadeira luz - a pessoa se rejubila e é livre."

Os deuses, os seres luminosos, meditam a respeito do Eu e, ao fazê-lo, obtêm todos os mundos e tudo o que desejam. Do mesmo modo, qualquer um entre os mortais que conheça o Eu, medite sobre ele, e o perceba — ele também obterá todos os mundos e tudo o que deseja.

# X

## BRIHADARANYAKA

*O Eu é a mais querida de todas as coisas, e somente através dele qualquer outra coisa é querida. O Eu é a origem de toda a felicidade finita, porém é, ele próprio, pura bem-aventurança, transcendendo a definição.*

*Ele permanece inatingível pelas ações, boas ou más. Ele está além do sentimento e além do conhecimento, porém não está além da meditação do sábio.*

# BRIHADARANYAKA

*OM...*

*Completamente preenchidas com Brahman estão as coisas que vemos,  
Completamente preenchidas com Brahman estão as coisas que não vemos,  
De Brahman flui tudo o que existe:  
De Brahman tudo — ainda assim, ele é o mesmo.  
OM... Paz - paz - paz.*

*Levai-me do irreal para o real.  
Levai-me da escuridão para a luz.  
Levai-me da morte para a imortalidade.*

O MUNDO EXISTIU primeiro como semente, a qual, quando cresceu e se desenvolveu, tomou nomes e formas. Como uma navalha dentro do seu estojo, ou como o fogo na madeira, assim habita o Eu, o Senhor do Universo, em todas as formas, até mesmo nas pontas dos dedos. Ainda assim, o ignorante não o conhece, pois ele permanece oculto atrás dos nomes e das formas. Quando alguém respira, conhece-o como fôlego; quando alguém fala, conhece-o como linguagem; quando alguém vê, conhece-o como olho; quando alguém ouve, conhece-o como ouvido; quando alguém pensa, conhece-o como mente. Todos esses são apenas nomes relacionados às suas ações; e aquele que venera o Eu como um ou outro dentre eles não o conhece, pois ele não é nem um nem outro. Por isso, um homem deve venerá-lo apenas como o Eu, e somente como o Eu. A perfeição que é o Eu é a meta de todos os seres. Pois ao conhecer o Eu conhecemos tudo. Aquele que conhece o Eu é honrado por todos os homens e alcança a bem-aventurança.

Esse Eu, que está mais próximo de nós do que qualquer outra coisa, é realmente mais querido do que um filho, mais querido do que a riqueza, mais querido do que todo o resto. Um homem deve venerar somente o Eu como querido, pois, se venerar somente o Eu como querido, o objeto do seu amor nunca perecerá.

Este Universo, antes de ser criado, existia como Brahman. "Eu sou Brahman": assim Brahman se conhecia. Ao se conhecer, ele se tornou o Eu de todos os seres. Entre os deuses, aquele que acordou para o conhecimento do Eu tornou-se Brahman; e o mesmo foi verdadeiro entre os videntes. O vidente Vamadeva, ao perceber Brahman, soube que ele próprio era o Eu da humanidade, assim como o do Sol. Conseqüentemente, agora, também, seja quem for que perceba Brahman sabe que ele próprio é o Eu dentro de todas as criaturas. Mesmo os deuses não podem fazer mal a esse homem, pois ele se tornou o seu Eu mais profundo.

Ora, se um homem venera Brahman pensando que Brahman é um e ele é outro, não possui o verdadeiro conhecimento.

Este Universo, antes de ser criado, existia como Brahman. Brahman criou a partir de si mesmo sacerdotes, guerreiros, mercadores e servos, tanto entre os deuses como entre os homens.

Ele criou então a Lei mais perfeita. Não existe nada mais elevado do que a Lei. A Lei é a verdade. Assim sendo, diz-se que se um homem fala a verdade ele declara a Lei e, se declara a Lei, ele fala a verdade. A Lei e a verdade são uma só.

Contudo, se um homem deixa esta vida sem conhecer o reinado do Eu, devido a essa ignorância, ele não aproveita a bem-aventurança da liberação. Ele morre sem atingir sua meta. Não, mesmo que um homem ignorante do reinado do Eu realizasse ações virtuosas na terra, não chegaria à vida eterna através delas; pois os efeitos das suas ações finalmente se esgotariam. Ele deve, portanto, conhecer o reinado do Eu, e apenas isso. A virtude daquele que medita sobre o reinado do Eu nunca se exaure: pois o Eu é a fonte de onde brota toda virtude.

O Eu, a partir do qual o Sol se levanta, e dentro do qual ele se põe - apenas ele é a meta dos sábios.

Gargya, filho de Valaka, falava bem, mas era excessivamente vaidoso. Vindo um dia à presença de Ajatasatru, rei de Benares, abordou-o com uma fala jactanciosa.

**Gargya**

Vou ensinar-vos a respeito de Brahman.

**Ajatasatru**

Realmente? Bem, apenas por esse tipo de proposta deverias ser contemplado com mil vacas. As pessoas hoje em dia se dirigem ao Rei Janaka para falar e ouvir a respeito de Brahman; estou contente que tenhas vindo a mim.

**Gargya**

Aquele que é o ser no Sol e ao mesmo tempo o ser no olho; aquele que, tendo entrado no corpo pelo olho, mora no coração do homem e é o agente e o que experimenta - sobre ele eu medito como Brahman.

**Ajatasatru**

Não, não! Não fales assim a respeito de Brahman. Esse ser eu venero como transcendental, luminoso, supremo. Aquele que medita sobre Brahman como tal vai além de todos os seres criados e se torna o governante supremo de todos.

**Gargya**

O ser que está na Lua e ao mesmo tempo na mente medito como Brahman.  
sobre ele eu

**Ajatasatru**

Não, não! Não fales assim a respeito de Brahman. Esse ser eu venero como infinito, revestido de pureza, bem-aventurado, resplandecente. Aquele que medita sobre Brahman como tal não carece de nada e é feliz para sempre.

**Gargya**

O ser que está no relâmpago e ao mesmo tempo no coração — sobre ele eu medito como Brahman.

**Ajatasatru**

Não, não! Não fales assim a respeito de Brahman. Esse ser eu venero como poder. Aquele que medita sobre Brahman como tal se torna poderoso, e também os seus filhos.

**Gargya**

O ser que está no céu e ao mesmo tempo no coração - sobre ele eu medito como Brahman.

**Ajatasatru**

Não, não! Não fales assim a respeito de Brahman. Esse ser eu venero como aquele que tudo permeia, como imutável. Aquele que medita sobre Brahman como tal é abençoado com filhos e com gado. O fio dessa descendência nunca será rompido.

**Gargya**

O ser que está no vento e ao mesmo tempo é o fôlego interior — sobre ele eu medito como Brahman.

**Ajatasatru**

Não, não! Não fales assim a respeito de Brahman. Esse ser eu venero como o Senhor, invencível e inconquistável. Aquele que medita sobre Brahman como tal torna-se ele próprio invencível e inconquistável.

**Gargya**

O ser que está no fogo e ao mesmo tempo no coração - sobre ele eu medito como Brahman.

**Ajatasatru**

Não, não! Não fales assim a respeito de Brahman. Esse ser eu venero como magnânimo. Aquele que medita sobre Brahman como tal torna-se ele próprio magnânimo, e depois também os seus filhos.

**Gargya**

O ser que está na água e ao mesmo tempo no coração - sobre ele eu medito como Brahman.

**Ajatasatru**

Não, não! Não fales assim a respeito de Brahman. Esse ser eu venero como harmonia. Aquele que medita sobre Brahman como tal só conhece o que é harmonioso. Dele nascem crianças tranqüilas.

**Gargya**

O ser que está no espelho — sobre ele eu medito como Brahman.

**Ajatasatru**

Não, não! Não fales assim a respeito de Brahman. Esse ser eu venero como fulgurante. Aquele que medita sobre Brahman como tal torna-se ele próprio fulgurante, e depois também os seus filhos. Ele brilha mais do que todos os que se aproximam dele.

**Gargya**

O som que acompanha o homem quando ele caminha — sobre ele eu medito como Brahman.

**Ajatasatru**

Não, não! Não fales assim a respeito de Brahman. Esse ser eu venero como a força vital. Aquele que medita sobre Brahman como tal atinge sua idade completa neste mundo; o alento não o abandona antes do tempo.

**Gargya**

O ser que permeia o espaço — sobre ele eu medito como Brahman.

**Ajatasatru**

Não, não! Não fales assim a respeito de Brahman. Esse ser eu venero como um segundo eu, que nunca pode ser separado de mim. Aquele que medita sobre Brahman como tal nunca está sozinho, e seus seguidores nunca o abandonam.

**Gargya**

O ser que habita no coração como inteligência — sobre ele eu medito como Brahman.

**Ajatasatru**

Não, não! Não fales assim a respeito de Brahman. Esse ser eu venero como o senhor da vontade. Aquele que medita sobre Brahman como tal alcança o autocontrole, e depois também os seus filhos. *Gargya parou de falar. Ajatasatru, continuando, questionou-o.*

**Ajatasatru**

Isso é tudo o que sabes a respeito de Brahman?

**Gargya (humildemente)**

Isso é tudo o que sei.

**Ajatasatru**

Sabendo apenas isso, uma pessoa não pode anunciar que conhece Brahman.

**Gargya (humildemente)**

Por favor, senhor, aceitai-me como discípulo, e ensinai-me a respeito de Brahman.

**Ajatasatru**

Não é natural que um Brahmin se aproxime de um Kshatriya e de um rei para aprender a respeito de Brahman. Entretanto, eu te ensinarei.

*Falando assim, Ajatasatru tomou Gargya pela mão e levantou-se. Então, enquanto caminhavam lado a lado, encontraram um homem adormecido.*

**Ajatasatru (para o adormecido)**

Ó vós que sois grande, vestido com branca indumentária. Ó Soma, O rei!

*A principio o homem não se moveu. Então, quando Ajatasatru o tocou, ele acordou.*

**Ajatasatru (para Gargya)**

Este homem, que é um ser consciente e inteligente — onde estava ele quando estava adormecido, e como ele acordou? (*Gargya ficou em silêncio.*) Quando este homem, que é um ser consciente e inteligente, está profundamente adormecido, ele penetra no Eu, dentro do lótus do coração, recolhendo dentro de si mesmo tanto os seus sentidos como a sua mente. Quando seus sentidos e sua mente estão assim recolhidos, considera-se que ele está absorvido no Eu.

Nesse estado, ele não sabe nada; ele penetra nos setenta e dois mil nervos que saem do lótus do coração. Assim como um jovem, um imperador, ou melhor dos Brahmins, ao experimentar o êxtase do amor logo repousa suavemente, um homem profundamente adormecido encontra repouso.

Porém, quando ele dorme mas também sonha, mora num mundo dele próprio. Ele poderá sonhar que é um rei, ou que é o melhor dos Brahmins; poderá sonhar que é um anjo, ou que é uma besta. Como um imperador, após obter os objetos de prazer, se movimenta à vontade nos seus domínios, assim aquele que dorme, reunindo as impressões dos sentidos, as compõe em sonhos de acordo com seus desejos.

Como as teias vêm da aranha, como pequenas fagulhas vêm do fogo, assim todos os sentidos, todos os mundos, todos os deuses, sim, todos os seres, emanam do Eu. Seu nome secreto é Verdade da Verdade.

---

**Yagnavalkya (para sua esposa)**

Maitreyi, estou resolvido a renunciar ao mundo e a iniciar a vida de renúncia. Desejo, portanto, dividir minha propriedade entre tu e minha outra esposa, Katyayani.

**Maitreyi**

Meu senhor, se toda esta terra me pertencesse, com toda sua riqueza, através dessa posse alcançaria eu a imortalidade?

**Yagnavalkya**

Não, vossa vida seria como a do rico. Ninguém pode absolutamente esperar alcançar a imortalidade através da riqueza.

**Maitreyi**

Então, que necessidade tenho da riqueza? Por favor, meu senhor, digei-me o que sabeis sobre o caminho para a imortalidade.

**Yagnavalkya**

Tens sido sempre muito querida para mim, Maitreyi, e agora me pedes para aprender a verdade que está mais próxima do meu coração. Vem, senta-te ao meu lado. Eu a explicarei a ti. Medita sobre o que vou falar.

Não é por causa do marido, minha amada, que o marido é querido, e sim por causa do Eu.

Não é por causa da esposa, minha amada, que a esposa é querida, e sim por causa do Eu.

Não é por causa dos filhos, minha amada, que os filhos são queridos, e sim por causa do Eu.

Não é por causa da riqueza, minha amada, que a riqueza é querida, e sim por causa do Eu.

Não é por causa dos Brahmins, minha amada, que os Brahmins são reverenciados, e sim por causa do Eu.

Não é por causa dos mundos mais elevados, minha amada, que os mundos mais elevados são desejados, e sim por causa do Eu.

Não é por causa dos deuses, minha amada, que os deuses são adorados, e sim por causa do Eu.



Não é por causa das criaturas, minha amada, que as criaturas são queridas, e sim por causa do Eu.  
Não é por causa de si própria, minha amada, que qualquer coisa é estimada, e sim por causa do Eu.  
O Eu, amada Maitreyi, deve ser conhecido. Ouve a respeito dele, reflete sobre ele, medita sobre ele. Através do conhecimento do Eu, minha amada, escutando, refletindo e meditando, chega-se a conhecer todas as coisas.

Que o Brahmin ignore aquele que pensa que o Brahmin é diferente do Eu.  
Que o Kshatriya ignore aquele que pensa que o Kshatriya é diferente do Eu.  
Que os mundos mais elevados ignorem aquele que pensa que os mundos mais elevados são diferentes do Eu.  
Que os deuses ignorem aquele que pensa que os deuses são diferentes do Eu.  
Que todas as criaturas ignorem aquele que pensa que as criaturas são diferentes do Eu.  
Que todos ignorem aquele que pensa que qualquer coisa seja diferente do Eu.  
O sacerdote, o guerreiro, os mundos mais elevados, os deuses, as criaturas, seja que coisas forem — esses são o Eu.

Como, quando o tambor é tocado, suas diversas notas específicas não são ouvidas separadas do todo, mas todas as suas notas são ouvidas no som global; como, quando o búzio é tocado, suas diversas notas específicas não são ouvidas separadas do todo, mas todas as suas notas são ouvidas no som global — assim, através do conhecimento do Eu, Inteligência Pura, todas as coisas e seres são conhecidos. Não há existência separada do Eu.

Como fumaça e fagulhas se levantam de um fogo aceso com lenha úmida, assim, Maitreyi, todo o conhecimento e toda a sabedoria emanaram do Eterno — o que conhecemos como *Rig Veda*, *Yajur Veda*, e o mais. Eles são o Sopro Vital do Eterno.

Como para a água o único centro é o oceano, como para o tato o único centro é a pele, como para o olfato o único centro é o nariz, como para o paladar o único centro é a língua, como para a forma o único centro são os olhos, como para o som o único centro são os ouvidos, como para o pensamento o único centro é a mente, como para a sabedoria divina o único centro é o coração — assim para todos os seres o único centro é o Eu.

Como um torrão de sal, quando atirado na água, se derrete e não pode ser retirado, mas quando provamos a água ela está salgada, assim, Ó Maitreyi, o Eu individual, dissolvido, é o Eterno - consciência pura, infinita e transcendente. A individualidade surge pela identificação do Eu, através da ignorância, com os elementos; e com o desaparecimento da consciência dos muitos, na iluminação divina, ela desaparece. Onde existe a consciência do Eu, não há mais a individualidade.

É isso, minha amada, o que eu desejava dizer-te.

### Maitreyi

"Onde existe a consciência do Eu, não há mais a individualidade": isso que dizeis, meu senhor, confunde-me.

### Yagnavalkya

Minha amada, não deixe que nada do que eu disse te confunda. Porém, medita bem sobre a verdade que falei.

Enquanto existe a dualidade, um vê *o outro*, um ouve *o outro*, um pensa *no outro*, um conhece *o outro*; porém, quando para a alma iluminada o todo é dissolvido no Eu, quem está ali para ser visto por quem, quem está ali para ser cheirado por quem, quem está ali para ser ouvido por quem, quem está ali para ser falado por quem, quem está ali para ser pensado por quem, quem está ali para ser conhecido por quem? Ah, Maitreyi, minha amada, a Inteligência que tudo revela — pelo que será ela revelada? Por quem será o Conhecedor conhecido? O Eu é descrito como *não isso, não aquilo*. Ele é incompreensível, pois não pode ser compreendido; indeteriorável, pois nunca se deteriora; livre, pois nunca se apega; não-vinculado, pois nunca se vincula. Por quem, Ó minha amada, será o Conhecedor conhecido?

Isso é o que te ensino, Ó Maitreyi. Essa é a verdade da imortalidade.

Falando dessa forma, Yagnavalkya entrou no caminho da renúncia.

Esta Terra é mel para todos os seres, e todos os seres são mel para esta Terra. O ser inteligente e imortal, a alma desta Terra, e o ser inteligente e imortal, a alma do ser individual — cada um é mel para o outro. Brahman é a alma em cada um; ele, na verdade, é o Eu em tudo. Ele é tudo.

Esta água é mel para todos os seres, e todos os seres são mel para esta água. O ser inteligente e imortal, a alma desta água, e o ser inteligente e imortal, a alma do ser individual — cada um é mel para o outro. Brahman é a alma em cada um; ele, na verdade, é o Eu em tudo. Ele é tudo.

Este fogo é mel para todos os seres, e todos os seres são mel para este fogo. O ser inteligente e imortal, a alma deste fogo, e o ser inteligente e imortal, a alma do ser individual — cada um é mel para o outro. Brahman é a alma em cada um; ele é, na verdade, o Eu em tudo. Ele é tudo.

Este ar é mel para todos os seres, e todos os seres são mel para este ar. O ser inteligente e imortal, a alma deste ar, é o ser inteligente e imortal, a alma do ser individual — cada um é mel para o outro. Brahman é a alma em cada um; ele, na verdade, é o Eu em tudo. Ele é tudo.

Este Sol é mel para todos os seres, e todos os seres são mel para este Sol. O ser inteligente e imortal, a alma deste Sol, e o ser inteligente e imortal, a alma do ser individual — cada um é mel para o outro. Brahman é a alma em cada um; ele, na verdade, é o Eu em tudo. Ele é tudo.

Este espaço é mel para todos os seres, e todos os seres são mel para este espaço. O ser inteligente e imortal, a alma deste espaço, e o ser inteligente e imortal, a alma do ser individual — cada um é mel para o outro. Brahman é a alma em cada um; ele, na verdade, é o Eu em tudo. Ele é tudo.

Esta Lua é mel para todos os seres, e todos os seres são mel para esta Lua. O ser inteligente e imortal, a alma desta Lua, e o ser inteligente e imortal, a alma do ser individual — cada um é mel para o outro. Brahman é a alma em um; ele, na verdade, é o Eu em tudo. Ele é tudo.

Este relâmpago é mel para todos os seres, e todos os seres são mel para este relâmpago. O ser inteligente e imortal, a alma deste relâmpago, e o ser inteligente e imortal, a alma do ser individual — cada um é mel para o outro. Brahman é a alma em cada um; ele, na verdade, é o Eu em tudo. Ele é tudo.

Este trovão é mel para todos os seres, e todos os seres são mel para este trovão. O ser inteligente e imortal, a alma deste trovão, e o ser inteligente e imortal, a alma do ser individual — cada um é mel para o outro. Brahman é a alma em cada um; ele, na verdade, é o Eu em tudo. Ele é tudo.

Este éter é mel para todos os seres, e todos os seres são mel para este éter. O ser inteligente e imortal, a alma deste éter, e o ser inteligente e imortal, a alma do ser individual — cada um é mel para o outro. Brahman é a alma em cada um; ele, na verdade, é o Eu em tudo. Ele é tudo.

Esta lei é mel para todos os seres, e todos os seres são mel para esta lei. O ser inteligente e imortal, a alma desta lei, e o ser inteligente e imortal, a alma do ser individual - cada um é mel para o outro. Brahman é a alma em cada um; ele, na verdade, é o Eu em tudo. Ele é tudo.

Esta verdade é mel para todos os seres, e todos os seres são mel para esta verdade. O ser inteligente e imortal, a alma desta verdade, e o ser inteligente e imortal, a alma do ser individual — cada um é mel para o outro. Brahman é a alma em cada um; ele, na verdade, é o Eu em tudo. Ele é tudo.

Esta raça de homens é mel para todos os seres, e todos os seres são mel para esta raça de homens. O ser inteligente e imortal, a alma desta raça de homens, e o ser inteligente e imortal, a alma do ser individual — cada um é mel para o outro. Brahman é a alma em cada um; ele, na verdade, é o Eu em tudo. Ele é tudo.

Este Eu é mel para todos os seres, e todos os seres são mel para este Eu. O ser inteligente e imortal, a alma deste Eu, e o ser inteligente e imortal, a alma do ser individual — cada um é mel para o outro. Brahman é a alma em cada um; ele, na verdade, é o Eu em tudo. Ele é tudo.

Este Eu é o senhor de todos os seres, o rei de todos os seres. Como os raios são mantidos juntos no cubo e no aro da roda, do mesmo modo todos os seres, todas as criaturas, todos os deuses, todos os mundos, todas as vidas, são mantidos juntos no Eu.

Ele fez corpos com dois pés, ele fez corpos com quatro pés. Ele penetrou em todos os corpos e, como habita o lótus do coração, ele é conhecido como *Purusha*. Não existe nada que não seja circundado por ele, nada que não seja preenchido por ele.

Ele assumiu todas as formas. Ele assumiu todas as formas para se revelar em todas as formas. Ele, o Senhor, é revelado em todas as formas através de sua *Maya*. Ele é dezenas, milhares, muitos e interminável.

Esse Brahman é sem causa, sem efeito, sem interior e sem exterior. Esse Brahman é o Eu.

Janaka, rei de Videha, em determinada ocasião, ofereceu um sacrifício, e por isso distribuiu presentes de preço elevado. Entre os que assistiram à cerimônia, estavam os homens sábios de Kuru e de Panchala. O rei Janaka observou-os e quis saber quem era o mais sábio.

Ora, aconteceu que o rei mantinha mil vacas num cercado, e entre os chifres de cada uma estavam amarradas dez moedas de ouro.

"Veneráveis Brahmins" — disse o rei Janaka, "que aquele que for o mais sábio entre vós leve estas vacas para casa."

Os Brahmins não ousaram mover-se, a não ser Yagnavalkya.

"Meu duto filho", disse Yagnavalkya para seu discípulo, "leva minhas vacas para casa."

"Hurra!", gritou o rapaz, e foi ao encalço delas.

Os outros Brahmins ficaram enraivecidos. "Como ele ousa chamar a si próprio de o mais sábio?", gritaram. Finalmente, Aswala, sacerdote do rei Janaka, abordou Yagnavalkya, dizendo:

"Yagnavalkya, tendes certeza de que sois o mais sábio dentre nós?"

"Eu me curvo", replicou Yagnavalkya, "ao mais sábio. Porém, eu quero essas vacas!"

Aswala começou então a questioná-lo.

#### **Aswala**

Yagnavalkya, como tudo o que tem ligação com os rituais de sacrifício é permeado pela morte, e está sujeito à morte, de que modo pode o devoto superar a morte ?

#### **Yagnavalkya**

Pelo conhecimento da identidade entre o devoto, o fogo e a palavra ritual. Pois a palavra ritual é, na verdade, o devoto, e a palavra ritual é o fogo, e o fogo, que é um com Brahman, é o devoto. Esse conhecimento leva à liberação; esse conhecimento leva a pessoa além da morte.

*Aswala ficou em silêncio, porém Artabhaga indagou: Yagnavalkya, tudo é alimento para a morte. Existe algum poder para o qual a morte seja alimento?*

#### **Yagnavalkya**

Na verdade, sim. O fogo devora tudo, e o fogo, por sua vez, é o alimento da água. De modo semelhante existe uma morte para a morte. Aquele que conhece a verdade de Brahman supera a morte.

#### **Artabhaga**

Yagnavalkya, quando essa pessoa deixa o corpo, suas faculdades de percepção, junto com sua mente, abandonam-na, ou não?

#### **Yagnavalkya**

Não. Elas se fundem na causa final, o Eu. O corpo jaz sem vida, inflado e intumescido.

#### **Artabhaga ficou em silêncio. Ushasta então perguntou :**

Yagnavalkya, o que é Brahman final e imediato, o próprio Brahman sozinho, diretamente percebido como tal, o Eu que habita dentro de tudo?

#### **Yagnavalkya (apontando para o coração dele)**

Esse, o vosso Eu, que está dentro de tudo.

#### **Ushasta**

Que eu, Ó Yagnavalkya, está dentro de tudo?

#### **Yagnavalkya**

Aquele que aspira é o vosso Eu, que está dentro de tudo. Aquele que expira é o vosso Eu, que está dentro de tudo. Aquele que propaga o alento é o vosso Eu, que está dentro de tudo. Aquele que dá o descanso, é o vosso Eu, que está dentro de tudo. Respondo mais uma vez: Esse, o vosso Eu, que está dentro de tudo.

#### **Ushasta**

Do mesmo modo como alguém poderia dizer, ao distinguir uma vaca de um cavalo, que a vaca é o animal que anda e o cavalo é o animal que corre, exatamente assim tão simples, tão claro, Ó sábio, foi o vosso ensinamento sobre Brahman! Dize-me porém, pergunto mais uma vez, quem é o Brahman final e imediato, o próprio Brahman sozinho, diretamente percebido como tal, o Eu que habita dentro de tudo?

**Yagnavalkya**

Esse, o vosso Eu, que está dentro de tudo.

**Ushasta**

Que eu, Ó Yagnavalkya, está dentro de tudo?

**Yagnavalkya**

Não podeis ver aquele que enxerga a imagem; não podeis ouvir aquele que escuta o som; não podeis pensar naquele que pensa o pensamento; não podeis conhecer aquele que conhece o conhecido. Mais uma vez eu respondo: esse, o vosso Eu, que está dentro de tudo. Qualquer coisa que não seja o Eu perece.

**Ushasta ficou em silêncio. Kahola perguntou:**

Yagnavalkya, qual é o Brahman final e imediato, o próprio Brahman sozinho, diretamente percebido como tal, o Eu que habita dentro de tudo?

**Yagnavalkya**

Esse, o vosso Eu, que está dentro de tudo.

**Kahola**

Que eu, Ó Yagnavalkya, está dentro de tudo?

**Yagnavalkya**

Aquele que está além da fome, da sede, da dor, da ilusão, da decadência e da morte. Após perceber esse Eu, os sábios renunciam à ânsia da procriação, à riqueza e à existência nos outros mundos, e vivem a vida dos mendicantes. O anseio pela procriação leva ao anseio pela riqueza, e o anseio pela riqueza leva ao anseio pela existência nos outros mundos. Assim, existem dois anseios — anseio por uma vida de prazeres aqui, e anseio por uma vida de maior prazer depois. Conseqüentemente, um sábio deveria, depois de obter o conhecimento do Eu, desejar viver com esse conhecimento como seu único refúgio. Quando ele tiver obtido o conhecimento do Eu, e o tiver percebido como sendo o seu único refúgio, ele deverá dedicar-se exclusivamente à contemplação do Eu. Só é verdadeiro conhecedor de Brahman quem direciona sua mente para o Eu e afasta todos os outros pensamentos como distrações. Como um tal conhecedor de Brahman age e conduz a si próprio? Seja o que for que ele faça, ou seja como for que se conduza, ele está livre de desejo, e está para sempre instalado no conhecimento de Brahman. Qualquer coisa que não seja o Eu perece.

**Kahola ficou em silêncio. Uddalaka perguntou:**

Yagnavalkya, vivemos como estudantes em Madras, na casa de Kapyá. Sua esposa foi possuída em determinada ocasião por um Gandharva, um cantor celestial. Perguntamos ao Gandharva quem ele era. Ele respondeu que era Kabandha, e passou a questionar Kapyá desta forma: "Conheceis o fio no qual esta vida, a próxima vida e todos os seres estão amarrados juntos?" Kapyá não sabia. O Gandharva continuou: "Conheceis o Governante interior que controla, do interior, esta vida, a próxima vida, e todos os seres?" Kapyá não sabia. O Gandharva disse então: "Aquele que conhece esse fio e esse Governante Interior conhece Brahman, conhece os mundos, conhece os deuses, conhece os *Vedas*, conhece as criaturas, conhece o Eu - conhece todas as coisas." Eu próprio conheço essas coisas que o Gandharva ensinou. Yagnavalkya, se vós, sem conhecerdes esse fio e esse Governante Interior levardes as vacas que pertencem somente ao mais sábio, sereis amaldiçoado.

**Yagnavalkya**

Eu conheço esse fio e esse Governante Interior.

**Uddalaka**

Qualquer pessoa pode dizer: "Eu conheço, eu conheço." Dizei-nos o que sabeis.

### **Yagnavalkya**

O princípio sutil da vida é esse fio no qual esta vida, a próxima vida e todos os seres estão atados. Assim, quando um homem morre, dizem que seus membros são soltos, pois enquanto vive são mantidos unidos por esse princípio da vida.

### **Uddalaka**

Isso é verdade, Yagnavalkya. Falai agora a respeito do Governante Interior.

### **Yagnavalkya**

Aquele que habita a Terra, mas está separado da Terra, e que a Terra não conhece, cujo corpo é a Terra, e que controla a Terra do interior - ele, o Eu, é o Governante Interior, o Imortal.

Aquele que habita a água, mas está separado da água, e que a água não conhece, cujo corpo é a água, e que controla a água do interior — ele, o Eu, é o Governante Interior, o Imortal.

Aquele que habita o fogo, mas está separado do fogo, e que o fogo não conhece, cujo corpo é o fogo, e que controla o fogo do interior — ele, o Eu, é o Governante Interior, o Imortal.

Aquele que habita o céu, o ar, os quatro cantos, o Sol, a Lua, as estrelas, o éter, a escuridão, a luz, mas está separado deles, e que eles não conhecem, cujo corpo são eles, e que os controla do interior — ele, o Eu, é o Governante Interior, o Imortal.

Aquele que habita o interior de todos os seres, mas está separado de todos os seres, e que nenhum ser conhece, cujo corpo são todos os seres, e que controla todos os seres do interior - ele, o Eu, é o Governante Interior, o Imortal.

Aquele que habita o olfato, a linguagem, a vista, a audição e o tato, mas está separado de todos; que o olfato, a linguagem, a vista, a audição e o tato não conhecem; cujo corpo é o olfato, a linguagem, a vista, a audição e o tato; e que controla todos eles do interior - ele, o Eu, é o Governante Interior, o Imortal.

Aquele que habita o interior da mente, mas está separado da mente, e que a mente não conhece, cujo corpo é a mente, e que controla a mente do interior — ele, o Eu, é o Governante Interior, o Imortal.

Aquele que habita o intelecto, mas está separado do intelecto, e que o intelecto não conhece, cujo corpo é o intelecto, e que controla o intelecto do interior - ele, o Eu, é o Governante Interior, o Imortal.

Não é visto, mas é aquele que vê; não é ouvido, mas é aquele que ouve; não é pensável, mas é aquele que pensa; não é conhecido, mas é aquele que conhece — não existe outro que veja a não ser ele, não existe outro que ouça a não ser ele, não existe outro que pense a não ser ele, não existe outro que conheça a não ser ele. Ele, o Eu, é o Governante Interior, o Imortal.

Qualquer coisa que não seja o Eu perece.

### **Uddalaka ficou em silêncio. Gargi, a filha de Vachaknu, levantou-se então e dirigiu-se aos sábios:**

Venerados Brahmins farei a Yagnavalkya duas perguntas. Se ele for capaz de respondê-las, ninguém entre vós poderá jamais derrotá-lo. Ele será o maior comentador da verdade de Brahman.

### **Yagnavalkya**

Pergunta, Ó Gargi.

### **Gargi**

Yagnavalkya, do mesmo modo como o filho de um guerreiro de Kasi ou de Videha poderia retesar seu arco frouxo e, com duas setas mortais em sua mão, levantar-se para combater, assim me levantei para lutar convosco com duas perguntas. Respondei às minhas perguntas.

### **Yagnavalkya**

Pergunta, Ó Gargi.

### **Gargi**

Yagnavalkya, aquilo que dizem que está acima do céu e abaixo da Terra, que está também entre o céu e a Terra, e que foi, é e será — em que é trançado, urdido e tecido?

### **Yagnavalkya**

Aquilo que dizem, Ó Gargi, que está acima do céu e abaixo da Terra, que está também entre o céu e a Terra, e que foi, é e será — é trançado, urdido e tecido no éter.

**Gargi**

Respondestes à minha primeira pergunta. Inclino-me diante de vós, Ó Yagnavalkya. Esteja pronto para responder à minha segunda pergunta.

**Yagnavalkya**

Pergunta, Ó Gargi.

**Gargi**

Em que é o éter trançado, urdido e tecido?

**Yagnavalkya**

Os videntes, Ó Gargi, chamam-no de Akshara — a Realidade imutável. Ele não é grosso nem fino, não é curto nem longo, não é quente nem frio, não é claro nem escuro, não é da natureza do ar nem da natureza do éter. Ele não tem semelhanças. Ele não tem gosto ou cheiro, não tem olhos, ouvidos, linguagem, mente, vigor, alento, boca; ele não tem medida; ele não tem interior ou exterior. Ele não desfruta de nada; nada desfruta dele.

Ao comando de Akshara, Ó Gargi, o céu e a Terra mantêm suas posições. Ao comando de Akshara, Ó Gargi, os momentos, as horas, os dias e as noites, as quinzenas e os meses, as estações e os anos - todos seguem os seus caminhos. Ao comando de Akshara, Ó Gargi, os rios, que se originam das montanhas cobertas de neve, seguem seus cursos, alguns na direção do Leste, outros na direção do Oeste, e outros em diferentes direções.

Aquele, Ó Gargi, que, neste mundo, sem conhecer esse Akshara, realiza oblações, executa sacrifícios, pratica austeridades, mesmo por muitos milhares de anos, recebe pouco: suas oferendas e suas práticas são percíveis. Aquele, Ó Gargi, que parte deste mundo conhecendo Akshara é sábio.

Esse Akshara, Ó Gargi, não é visto, mas é aquele que vê, não é ouvido, mas é aquele que ouve, não pode ser pensado, mas é aquele que pensa, não é conhecido, mas é aquele que conhece. Não há outro que veja a não ser ele, não há outro que ouça a não ser ele, não existe outro pensador a não ser ele, não existe outro conhecedor a não ser ele. Em Akshara, na verdade, Ó Gargi, o éter é trançado, urdido e tecido.

**Gargi**

Venerados Brahmins, podereis sentir-vos abençoados se vos curvades diante dele. Ninguém derrotará Yagnavalkya, comentador da verdade de Brahman.

*Gargi ficou em silêncio. Yagnavalkya dirigiu-se aos sábios.*

Venerados Brahmins, fazei-me perguntas, se o desejardes - qualquer um de vós na assembléia, ou todos vós. Ou, se qualquer de vós o desejar, eu o questionarei. Ou vos questionarei a todos. *Porém os Brahmins permaneceram em silêncio.*

OM. . .

Em determinada ocasião, Janaka, rei de Videha, havendo-se sentado para dar audiência, viu o sábio Yagnavalkya entre seus visitantes e abordou-o.

**Janaka**

Yagnavalkya, o que vos traz aqui? Viestes pelo gado ou pela filosofia?

**Yagnavalkya**

Por ambos, Majestade. Desejo ouvir o que vossos mestres poderão ter-vos ensinado.

**Janaka**

Jitwa ensinou-me que a palavra é Brahman.

**Yagnavalkya**

Do mesmo modo como alguém que desde a infância foi adequadamente instruído, primeiro por sua mãe, depois por seu pai, e depois disso foi iniciado nos sagrados mistérios por um sábio - assim deveria tal pessoa ensinar, e assim Jitwa vos ensinou a verdade quando disse que a palavra é Brahman. Pois o que

poderia uma pessoa alcançar sem a palavra? Porém, falou-vos ele a respeito da morada e do suporte dessa Palavra de Brahman ?

**Janaka**

Não, não falou.

**Yagnavalkya**

Nesse caso, fostes ensinado parcialmente apenas.

**Janaka**

Ensina-me, então, Ó Yagnavalkya.

**Yagnavalkya**

O órgão da palavra é a sua morada, e o éter, a causa primeira do Universo, é seu eterno suporte. Meditai sobre a palavra como sendo idêntica ao conhecimento.

**Janaka**

O que é o conhecimento, Yagnavalkya?

**Yagnavalkya**

A palavra é conhecimento, Majestade. Pois, através da palavra, um amigo é conhecido e, igualmente, todo conhecimento, espiritual ou de outro tipo. Através da palavra, é obtido o conhecimento deste mundo e do próximo. Através da palavra, é obtido o conhecimento de todas as criaturas. A palavra, Majestade, é o Brahman Supremo.

**Janaka**

Eu vos darei mil vacas com um touro tão grande como um elefante para que me instruais.

**Yagnavalkya**

Meu pai era da opinião de que uma pessoa não deveria aceitar qualquer recompensa de um discípulo sem instruí-lo completamente. Desejo saber o que qualquer outra pessoa possa ter-vos ensinado.

**Janaka**

Udanka ensinou-me que a energia primordial é Brahman. Ele não me falou a respeito da sua morada e do seu suporte.

**Yagnavalkya**

O alento é a sua morada e o éter, o seu suporte. Dever-se-ia meditar sobre isso como precioso. Pois a vida é realmente preciosa. A energia primordial é Brahman. Dizei-me o que mais vos ensinaram.

**Janaka**

Barku ensinou-me que a visão é Brahman. Porém, ele não me ensinou a respeito da sua morada e do seu suporte.

**Yagnavalkya**

O olho é a sua morada e o éter, o seu suporte. Dever-se-ia meditar sobre isso como sendo a verdade. Pois é através da visão que os objetos são conhecidos. A visão é Brahman. O que mais aprendestes?

**Janaka**

Gardabhivipati ensinou-me que a audição é Brahman.

**Yagnavalkya**

O ouvido é a sua morada e o éter, o seu suporte. Dever-se-ia meditar sobre isso como ilimitado. Pois o som é levado pelo espaço, e o espaço é ilimitado. A audição é Brahman.

**Janaka**

Satyakama ensinou-me que a mente é Brahman.

**Yagnavalkya**

A mente é a sua morada e o éter, o seu suporte. Dever-se-ia meditar sobre isso como felicidade. Pois somente pela mente é a felicidade experimentada. A mente é Brahman.

**Janaka**

Vidagdha ensinou-me que o coração é Brahman.

**Yagnavalkya**

O coração é a sua morada e o éter, o seu suporte. Dever-se-ia meditar sobre isso como o lugar de repouso. Pois todos os seres encontram repouso no coração. O coração é Brahman.

*Janaka (descendo do seu trono e dirigindo-se humildemente ao sábio)*

Curvo-me diante de vós. Yagnavalkya, por favor, ensinai-me.

**Yagnavalkya**

Majestade, do mesmo modo como uma pessoa que pretende fazer uma longa jornada se mune de uma carroça ou de um barco, assim equipastes vossa mente com sagrada sabedoria. Sois honrado e rico, estudastes os *Vedas* e aprendestes os *Upanishads*.

Para onde ireis quando deixardes este corpo?

**Janaka**

Não sei, Venerável senhor.

**Yagnavalkya**

Dir-vos-ei para onde ireis.

**Janaka**

Dizei-me, por favor.

**Yagnavalkya**

Indha é o Eu identificado com o eu físico. Viraj, o mundo físico, é sua esposa, o objeto do seu prazer. O espaço dentro do coração é o seu lugar de união durante o sonho, quando o Eu está identificado com o corpo sutil, ou mente. O Eu no sonho sem sonhos se identifica com a força vital. Além disso, está o Eu Supremo - aquele que foi descrito como *não isto, não aquilo*. Ele é incompreensível, pois não pode ser compreendido; ele é indeteriorável, pois nunca se deteriora; ele é livre, pois nunca se apega; ele é irrestrito, pois nada pode restringi-lo. Ele nunca se fere. Vós o alcançastes, aquele que está livre do medo, Ó Janaka, e livre do nascimento e da morte.

**Janaka**

Possa essa ausência de medo vir a vós que nos ensinais a ausência de medo. Curvo-me diante de vós. Considerai este império de Videha, assim como eu próprio, a vosso serviço.

Numa certa ocasião, quando Yagnavalkya foi à corte do rei Janaka, o rei recebeu-o com uma pergunta.

**Janaka**

Yagnavalkya, o que serve como luz para o homem?

**Yagnavalkya**

A luz do Sol, Majestade; pois pela luz do Sol o homem se levanta, sai, realiza o seu trabalho e volta para casa.



**Janaka**

Isso, de fato, é verdade, Yagnavalkya. Porém, depois que o Sol se põe, o que serve então ao homem como a sua luz?

**Yagnavalkya**

A Lua é então a sua luz.

**Janaka**

Quando o Sol já se pôs, e a Lua já se pôs, o que serve então como luz?

**Yagnavalkya**

O fogo é então a sua luz.

**Janaka**

Depois que o Sol se põe, Ó Yagnavalkya, e a Lua se põe, e o fogo se apaga, o que serve então como a sua luz?

**Yagnavalkya**

O som é então a sua luz; pois com apenas o som como sua luz, o homem se levanta, sai, realiza o seu trabalho e volta para casa. Mesmo que ele não possa ver sua própria mão, quando ouve um som, ele se move na sua direção.

**Janaka**

Isso de fato é verdade, Ó Yagnavalkya. Quando o Sol já se pôs, a Lua já se pôs, o fogo já se apagou e nenhum som é ouvido, o que serve então como a sua luz?

**Yagnavalkya**

O Eu é, na verdade, a sua luz; pois pela luz do Eu o homem se levanta, se move, realiza o seu trabalho e, depois de fazer o seu trabalho, descansa.

**Janaka**

Quem é esse Eu?

**Yagnavalkya**

O ser autoluminoso que habita dentro do lótus do coração, circundado pelos sentidos e pelos órgãos dos sentidos, e que é a luz do intelecto, é esse Eu. Identificando-se com o intelecto, ele se move de um lado para outro, através do nascimento e da morte, entre este mundo e o próximo.

Identificando-se com o intelecto, o Eu se manifesta pensando, se manifesta movendo-se. Enquanto a mente está sonhando, o Eu também se manifesta sonhando e parece estar além do mundo próximo, assim como deste.

Quando o homem, a alma individual, nasce e assume o relacionamento com o corpo e os órgãos dos sentidos, torna-se associado com os demônios do mundo. Quando, ao morrer, abandona o corpo, deixa todos os demônios para trás.

Existem dois estados para o homem - o estado neste mundo e o estado no próximo; existe também um terceiro estado, o estado intermediário entre esses dois, que pode ser comparado ao sonho. Quando o homem se encontra nesse estado intermediário, experimenta os dois outros estados, o deste mundo e o do próximo, e isso ocorre da seguinte maneira: quando morre, ele vive apenas no corpo sutil, no qual são deixadas as impressões das suas ações passadas, e ele é consciente dessas impressões, que são iluminadas pela luz do Eu. A luz pura do Eu lhe fornece a luz. No estado intermediário, então, ele experimenta o primeiro estado, ou aquele da vida no mundo. Além disso, enquanto no estado intermediário, ele antevê tanto as calamidades como as bênçãos que lhe advirão, pois elas são determinadas pela sua conduta, boa e má, sobre a Terra, e pelo caráter no qual essa conduta resultou. É assim que, no estado intermediário, ele vivência o segundo estado, ou a vida no mundo que virá.

No estado intermediário, não existem carroças verdadeiras, nem cavalos, nem estradas; porém, pela luz do Eu, ele cria carroças, cavalos e estradas. Não existem bênçãos verdadeiras, nem venturas e

prazeres. Não existem lagoas, lagos, nem rios; mas ele cria lagoas, lagos e rios. Ele é o criador disso tudo a partir das impressões deixadas pelas suas ações passadas.

Com relação aos diferentes estados de consciência, está escrito:

*Enquanto alguém está no estado de sonho, o ser dourado, autoluminoso, o Eu interior, faz com que o corpo durma, embora ele permaneça sempre acordado e observe através da sua própria luz as impressões das ações que foram deixadas na mente. Depois disso, associando-se novamente com a consciência dos órgãos dos sentidos, o Eu faz com que o corpo acorde.*

*Enquanto alguém está no estado de sonho, o ser dourado, autoluminoso, o Eu interior, o Imortal, mantém viva a casa de matéria com o auxílio da força vital, porém, ao mesmo tempo, sai para fora dessa casa. O Eterno vai para onde deseja.*

*O ser dotado de luz própria assume inúmeras formas, altas e baixas, no mundo dos sonhos. Ele parece estar desfrutando o prazer do amor, ou rindo com amigos, ou observando espetáculos terríveis.*

*Todo mundo está consciente das experiências; ninguém vê o Experimentador.*

Alguns dizem que sonhar é apenas uma outra forma de se estar acordado, pois o que um homem experimenta enquanto está acordado experimenta novamente em seus sonhos. Seja como for, o Eu, nos sonhos, brilha pela sua própria luz.

### **Janaka**

Venerável senhor, ofereço-vos mil vacas. Instruí-me mais em benefício da minha liberação.

### **Yagnavalkya**

O Eu, tendo experimentado o prazer nos sonhos, ido aqui e acolá, tendo experimentado tanto o bem como o mal, chega ao estado do sono sem sonhos; depois, então, ele volta a sonhar. Seja o que for que ele possa experimentar nos sonhos, isso não o afeta, pois a verdadeira natureza do Eu permanece para sempre inalterada.

### **Janaka**

Assim é, na verdade, Yagnavalkya. Ofereço-vos mais mil vacas, Venerável senhor. Falai em benefício da minha liberação.

### **Yagnavalkya**

O Eu, tendo provado o prazer nos sonhos, tendo ido aqui e acolá, apressa-se em voltar ao estado de vigília, de onde começou. Seja o que for que ele possa experimentar nos sonhos, isso não o afeta, pois a verdadeira natureza do Eu permanece para sempre inalterada.

### **Janaka**

Assim é, na verdade, Yagnavalkya. Outras mil vacas serão vossas, Venerável senhor. Falai em benefício da minha liberação.

### **Yagnavalkya**

O Eu, tendo no estado de vigília experimentado os prazeres dos sentidos, tendo ido aqui e acolá, experimentado o bem e o mal, apressa-se em voltar aos seus sonhos.

Do mesmo modo como um grande peixe se move de uma margem para a outra de um rio, assim o Eu se move entre o sonho e a vigília.

Do mesmo modo como um falcão ou um gavião que voa no céu se cansa e, estirando as asas, volta ao seu ninho, assim o Eu se apressa a voltar àquele estado no qual, profundamente adormecido, não deseja mais desejos, e não sonha mais sonhos.

De fato, o Eu, em sua verdadeira natureza, está livre de desejos, livre do mal, livre do medo. Do mesmo modo como um homem, no abraço da sua amada esposa, não conhece nada que esteja fora, nada que esteja dentro, assim o homem unido com o Eu não conhece nada que esteja fora, nada que esteja dentro, pois nesse estado todos os desejos são satisfeitos. O Eu é o seu único desejo; ele está livre de desejos, ele vai além da dor.

Então, o pai não é pai, a mãe não é mãe; os mundos desaparecem, os deuses desaparecem, as escrituras desaparecem; o ladrão não existe mais, o assassino não existe mais, as castas não existem mais; não existe mais o monge ou o eremita. O Eu não é, então, tocado pelo bem ou pelo mal, e as dores do coração são transformadas em alegria.

Ele não vê, não sente odores, não sente gosto, não fala, não ouve, não pensa, não sente, não sabe; pois não existe nada separado dele, não há um segundo. Mas ele pode ver, pois a visão e ele são um só; mas ele pode sentir odores, pois o olfato e ele são um só; mas ele pode sentir gosto, pois o gosto e ele são um só; mas ele pode falar, pois a linguagem e ele são um só; mas ele pode ouvir, pois a audição e ele são um só; mas ele pode pensar, pois o pensar e ele são um só; mas ele pode tocar, pois o tato e ele são um só; mas ele pode saber, pois o saber e ele são um só. Eterna é a luz da consciência; imortal é o Eu.

Quando existe outro, então uma pessoa vê a outra, cheira a outra, prova a outra, fala a outra, ouve a outra, pensa na outra, toca e conhece a outra.

O Eu é puro como a água cristalina, o único que vê, o Uno sem um segundo. Ele é o reinado de Brahman, a meta mais elevada do homem, seu tesouro supremo, sua maior bem-aventurança. As criaturas que moram dentro dos liames da ignorância experimentam apenas uma pequena porção do seu infinito ser.

### **Janaka**

Tereis ainda outras mil vacas. Continuai falando, Venerável senhor, em benefício da minha liberação.

### **Yagnavalkya**

O Eu, tendo experimentado em sonhos os prazeres dos sentidos, tendo ido aqui e acolá, tendo experimentado o bem e o mal, apressa-se em voltar ao estado de vigília, onde começou.

Do mesmo modo como um homem passa do sonho à vigília, assim ele passa, ao morrer, desta vida para a próxima.

Quando um homem está para morrer, o corpo sutil, montado pelo Eu inteligente, geme - como geme uma carroça pesadamente carregada, sob a sua carga.

Quando seu corpo se torna franzino pela idade avançada ou pela doença, o homem que está para morrer se separa dos seus membros, do mesmo modo como uma manga, um figo, ou um fruto da banyon se separa do seu pé, e desse mesmo modo ele se dirige rapidamente para a sua nova morada, e ali assume outro corpo, para nele começar uma nova vida.

Quando seu corpo enfraquece e ele se torna aparentemente inconsciente, o homem que está à morte reúne seus sentidos e, recolhendo completamente os seus poderes, desce ao seu coração. Ele não vê mais a forma ou a cor do exterior.

Ele não vê, não sente cheiro ou gosto; não fala e não ouve; não pensa, não sabe. Pois todos os órgãos, ao se separarem do corpo físico, se unem com o corpo sutil. Então, o ponto do seu coração onde os nervos se unem torna-se iluminado pela luz do Eu, e ele parte por essa luz através do olho, através da porta do crânio, ou através de outra abertura do corpo. Quando ele parte desse modo, a vida parte; e quando a vida parte, todas as funções do princípio vital partem. O Eu permanece consciente e, consciente, o homem que morre vai para a sua morada. As ações desta vida, e as impressões que deixa para trás, o acompanham.

Do mesmo modo como uma sanguessuga, que, ao atingir o final de uma folha de grama, toma outra folha e se dirige para ela, assim o Eu, tendo deixado o corpo inconsciente para trás, toma outro corpo e se dirige para ele.

Do mesmo modo como um ourives, que toma um velho adorno de ouro e o transforma em outro, mais novo e mais belo, assim o Eu, após abandonar o corpo e deixá-lo inconsciente, toma uma forma melhor e mais nova, seja a dos pais, a dos cantores celestiais, a dos deuses, ou a de outros seres, celestes ou terrenos.

O Eu, na verdade, é Brahman. Através da ignorância, ele se identifica com o que é estranho a ele, e parece consistir de intelecto, compreensão, vida, visão, audição, terra, água, ar, éter, fogo, desejo e ausência de desejo, ira e ausência de ira, integridade e ausência de integridade. Ele parece ser todas as coisas — ora uma, ora outra.

Do mesmo modo como um homem age, assim ele se torna. Um homem de boas ações torna-se bom, um homem de más ações, torna-se mau. Um homem se torna puro através de ações puras, impuro através de ações impuras.

Conforme é o desejo de um homem, assim é o seu destino. Pois conforme é o seu desejo, assim é a sua vontade; conforme é a sua vontade, assim é a sua ação; e conforme é a sua ação, assim é a sua recompensa, boa ou má.

Um homem age de acordo com os desejos a que se apegar. Depois da morte, ele vai para o outro mundo, levando em sua mente as impressões sutis das suas ações; e, depois de colher ali o fruto das suas

ações, volta mais uma vez a este mundo de ação. Assim, aquele que tem desejo continua sujeito ao renascimento.

Porém aquele em quem o desejo se calou não passa pelo renascimento. Depois da morte, tendo atingido o que há de mais elevado, desejando apenas o Eu, ele não vai para nenhum outro mundo. Ao perceber Brahman, ele se torna Brahman.

Quando todos os desejos que uma vez entraram em seu coração tiverem sido expulsos pelo conhecimento divino, o mortal, atingindo Brahman, torna-se imortal.

Como a pele descartada pela cobra fica abandonada num formigueiro, assim fica o corpo de um homem depois da morte; ao passo que ele, liberto do corpo, torna-se uno com o espírito imortal, Brahman, a Luz Eterna.

### **Janaka**

Senhor, mais uma vez vos dou mil vacas. Continuai falando, para que eu possa ser liberado.

### **Yagnavalkya**

O caminho da liberação é sutil, duro e longo. Eu próprio estou caminhando nele, e ainda não alcancei o fim. Somente por esse caminho os sábios, os conhecedores de Brahman, tendo-o atingido enquanto vivem, alcançam a liberação final ao morrerem.

Outros mundos existem, sem alegria, envolvidos em escuridão. Para esses mundos, após a morte, vão aqueles que não são sábios, que não conhecem o Eu.

Quando um homem percebe o Eu, o puro, o imortal, o bem-aventurado, que anseio poderá ainda existir nele para que tome outro corpo, cheio de sofrimentos, e o satisfaça?

Aquele que uma vez conheceu a glória do Eu dentro do corpo efêmero — esse obstáculo à iluminação — sabe que o Eu é uno com Brahman, senhor e criador de tudo.

Brahman pode ser percebido enquanto ainda se habita o corpo efêmero. Ser incapaz de percebê-lo é viver na ignorância e, conseqüentemente, estar sujeito ao nascimento e à morte. Os conhecedores de Brahman são imortais; outros, não o conhecendo, continuam nas garras da dor.

Aquele que com o olho espiritual percebe diretamente o ser autofulgurante, o senhor de tudo o que foi, é e será - esse realmente está livre de medo, e não causa medo a ninguém.

Aquele que sabe que Brahman é a vida da vida, o olho do olho, o ouvido do ouvido, a mente da mente — esse, de fato, compreende plenamente a causa de todas as causas.

Brahman é percebido apenas pela mente purificada.

Não há diversidade em Brahman. Aquele que vê diversidade caminha de morte em morte.

Brahman só pode ser apreendido como o próprio conhecimento — conhecimento que é uma coisa só com a realidade, inseparável dela. Pois ele está além de toda prova, além de todos os instrumentos do pensamento. O eterno Brahman é puro, nunca nasceu, é mais sutil do que o mais sutil, maior do que o maior.

Que o aspirante sábio, então, sabendo que Brahman é a meta suprema, molde sua vida e sua conduta de forma a poder atingi-lo. Que não procure conhecê-lo através de argumentos, pois os argumentos são inúteis e vãos.

Verdadeiramente, Brahman é o grande que nunca nasceu e que reside no interior do lótus do coração, circundado pelos sentidos. Ele é o intelecto do intelecto, o protetor de todos, o senhor de todos, o rei de todos. Boas obras não o fazem maior, e nem as más o diminuem. Senhor, rei, protetor de todos, ele transcende os três mundos.

Os devotos procuram conhecê-lo pelo estudo, pelo sacrifício, pela continência, pela austeridade, pelo desapego. Conhecê-lo é tornar-se um daqueles que vêem. Desejando conhecê-lo, e somente a ele, os monges renunciam ao mundo. Percebendo a glória do Eu, os sábios de antigamente não ansiaram por filhos ou filhas. "O que temos a ver com filhos e filhas", perguntaram, "nós que conhecemos o Eu, que atingimos a suprema meta da existência?" Não mais desejando a prole, nem a riqueza, nem a vida em outros mundos, eles entraram no caminho da renúncia completa.

O anseio pela prole leva ao anseio pela riqueza, e o anseio pela riqueza leva ao anseio pela vida nos outros mundos. Existem dois anseios: o anseio por uma vida de prazer neste mundo, e o anseio por uma vida de maior prazer nos outros mundos.

O Eu deve ser descrito como *não isso, não aquilo*. Ele é incompreensível, pois não pode ser compreendido; indeteriorável, pois não deteriora; livre, pois nunca se apega; ilimitado, pois nada pode restringi-lo. Aquele que conhece o Eu não é afetado, seja pelo bem ou pelo mal. Nunca pensamentos do

tipo "fiz uma coisa má" ou "fiz uma coisa boa" chegam até ele. Ele transcendeu tanto o bem como o mal e, assim, nunca mais se preocupa com o que possa ou não possa ter feito.

A glória eterna do conhecedor de Brahman, que não tem início nem fim, revelada pelo conhecimento divino, não é aumentada ou diminuída pelas ações. Que um homem, portanto, procure encontrá-la, pois, após encontrá-la, não poderá jamais ser tocado pelo mal. Aquele que conhece o Eu possui autocontrole, é tranqüilo, equilibrado, livre de desejo. Absorto na meditação sobre o Eu, ele vê todos os seres nele. O mal não o toca, não o perturba, pois todo mal é queimado no fogo do seu conhecimento divino.

Livre do mal, livre do desejo, livre da dúvida, ele se torna um conhecedor de Brahman.  
Essa, Ó Rei, é a verdade de Brahman. Alcançai-a!

### **Janaka**

Venerável senhor, ofereço-vos o império de Videha, e eu junto com ele, para sermos vossos servos.

### **Yagnavalkya**

O Eu, o grande nunca não-nascido, o indeteriorável, o que não morre, o imortal, o que é livre de medo é, verdadeiramente, Brahman. Aquele que conhece Brahman não tem medo. Aquele que conhece Brahman torna-se Brahman!

Deuses, homens e asuras — todos os três descendentes de Prajapati  
- viveram com ele por certo tempo como discípulos.

Os deuses então disseram: "Ensinai-nos, senhor!" Em resposta, Prajapati proferiu uma sílaba: "Da." E então disse: "Compreendestes?" Eles responderam: "Sim, compreendemos. Vós nos dissestes: 'Damayata

- Possuí autocontrole" "Sim", concordou Prajapati, "vós compreendestes."

Os homens então disseram: "Ensinai-nos, senhor." Prajapati proferiu a mesma sílaba: "Da." E então disse: "Compreendestes?" Eles responderam: "Sim, compreendemos. Vós nos dissestes: 'Datta. — Sede caridosos.'" "Sim", concordou Prajapati, "vós compreendestes."

Os asuras então disseram: "Ensinai-nos, senhor." Prajapati proferiu a mesma sílaba: "Da." E então disse: "Compreendestes?" Eles disseram: "Sim, compreendemos. Vós nos dissestes: Dayadhvam — Sede compassivos.'" "Sim", concordou Prajapati, "vós compreendestes."

As nuvens de tempestade trovejam: "Da! Da! Da! — Possuí autocontrole ! Sede caridosos! Sede compassivos!"

## XI SWETASVATARA

*A Meditação pode ser apreendida, e deve ser praticada de acordo com regras reconhecidas. Através dos seus métodos, é possível perceber o Brahman pessoal, o qual, unido com Maya, cria, preserva e dissolve o Universo, e igualmente o Brahman impessoal, que transcende todas as formas de ser, que existe eternamente, sem atributos e sem ação.*

# SWETASVATARA

OM . . .

*Com nossos ouvidos, possamos ouvir o que é bom.*

*Com nossos olhos, possamos contemplar vossa integridade.*

*Tranqüilos no corpo, possamos nós, que vos veneramos, encontrar repouso.*

OM . . . Paz - paz - paz. OM . . .

*Salve o supremo Eu I*

OS DISCÍPULOS indagam no interior de si próprios:

Qual é a causa deste Universo? — Ê Brahman? De onde viemos? Por que vivemos? Onde finalmente descansaremos? Sob o comando de quem estamos atados pela lei da felicidade e seu oposto?

O tempo, a lei, o acaso, a matéria, a energia primordial, a inteligência - nenhum desses, nem uma combinação deles, pode ser a causa final do Universo, pois eles também são efeitos, e existem para servir a alma. Nem pode o Eu individual ser a causa, pois, estando sujeito à lei da felicidade e da miséria, não é livre.

Os videntes, absortos na contemplação, viram dentro de si próprios a realidade final, o ser autoluminoso, o único Deus, que mora como o poder autoconsciente em todas as criaturas. Ele é Um sem segundo. Ele habita o interior de todos os seres, oculto da vista pelos invólucros das *gunas* — *sattwa*, *rajas* e *tomas*. Ele reina sobre o tempo, o espaço e sobre todas as causas aparentes.

Este vasto Universo é uma roda. Sobre ela estão todas as criaturas que estão sujeitas ao nascimento, à morte e ao renascimento. Ela gira continuamente e nunca pára. Ela é a roda de Brahman. Enquanto o Eu individual pensa que é separado de Brahman, ele dá voltas sobre a roda ligado às leis do nascimento, da morte e do renascimento. Porém, quando, através da graça de Brahman, percebe sua identidade com ele, não gira mais sobre a roda. Ele alcança a imortalidade<sup>20</sup>.

Aquele que se realiza por transcender o mundo da causa e do efeito, em profunda contemplação, é expressamente declarado pelas escrituras como sendo o supremo Brahman. Ele é a substância; tudo o mais é a sombra. Ele é imperecível. Os que conhecem de Brahman o conhecem como a única realidade por trás de tudo o que é aparente. Por essa razão, são devotados a ele. Absortos nele, libertam-se da roda do nascimento, da morte e do renascimento.

O Senhor sustenta este Universo, que é feito do perecível e do imperecível, do manifesto e do imanifesto. A alma individual, esquecida do Senhor, apega-se ao prazer e, desse modo, se prende. Quando ela vem para o Senhor, é libertada de todos os seus grilhões.

A mente e a matéria, o senhor e o servo — ambas existem desde tempos sem início. *Maya*, que as une, também existe desde tempos sem início. Quando todas as três — a mente, a matéria e *Maya* — são conhecidas como unas com Brahman, percebe-se então que o Eu é infinito e não participa da ação. Revela-se então que o Eu é tudo.

A matéria é perecível. O Senhor, o destruidor da ignorância, é imperecível, imortal. Ele é o único Deus, o Senhor do perecível e de todas as almas. Ao meditar sobre ele, ao se unir a ele, ao se identificar com ele, a pessoa deixa de ser ignorante.

Conhecei Deus, e todos os grilhões serão afrouxados. A ignorância desaparecerá. O nascimento, a morte e o renascimento não mais existirão. Meditai sobre ele e transcendei a consciência física. Assim alcançareis a união com o senhor do Universo. Assim vos identificareis com ele, que é Um sem ter segundo. Nele, todos os vossos desejos serão realizados.

A verdade é que estais sempre unidos com o Senhor. Porém, tendes que *saber* disso. Não há nada além disso para se saber. Meditai, e perceberéis que a mente, a matéria e *Maya* (o poder que une a mente e a matéria) são apenas três aspectos de Brahman, a realidade única.

O fogo, apesar de estar presente nos gravetos, não é percebido até que um graveto seja friccionado contra outro. O Eu é como esse fogo: é percebido no corpo pela meditação sobre a sílaba sagrada OM.

Que vosso corpo seja o graveto que é friccionado, e a sagrada sílaba OM, o graveto que se fricciona contra ele. Assim perceberéis Deus, que está oculto dentro do corpo como o fogo está oculto dentro da madeira.

---

<sup>20</sup> Aparece aqui, pela primeira vez na literatura hindu conhecida, a imagem da roda aplicada ao nascimento, à morte e ao renascimento.

Como o óleo nas sementes de gergelim, a manteiga na nata, a água no leite do rio, o fogo no pavio, o Eu habita dentro da alma. Percebei-o através da honestidade e da meditação.

Como a manteiga na nata, o Eu está em tudo. O conhecimento do Eu é obtido através da meditação. O Eu é Brahman. Através de Brahman, toda a ignorância é destruída.

Para perceber Deus, controlai em primeiro lugar os sentidos exteriores e utilizai a mente. Meditai então sobre a luz no coração do fogo — meditai, melhor dizendo, sobre a consciência pura como sendo diferente da consciência comum do intelecto. Assim o Eu, a Realidade Interior, poderá ser visto além da aparência física.

Controlai vossa mente de forma que a Realidade Final, o Senhor autoluminoso, possa ser revelada. Lutai com veemência pela eterna bem-aventurança.

Com a ajuda da mente e do intelecto, impedi que os sentidos se apeguem aos objetos do prazer. Eles então serão purificados pela luz da Realidade Interior, e essa luz será revelada.

Os sábios controlam suas mentes, e unem seus corações com o Senhor infinito, onisciente, que tudo permeia. Somente almas capazes de discernimento praticam as disciplinas espirituais. Grande é a glória do ser autoluminoso, a Realidade Interior.

Escutai, todos vós, crianças da bem-aventurança imortal, e também vós, deuses que habitais nos céus: segui apenas os passos dos iluminados, e, através de contínua meditação, incorporai tanto a mente como o intelecto ao Brahman eterno. O Senhor glorioso vos será revelado.

Controlai a força vital. Acendei o Eu interior pela prática da meditação. Embriagai-vos com o vinho do amor divino. Desse modo atingireis a perfeição.

Sede devotados ao Brahman eterno. Uni a luz no vosso interior com a luz de Brahman. Dessa forma, a fonte de ignorância será destruída, e vos erguereis acima do karma.

Sentai-vos eretos, mantendo o peito, o pescoço e a cabeça erguidos. Voltai os sentidos e a mente para o interior, na direção do lótus do coração. Meditai sobre Brahman com o auxílio da sílaba OM. Interceptai as temíveis correntes do oceano da prolixidade com a jangada de Brahman — a sagrada sílaba OM.

Mantende os sentidos sob controle com intenso esforço. Controlando a respiração, regulai as atividades vitais. Do mesmo modo como um cocheiro contém seus cavalos rebeldes, assim um aspirante perseverante contém sua mente.

Retirai-vos para um lugar solitário, como uma gruta na montanha ou qualquer local sagrado. O lugar deve ser protegido do vento e da chuva, e deve possuir um chão suave e limpo, livre de pedras e da poeira. Não deve ser úmido, e deve estar livre de ruídos perturbadores. Deve ser agradável à vista e tranqüilizador para a mente. Sentados ali, praticai a meditação e outros exercícios espirituais.

Ao praticardes a meditação, podereis ter visões de formas que lembram a neve, o cristal, o vento, a fumaça, o fogo, o relâmpago, vaga-lumes, o Sol, a Lua. Esses são indícios de que estais em vosso caminho para a revelação de Brahman.

Ao vos absorverdes na meditação, perceberéis que o Eu é separado do corpo e por essa razão não será afetado pela doença, pela velhice ou pela morte.

Os primeiros sinais de progresso no caminho da ioga são a saúde, uma sensação de leveza física, uma tez límpida, uma voz bela, um odor agradável na pessoa e a libertação dos desejos.

Como uma peça de metal manchada reluz intensamente quando polida, assim o habitante do corpo, ao perceber a verdade do Eu, é libertado da dor e obtém a bem-aventurança.

O ioguim experimenta diretamente a verdade de Brahman ao perceber a luz do Eu dentro de si. Ele é libertado de todas as impurezas — ele, o puro, o que nunca nasceu, o luminoso.

Ele é o Deus único, que está presente no Norte, no Leste, no Sul e no Oeste. Ele é o criador. Ele penetra em todos os úteros. Somente ele nasce agora como todos os seres, e somente ele nascerá como todos os seres no futuro. Ele está no interior de todas as pessoas como o Eu interior, olhando para todas as direções.

Adoremos o Senhor, o luminoso, que está no fogo, que está na água, que está nas plantas e nas árvores, que permeia todo o Universo.

A Existência única absoluta, impessoal, junto com sua inescrutável *Maya*, aparece como o Senhor divino, o Deus pessoal, contemplado com inúmeras glórias. Com seu poder divino, ele mantém o domínio sobre todos os mundos. Nos períodos de criação e dissolução do Universo, só ele existe. Aqueles que o percebem tornam-se imortais.



O Senhor é Um sem segundo. Com seu poder divino, ele reina sobre todos os mundos. Ele habita o interior do homem, e o interior de todos os outros seres. Ele projeta o Universo, sustenta-o e recolhe-o dentro de si.

Seus olhos estão em todos os lugares; sua face, seus braços, seus pés estão em todos os lugares. Ele criou a partir de si próprio os céus e a Terra, e, com seus braços e suas asas, os mantém unidos.

Ele é a origem e o apoio dos deuses. Ele é o Senhor de tudo. Ele espalha bem-aventurança e sabedoria sobre aqueles que são dedicados a ele. Ele destrói seus pecados e suas dores.

Ele pune os que infringem as suas leis. Ele tudo vê e tudo sabe. Possa ele contemplar-nos com bons pensamentos.

Ó senhor, revelastes vossa sagrada sílaba OM, que é Una convosco. Em vossas mãos existe uma arma com a qual a ignorância é destruída. Ó protetor de vossos devotos, não oculteis vossa benigna pessoa.

Sois o supremo Brahman. Sois infinito. Assumistes as formas de todas as criaturas, permanecendo oculto dentro delas. Vós permeais tudo. Vós sois o único Deus do Universo. Aqueles que vos percebem tornam-se imortais.

Disse o grande vidente Swetasvatara:

Conheci, além de toda a escuridão, aquela grande Pessoa de fulgor dourado. Somente através do conhecimento dele se pode conquistar a morte. Não existe qualquer outra forma de escapar da roda do nascimento, dá morte e do renascimento.

Não existe nada superior a ele, nada diferente dele, nada mais sutil ou superior a ele. Sozinho, ele permanece, imutável, autoluminoso; ele, o Grande, preenche este Universo.

Embora preencha o Universo, ele o transcende. Ele não é tocado por suas misérias. Ele não tem forma. Aqueles que o conhecem tornam-se imortais. Outros permanecem nas profundezas da miséria.

O Senhor Deus, que tudo permeia e é onipresente, habita o coração de todos os seres. Cheio de graça, ele, ao final, dá a liberação a todas as criaturas voltando suas faces na direção dele.

Ele é o Eu mais profundo. Ele é o grande Senhor. É ele que revela a pureza dentro do coração mediante a qual ele, que é puro ser, pode ser alcançado. Ele é o governante. Ele é a grande Luz, que brilha para sempre.

Esse grande Ser, assumindo uma forma do tamanho de um polegar, habita para sempre os corações de todas as criaturas como seu Eu mais profundo. Ele pode ser conhecido diretamente pelo coração purificado através do discernimento espiritual. Ao conhecê-lo, os homens tornam-se imortais.

Esse grande Ser possui mil cabeças, mil olhos e mil pés. Ele envolve o Universo. Embora transcendente, deve-se meditar sobre ele como residindo no lótus do coração, no centro do corpo, dez dedos acima do umbigo.

Somente ele é *tudo isso* — o que já foi e o que será. Ele se tornou este Universo. Contudo, permanece para sempre imutável, e é o senhor da imortalidade.

Seus mãos e pés estão em todos os lugares, seus olhos, cabeças e bocas estão em todos os lugares. Seus ouvidos estão em todos os lugares. Ele permeia tudo no Universo.

Sem possuir órgãos de sentidos, mas refletindo as atividades dos sentidos, ele é o senhor e governante de tudo.

Ele é o amigo e o refúgio de todos.

Ele reside no corpo, a cidade de nove portões. Ele se distrai no mundo exterior de inúmeras formas. Ele é o mestre, o governante de todo o mundo, do animado e do inanimado.

Ele se move rapidamente, embora não tenha pés. Ele segura tudo, embora não tenha mãos. Ele vê tudo, embora não tenha olhos. Ele ouve tudo, embora não tenha ouvidos. Ele conhece tudo, mas ninguém o conhece. Ele é chamado o Supremo, o Grande.

Mais sutil do que o mais sutil, maior do que o maior, o Eu está oculto no coração de todas as criaturas. Através da sua graça, o homem abandona os seus desejos, transcende a dor, e o percebe como o Brahman supremo.

Ó Brahman Supremo!

Vós não possuís forma, contudo,

(Embora ninguém saiba a razão)

Criais muitas formas;

Vós as criais, e então

As recolheis dentro de vós.

Enchei-nos com os vossos pensamentos!

Vós sois o fogo,  
Vós sois o Sol,  
Vós sois o ar,  
Vós sois a Lua,  
Vós sois o firmamento estrelado,  
Vós sois o Supremo Brahman:  
Vós sois as águas — vós,  
O criador de tudo!

Vós sois a mulher, vós sois o homem,  
Vós sois o jovem, vós sois a donzela,  
Vós sois o ancião que cambaleia com seu cajado;  
Vós estais voltado para todos os lados.

Vós sois a borboleta escura,  
Vós sois o papagaio verde com olhos vermelhos,  
Vós sois a nuvem de trovoada, as estações, os mares.  
Sois sem princípio,  
Além do tempo, além do espaço.  
Vós sois aquele de quem brotaram  
Os três mundos.

*Maya* é a vossa consorte divina —  
Casada convosco.  
Vós sois o seu senhor, o seu governante.  
Ela é vermelha, branca e negra,  
Sendo cada cor uma guna.  
Inúmeros são os seus filhos —  
Os rios, as montanhas,  
Flor, pedra e árvore,  
Besta, pássaro e homem —  
De todos os modos, iguais a ela própria.  
Vós, espírito na carne,  
Esquecendo o que sois,  
Unistes-vos *com Maya*,  
Porém apenas por uma estação.  
Separando-vos finalmente dela,  
Vós vos recuperastes.

Vós, imortal Brahman,  
E vós, feito de barro  
(Dois seres, porém um só) —  
Como dois belos pássaros,  
De plumagem dourada,  
Inseparáveis companheiros,  
Empoleirados nos altos galhos  
Da mesma árvore —  
Como homem provais  
Os doces frutos da árvore,  
Os frutos doces e os amargos:  
Porém, como Brahman, senhor de *Maya*,  
Permaneceis invisível,  
Imóvel,  
Calmamente observando.

Esquecendo sua unidade convosco,

Desnortado pela sua fraqueza,  
Cheio de dor está o homem;  
Deixai-o, porém, olhar-vos de perto,  
Conhecer-vos como a ele mesmo,  
Ó Senhor, o mais venerado,  
E contemplar a vossa glória —  
Vejam; toda a sua profunda dor  
transforma-se em alegria.

Imutável sois vós,  
Supremo, puro!  
Em vós moram os deuses.  
Vós sois a fonte de todas as escrituras:  
Porém, que proveito terão as escrituras  
Se forem suaves nos lábios,  
Mas ausentes do coração?  
Para aquele que vos conhece chega a plenitude  
Para ele somente!

Vós sois o Senhor e o Mestre de *Maya*,  
O homem é seu escravo.  
Unindo-vos *com Maya*, elaborastes o Universo.  
Vós sois a fonte de todas as escrituras,  
E a fonte de todos os credos.  
O Universo é a vossa *Maya*;  
E vós, grande Deus, seu senhor,  
Onde quer que o olho caia,  
Ali, dentro de todas as formas,  
Vós habitais.

Vós sois um só, apenas um.  
Nascido de muitos úteros,  
Vós vos tornastes muitos:  
Para vós todos retornam.  
Vós, Senhor Deus, concedei todas as bênçãos,  
Vós a Luz, vós o Adorável.  
Quem quer que vos encontre  
Encontra paz infinita.

Vós sois o Senhor Deus de todos os deuses,  
Todos os mundos descansam em vós;  
Vós sois o governante das bestas,  
De duas patas, de quatro patas;  
Seja vossa a devoção dos nossos corações!  
Vós sois o Senhor bem-aventurado,  
Mais sutil do que o mais sutil.  
Somente em vós existe paz.

Vós, único guardião do Universo,  
Vós, senhor de tudo,  
Nos corações das criaturas  
Vós vos escondéis.  
Os Deuses e os que vêm se tornam Um convosco.  
Aqueles que vos não conhecem não morrem.

De todas as religiões vós sois a fonte.

Ao brilhar a luz do vosso conhecimento,  
Não existe dia ou noite,  
Ser ou não ser —  
Somente vós sois.

Somente vós sois — vós a Luz  
Imperecível, adorável;  
Grande Glória é o vosso nome.  
Ninguém está ao vosso lado,  
Ninguém é igual a vós.

Invisível é a vossa forma,  
Invisível aos olhos mortais;  
Só aqueles que vêem  
Em seus corações purificados —  
Só eles vos vêem.  
Só eles são imortais.  
Nem macho nem fêmea vós sois,  
Nem neutro;  
Seja qual for a forma que assumis,  
Isso sois vós.

Vós permeais o Universo,  
Vós sois a própria consciência,  
Vós sois o criador do tempo.  
Onissapiente sois vós.  
Ao vosso comando, *Maya*,  
Vosso poder divino,  
Projeta este Universo visível,  
Projeta o nome e a forma.

Vós sois o Ser Primordial.  
Vós apareceis como este Universo  
De ilusão e de sonho.  
Vós estais além do tempo.  
Indivisível, infinito, o Adorável -  
Que um homem medite sobre vós  
Dentro do seu coração,  
Que ele se consagre a vós,  
E vós, Senhor infinito,  
Vos dareis a conhecer a ele.

Vós, útero e túmulo do Universo,  
E seu domicílio;  
Vós, fonte de toda virtude,  
Destruidor de todos os pecados —  
Vós estais instalado no coração.  
Quando sois visto,  
O tempo e a forma desaparecem.  
Que o homem sinta a vossa presença,  
Que vos contemple interiormente,  
E a ele virá a paz,  
Paz eterna -  
Para ninguém mais, para ninguém mais!

Vós sois o eterno entre não-eternos,

A consciência do consciente;  
Embora único, preencheis  
Os desejos de muitos.

Que o homem se dedique  
A conhecer-vos,  
Que siga o vosso caminho,  
E ele vos conhecerá:  
Todos seus grilhões serão afrouxados.

Pode um homem enrolar o céu  
Como um pedaço de pele?  
Pode ele pôr fim à sua miséria  
E não vos conhecer?

Se um homem devotado a Deus no mais alto grau meditar a respeito das verdades dessas escrituras, e se esse homem for tão dedicado ao seu Guru como é dedicado a Deus, essas verdades realmente resplandecerão.

OM... Paz — paz — paz.

## XII KAIVALYA

*O sábio que, pela fé, pela devoção e pela meditação, percebeu o Eu e se tornou uno com Brahman é libertado da roda da mudança e escapa do renascimento, da dor e da morte.*

# KAIVALYA

*Que Brahman nos proteja,  
Que ele nos guie,  
Que ele nos dê força e entendimento correto.  
Que o amor e a harmonia estejam com todos nós.  
OM . . . Paz - paz - paz.*

## Discípulo

MESTRE, ensinai-me o conhecimento de Brahman. Ouvi dizer que esse é o conhecimento supremo, oculto e sagrado, perseguido pelos sábios, e que aquele que o procura é libertado das impurezas e alcança o Ser Supremo.

## Mestre

Procurai conhecer Brahman adquirindo fé na palavra das escrituras e na vosso Guru. Sede devotado a Brahman. Meditai sobre ele incessantemente. Não é pelo trabalho, nem pela descendência, nem pela riqueza, e sim pela devoção a ele e pela indiferença para com o mundo que o homem atinge a imortalidade.

O céu supremo brilha no lótus do coração. Nele penetram aqueles que lutam e aspiram. Ao compreender o espírito dos ensinamentos das escrituras, eles renunciam ao mundo.

Retirai-vos para a solidão. Sentai-vos num lugar limpo, numa postura ereta, com a cabeça e o pescoço em linha reta. Sede indiferentes ao mundo. Controlai todos os órgãos dos sentidos. Curvai-vos em devoção ao vosso Guru. Penetrai então no lótus do coração e meditai ali na presença de Brahman - o puro, o infinito, o bem-aventurado.

Não-manifesto aos sentidos, além de todo o pensamento, infinito na forma, é Deus. Ele é o realizador de todo o bem; ele é para sempre tranquilo; ele é imortal. Ele é Único, sem começo, meio ou fim; ele tudo permeia. Ele é sabedoria infinita, e é bem-aventurança.

Aqueles que vêem meditam sobre ele e atingem a fonte de todos os seres, a testemunha de tudo. Ele vai além de toda escuridão. Ele é Brahman, ele é Shiva, ele é Indra, ele é a Realidade suprema, imutável. Ele é Vishnu, ele é a energia primordial, ele é a eternidade. Ele é tudo. Ele é o que já foi e o que será. Ele é eterno. Aquele que o conhece conquista a morte. Não existe nenhum outro caminho para a liberação.

Vendo o Eu em todos os seres, e todos os seres no Eu, chega-se a Brahman. Esse é o único caminho.

A mente pode ser comparada a um graveto, a sílaba OM, a outro. Esfregai os dois gravetos repetindo as palavras sagradas e meditando sobre Brahman, e a chama do conhecimento se acenderá no vosso coração e todas as impurezas serão queimadas.

Ele, como o Eu, está em todas as formas, porém oculto pela ignorância. Quando se encontra no estado de sonho que os homens chamam de vigília, ele se torna o eu individual, e desfruta da comida, da bebida e de muitos outros prazeres. Quando se encontra no estado de sonho que os homens denominam sonho, ele está feliz ou miserável devido às criações da sua mente. E quando se encontra no estado de sonho que os homens chamam de sono sem sonhos, ele é tomado pela escuridão, nada sente, desfruta do repouso.

Quando ele morre, nasce novamente, e as circunstâncias da sua nova vida são determinadas pelas suas ações passadas e pelos hábitos que formou. Ele continua a viver nos três estados de consciência — no estado de vigília, no sonho e no sono sem sonhos. Enquanto continua nesses três estados, ele é o Eu individual. Ele, como o eu, é infinito, indivisível; ele é consciência, bem-aventurança. Nele estão fundidos todos os três estados de consciência. Dele nascem a mente, a vida e os sentidos; a terra, o ar, a água, o fogo e o éter. Ele é a realidade que está por trás de toda existência.

Ele é o Brahman Supremo. Ele está em tudo, ele é a base de tudo. Ele é mais sutil do que o mais sutil. Ele é eterno. Vós sois ele! Vós sois ele!

Aquele que elaborou este grande espetáculo do estado de vigília, do sonho e do sono sem sonhos — eu sou ele. Eu sou Brahman: sabeis disso, e quebrai todos os liames.

Nos três estados de consciência, seja o que for que apareça como o que desfruta o prazer ou como o objeto do prazer, sou a testemunha, separado de tudo. Sou consciência pura. Sou o eterno Shiva.

De mim tudo emerge, em mim tudo existe, e para mim tudo volta. Sou Brahman — o Um sem segundo.

Sou mais sutil do que o mais sutil; sou maior do que o maior; sou o Ser Eterno. Sou este Universo múltiplo. Sou o Senhor de fulgor dourado. Sou Shiva.

Não tenho mãos nem pés. Ninguém pode conceber meus poderes divinos. Eu vejo, embora não tenha olhos. Ouço, embora não tenha ouvidos. Conheço tudo, porém ninguém me conhece. Sou a sabedoria infinita. Sou aquele que deve ser conhecido através das escrituras. Sou o conhecedor de todas as escrituras. O mérito e o demérito não me afetam. Não nasci; não tenho corpo, sentidos ou mente. Eu, o Eu Supremo, resido no lótus do coração. Sou puro. Sou Um sem segundo.

OM ... Paz - paz — paz.